

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: GEOGRAFIA E GESTÃO DO
TERRITÓRIO**

RELIGIOSIDADE E MODOS DE VIDA: a (re)construção do

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

RODRIGO BORGES DE ANDRADE

**RELIGIOSIDADE E MODOS DE VIDA: a (re)construção do
lugar na comunidade rural Tenda do Moreno em
Uberlândia-MG**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de Concentração: Geografia e Gestão do Território.

Orientador: Prof^o. Dr. Rosselvelt José Santos

**Uberlândia/MG
INSTITUTO DE GEOGRAFIA
2007**

Dados Internacionais de Catalogação em Publicação (CIP)

A 3r Andrade, Rodrigo Borges de, 1978-
Religiosidade e modos de vida a (re)construção do lugar na
comunidade rural Tenda do Moreno em Uberlândia - MG / Rodrigo
Borges de Andrade. - 007.

1 f. il.

Orientador: Rosselvelt José Santos
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Geografia.

Inclui bibliografia.

1. Geografia humana - Teses. 2. Comunidade rural - Desenvol -
vimento - Uberlândia (MG) - Teses. 3. Religiosidade - Teses. I.
Santos, Rosselvelt José. II. Universidade Federal de Uberlândia.
Programa de Pós-Graduação em Geografia. III Título.

CDU 911.3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RODRIGO BORGES DE ANDRADE

**RELIGIOSIDADE E MODOS DE VIDA: a (re)construção do
lugar na comunidade rural Tenda do Moreno em
Uberlândia-MG**

Prof^o. Dr. Rosselvelt José Santos (Orientador)

Prof^a. Dra. Maria Geralda de Almeida

Prof^a. Dra. Mônica Chaves Abdala

Uberlândia-MG, ____/____ de ____

Resultado: _____

À Bárbara minha mãe abençoada, Akely
minha companheira, e Catherine minha
bebezinha.

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento desta pesquisa não seria possível sem a contribuição de diferentes pessoas e instituições, visto que a “vida acadêmica” não se desvencilha de nossa “vida familiar”.

Desse modo, agradeço a todos os membros da comunidade Tenda do Moreno, os quais forneceram importantes subsídios necessários à realização deste trabalho, em especial aos senhores e senhoras, Edésio Gomes e Délvia, Derly Rodrigues e Iranita, Edésio Rodrigues e Maria Aparecida, Luís Mário e Marlei, Márcio Antônio e Lilian, Valdemar Carrijo, e Dário Martins.

Aos funcionários do Museu Municipal de Uberlândia, Marcos Henrique e Maria Núbia; e também do Arquivo Público Municipal, Josefa (“Jô”), Nádia e Sônia, pela atenção e prestatividade a mim dedicadas durante minhas pesquisas nos acervos destas instituições.

Ao professor, orientador e amigo, Rosselvelt José Santos, agradeço pelo apoio e confiança depositados em minha pessoa durante os anos de convívio no Laboratório de Geografia Cultural e Turismo e agora também no curso de mestrado. Seu acompanhamento como orientador foi decisivo e importante para que eu pudesse chegar à pós-graduação.

Aos colegas do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo, em especial a Arley, Braconaro, Cíntia, Dani, Douglas, Leomar, Luana, Nelson e Paulo Henrique, que fizeram contribuições importantes ao desenvolvimento da minha pesquisa de mestrado durante as reuniões do Núcleo de Estudos Diálogos com a Geografia.

Aos professores e funcionários do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia devo boa parte dos sucessos alcançados durante minha carreira acadêmica, outrora na graduação e hoje na pós-graduação.

Agradeço também a CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pelo incentivo e contribuição cedidos através da bolsa de pesquisa de mestrado.

A minha mãe, Bárbara, sempre disposta a ajudar-me na “caminhada da vida”, por meio de seus conselhos, preces e orações orientadas ao meu bem-estar.

Ao meu pai, Baltazar, por sua esperança em tornar-me um indivíduo habilitado a buscar o conhecimento e a formação educacional.

Aos meus irmãos, Alexandre e Fabiana, pelo apoio constante no dia-a-dia.

A Akely, minha companheira, que me acompanha de perto nos bons e maus momentos da vida, sempre me apóia na tomada de decisões, e que trouxe ao mundo um maravilhoso fruto de nosso relacionamento, Catherine nossa filha.

A todos os amigos (as) que conviveram comigo ao longo do curso de graduação em geografia, em especial a Guilherme e Thiago (“Cabeça”) que me auxiliou na elaboração dos documentos cartográficos presentes neste trabalho.

Viver é (se) representar mas também transgredir as representações. Falar é designar o objeto ausente, passar da distância a ausência preenchida pela representação. Pensar é representar mas também superar as representações (LEFEBVRE, 1980 apud LUTFI et al, 1996, p.97).

RESUMO

Neste trabalho, procurou-se analisar o processo de formação e reorganização do lugar, a partir do mundo vivido dos pequenos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, localizada no município de Uberlândia-MG, sendo que foram considerados os costumes, práticas culturais e religiosas, bem como as relações sociais de produção. O principal objetivo foi analisar como se deu a construção do lugar e os arranjos sociais e culturais que permitem às pessoas se reproduzirem enquanto uma comunidade, no contexto do século XXI. As origens históricas da sua formação territorial estão ligadas à instalação das primeiras propriedades rurais do município, no início do século XIX, cujo contingente populacional, representado por donos de terras, agregados e parceiros, foi responsável pelo surgimento de bairros rurais que posteriormente tomaram a forma da comunidade Tenda do Moreno. Os conteúdos sociais e a substância do lugar se caracterizaram pela influência da religiosidade nos modos de vida, os quais estabeleciam práticas sócio-culturais permeadas por valores morais e religiosos comuns e promoviam a sociabilidade e reciprocidade entre as pessoas, como no caso das relações sociais de produção, baseadas na instituição da ajuda mútua, no mutirão e na tração. A produção das fazendas era mediada pela conquista dos meios de vida com excedentes direcionados para a geração de rendimentos monetários. No entanto, essa realidade foi mudada a partir da década de 1980, quando a modernização das atividades agropecuárias, no município de Uberlândia, e a demanda dos mercados consumidores urbanos por produtos hortifrutigranjeiros impuseram a subordinação dos pequenos produtores à lógica do capital, por meio da especialização produtiva em hortifruticultura. Essas mudanças ocasionaram o declínio da produção de subsistência familiar, devido a sua mercantilização, e também afetaram, diretamente, parte das práticas sócio-culturais e religiosas ligadas à sociabilidade comunitária entre os moradores. Apesar disso, o lugar se particularizou por mesclar diferentes relações de produção advindas de temporalidades sociais que permaneceram no mesmo espaço, ou seja, a chegada de elementos e conteúdos ditos modernos não eliminou as possibilidades

ABSTRACT

In this work focused on analyzing the process of cr

LISTA DE FIGURAS

1 – Selarias e instrumentos, utilizados para montaria e para apascentar rebanhos, produzidos artesanalmente.....	45
2 – Ferramentas produzidas artesanalmente em ferrarias.....	45
3 – Pilão de madeira (porção inferior direita) e gamelas (porção inferior esquerda), utilizadas como pratos e tigelas.....	46
4 – Engenho de cana caseiro utilizado para moer a cana-de-açúcar.....	47
5 – Residência de Felisberto A. Carrejo onde funcionou a primeira escola de alfabetização, localizada na Fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG.....	50
6 – Ao fundo: Escola Municipal Rural Nestor Rezende, localizada na fazenda Marimbondo - Município de Uberlândia-MG.....	58
7 – Ao fundo: Escola Municipal Rural Felisberto Carrejo, localizada na fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG.....	58
8 – Ao fundo: Escola Municipal Rural dos Morenos - Município de Uberlândia-MG.....	59
9 – Ao fundo: Escola Municipal Rural Lagoa - Município de Uberlândia-MG.....	59
10/11 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Lado esquerdo: rodovia municipal 030 (trevo de acesso). Lado direito: Mercearia.....	61
12 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Ao fundo: Escola Municipal do Moreno.....	62
13 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno: Capela São José do Moreno.....	62
14/15 – Comunidade Tenda do Moreno – Lado Esquedo: Cruzeiro localizado nas margens da rodovia municipal 030. Lado Direito: Cruzeiro localizado na Capela São José do Moreno.....	74
16/17 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo – Lado esquerdo: Oratório disposto na parede do quarto da residência. Lado direito: Detalhe das imagens sacras expostas no oratório.....	79
18 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Antigo produtor rural ao lado do arado Chatanola, o qual era tracionado por bois e utilizado no preparo dos solos para o plantio de arroz, feijão e milho nas terras de cultura.....	109
19 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Antigo produtor rural demonstrando como era feita a utilização da plantadeira manual (“matraca”) no plantio de sementes.....	109
20 – Município de Uberlândia: Localização dos Conselhos Comunitários Rurais.....	128
21 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Pastagem plantada utilizada pela pecuária leiteira.....	138
22 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo. A frente: Plantação de Milho. Ao fundo (lado direito): Plantação de bananeiras.....	142

23 – Comunidade Tenda do Moreno – Vista parcial do lago da usina hidrelétrica Amador Aguiar I.....	148
24 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Produção artesanal de queijos.....	149
25 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo. Porção direita: Plantação de hortaliças irrigada com aspersores de água.....	155
26 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda da Tenda: Pastagem degradada e sem uso econômico.....	158
27 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Plantação de bananeiras às margens do córrego Ressaca.....	159
28 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: Plantação de chuchu.....	159
29 – Comunidade Tenda do Moreno. Ao centro (lado direito): Área utilizada para o plantio de tomate, preparada com a fixação de estacas de bambu, para a sustentação da planta.....	160
30 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Solo preparado para o plantio de soja, próximo à cabeceira do córrego Marimbondo e da cidade de Uberlândia.....	161
31 – Comunidade Tenda do Moreno – Capela São José do Moreno: detalhe da inscrição do nome da capela em sua fachada frontal.....	175
32 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: festeiro recebe a imagem de São José para transportá-la até o local improvisado para celebração da missa.....	180
33 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: disposição do local preparado para celebração da missa.....	181
34 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D’água: aglomeração de pessoas durante a celebração de missa.....	182
35 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D’água: ritual de bênção e purificação das residências sendo executado pelo padre.....	185
36 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: padre abençoando as prendas doadas pelos novenários para serem leiloadas.....	185
37 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: variedade de prendas colocadas sobre a mesa.....	187
38/39 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: leiloeiros apresentando as prendas para serem leiloadas.....	188
40 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: casal de festeiros da festa de São José 2006 (lado direito) e o casal de festeiros escolhidos para o ano de 2007 (lado esquerdo), ambos casais residentes na cidade de Uberlândia.....	199
41 – Comunidade Tenda do Moreno: antigo salão paroquial da comunidade localizado ao lado da Capela São José do Moreno.....	201

LISTA DE MAPAS

1 – Propriedades Rurais dos Irmãos Carrejo (década de 1840).....	43
2 – Localização do Centro Comunitário da Tenda do Moreno.....	64
3 – CALU: Municípios Fornecedores de Leite (1982).....	125
4 – Uso e Ocupação do Solo: Área de Abrangência da Comunidade Tenda do Moreno.....	157

LISTA DE QUADROS

1 - Ciclo produtivo das culturas anuais.....	110
--	-----

LISTA DE TABELAS

1 – Município de Uberlândia: Porcentagem do número e área das propriedades, por grupo de área.....	131
2 – Município de Uberlândia: Utilização de arados e tratores na agricultura.....	133
3 – Conselhos Comunitários (Tenda – Olhos D’água – Terra Branca): Principais Cultivos – 1988.....	141

LISTA DE GRÁFICOS

1 – Conselhos Comunitários Rurais: Uso de Adubo na Agricultura – 1988 (% de propriedades).....	136
2 – Conselhos Comunitários Rurais: Uso de Defensivos na Agricultura – 1988 (% de propriedades).....	136
3 – Festa de São José do Moreno 2006: Origem Domiciliar dos Participantes.....	183

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
ORIGENS HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E ESPACIAL DA COMUNIDADE TENDA DO MORENO	27
1.1 – Espaço, paisagem, território e lugar na formação da comunidade Tenda do Moreno: uma discussão teórico-metodológica.....	28
1.2 – A construção das paisagens rurais no município de Uberlândia.	40
1.3 – A formação territorial da comunidade Tenda do Moreno e a construção do lugar.....	42
PRÁTICAS SÓCIO-CULTURAIS E RELIGIOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES DO LUGAR.....	67
2.1 – Cultura e identidade no processo de estruturação do lugar.....	68
2.2 – Religiosidade, terra, trabalho e relações sociais de produção: elementos da (re) produção do lugar.	76
2.2.1 – Relações comunitárias e autonomia das práticas religiosas.....	76
2.2.2 – Propriedade privada da terra: mecanismo de mediação de relações sociais entre as pessoas do lugar.....	83
2.2.3 – Cotidiano e trabalho: costumes, práticas culturais e relações sociais de produção.....	92
2.2.4 – Produção dos meios de vida e organização produtiva do espaço vivido.	106
ESPECIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS: rearranjos da produção e metamorfoses sócio-espaciais no lugar	122
3.1 – Características da modernização das atividades agropecuárias no espaço rural do município de Uberlândia.	123
3.2 – Integração dos produtores ao mercado: as transformações das relações sociais de produção e a vida social no lugar.	138
RELIGIOSIDADE E SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA: possibilidades da (re)construção do lugar	166
4.1 – Festa de São José do Moreno: manifestação da vitalidade do lugar.....	175
4.2 – Religiosidade e comunidade: laços, enraizamentos e pertencimentos com o lugar.....	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS	205
REFERÊNCIAS.....	211

INTRODUÇÃO

O espaço não pode ser estudado como se os objetos materiais que formam a paisagem trouxessem neles mesmos sua própria explicação. Isso seria adotar uma metodologia puramente formal, espacista, ignorando os processos que ocasionaram as formas (M. SANTOS, 1982, p.40).

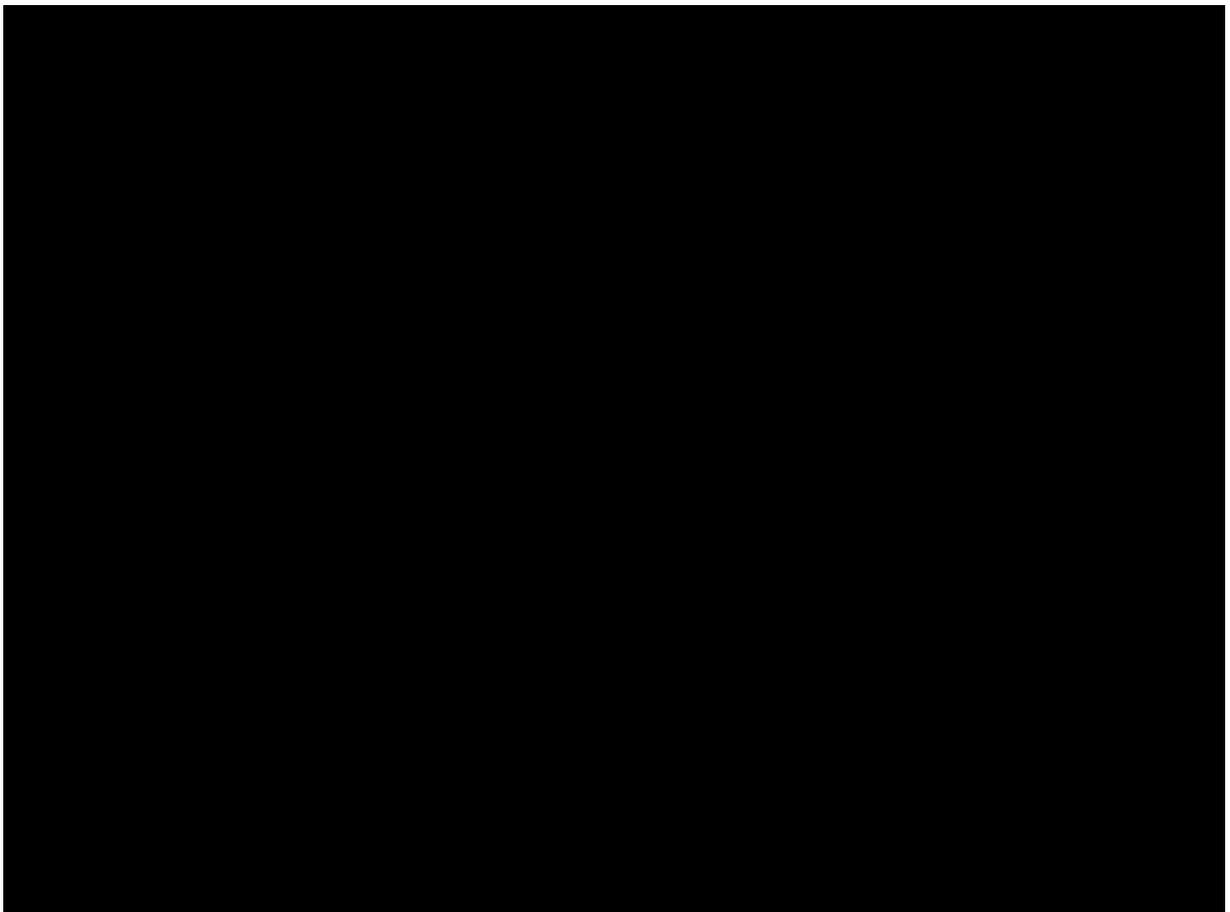


Imagem do satélite SPOT 5: Enquadramento visual das paisagens rurais da comunidade Tenda do Moreno – município de Uberlândia (porção esquerda) e parte do município de Araguari (ao lado da margem direita do curso d'água). Fonte: Consórcio Capim Branco de Energia. Data: 21/01/2006.

O interesse em propor o presente estudo se deu, primeiramente, pelo contato e a leitura de obras relacionadas à Geografia Cultural. A aproximação com essa área da ciência geográfica despertou o interesse do pesquisador pelo estudo dos modos de vida e da cultura, enquanto categorias de análise e entendimento da construção das paisagens e principalmente, de lugares, como porções de espaços sociais para a vida (CARLOS, 1999).

Sendo assim, entende-se que as abordagens necessárias à leitura das paisagens, pelo geógrafo, não devem se resumir às observações superficiais e parciais. A leitura dos seus componentes deve ultrapassar a dimensão do visível, do funcional e do material, e penetrar nas dimensões simbólicas, que dão significados às práticas culturais, religiosas e socioeconômicas, por meio do estudo do lugar.

Desde as duas últimas décadas do século XX, a Geografia Cultural vem ganhando expressão no cenário dos estudos acadêmicos brasileiros e isto se deve, principalmente, à revalorização das análises geográficas em torno da cultura. Apesar de se considerar a existência de opiniões divergentes quanto a isso, o presente trabalho foi fundamentado sob as discussões em torno dessa área da ciência geográfica.

Essa redefinição no panorama da Geografia brasileira se fez com a afirmação dos objetos de estudo da Geografia Cultural em nível internacional, sendo iniciada, primeiramente, nas escolas francesa, alemã e norte-americana, a partir da renovação das temáticas e abordagens, principalmente no que se refere ao papel do homem na construção das paisagens.

O ressurgimento da geografia cultural se faz num contexto pós-positivista e vem da consciência de que a cultura reflete e condiciona a diversidade da

organização espacial e sua dinâmica. A dimensão cultural torna-se necessária para a compreensão do mundo (CORRÊA, 1999, p.51).

Desse modo, por volta das décadas de 1980 e 1990, assistiu-se ao (re)nascimento de uma nova Geografia Cultural, na qual se recuperou a importância da dimensão cultural do espaço nos estudos geográficos.

No cenário acadêmico da Geografia Cultural brasileira destacam-se as importantes pesquisas que vêm sendo desenvolvidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura – NEPEC, sediado no Departamento de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.

Na visão de Claval (1997), a Geografia Cultural moderna desenvolve novas abordagens ao considerar o homem como foco das análises, sendo que esse ramo da ciência geográfica baseia-se em três eixos principais:

[...] primeiro, a parte das sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois compreendida como uma criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (CLAVAL, 1997, p.92).

Neste sentido, despontam alguns temas erigidos como objetos de estudo dos geógrafos culturais, dentre eles o lugar, como categoria-chave, espaço vivido, religião, percepção ambiental e identidade espacial (CORRÊA, 1999).

A escolha do objeto de estudo delimitado no presente trabalho se deu após o desenvolvimento de pesquisas na área rural do município de Uberlândia, nas quais apesar de se terem abordado temas afins à Geografia Cultural, foram analisados aspectos distintos daqueles aqui propostos.

Nas pesquisas relacionadas a outros projetos do Laboratório de Geografia Cultural e Turismo, do Instituto de Geografia/IGUFU, realizou-se um registro do

patrimônio cultural material e imaterial de cinco lugares rurais localizados na bacia do rio Araguari, sendo estes as comunidades rurais do Salto e do Fundão, no município de Araguari-MG; os distritos de Cruzeiro dos Peixotos e de Martinésia e a comunidade rural Tenda do Moreno, no município de Uberlândia-MG.

Durante as pesquisas realizadas foram estabelecidas vivências que permitiram conhecer diferentes aspectos ligados ao cotidiano da comunidade Tenda do Moreno. Essa experiência despertou indagações a respeito do lugar, principalmente no que se refere à importância da religiosidade dos moradores locais nos seus modos de vida, bem como na sua integração como grupo social.

A comunidade Tenda do Moreno localiza-se na bacia hidrográfica do rio Araguari, na porção leste do município de Uberlândia-MG, entre seus limites urbanos e o vale do mesmo rio, na divisa com o município de Araguari-MG (Mapa 2).

O principal acesso à comunidade é feito pela rodovia municipal 030, conhecida popularmente como *Estrada do Pau-Furado*, que se inicia no Bairro Morumbi, na cidade de Uberlândia. Como será visto no primeiro capítulo, os limites da localidade não são definidos pontualmente, seguem o desenho territorial de algumas propriedades rurais.

Num mundo dito globalizado e moderno, faz-se necessário romper alguns paradigmas, como o espaço rural concebido apenas como lócus da produção agropecuária e da reprodução do capital. Essa tarefa pode seguir o caminho das discussões relacionadas à ciência geográfica, pois é preciso considerar que, por detrás dos processos produtivos, existem as humanidades, que constroem, reproduzem e transformam hábitos, valores, crenças, técnicas e costumes, ao longo da história.

Sendo assim, entende-se que, na realização de pesquisas acadêmicas, pode-se retratar o universo do objeto de estudo sob diferentes enfoques. No caso desta dissertação de mestrado, focar-se-á o mundo vivido¹ da comunidade rural Tenda do Moreno a partir de seus costumes, das práticas sócio-culturais e religiosas, das relações sociais de produção, bem como das transformações ocorridas na localidade desde a época de sua formação; com o objetivo de compreender a (re)construção do lugar.

Na visão de Bonnemaison² (2000 apud SEEMANN, 2003, p.1): “O ser humano se compreende pelo ambiente que habita, e habitar um lugar significa conhecê-lo, transformá-lo e humanizá-lo”.

Partindo-se do pressuposto de que as práticas culturais, religiosas e socioeconômicas caracterizam os modos de vida das pessoas e grupos sociais, as palavras de Bonnemaison podem auxiliar no entendimento do mundo vivido dos moradores locais, bem como do lugar Tenda do Moreno.

A partir dessas considerações, levantaram-se algumas indagações. Como se deu o processo histórico de formação territorial e sócio-cultural da comunidade Tenda do Moreno? Como a religiosidade, as práticas culturais e as relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade caracterizaram a construção do lugar? Como as transformações inerentes à modernização das atividades

¹ A compreensão da noção de mundo vivido, para a Geografia, está alicerçada nas contribuições da fenomenologia. “O mundo vivido, na perspectiva geográfica, poderia ser considerado como o substrato latente da experiência”(BUTTIMER, 1982, p.180). “A experiência do mundo vivido seria descrita como a orquestração de vários ritmos têmporo-espaciais; os das dimensões fisiológica e cultural da vida, os dos diferentes estilos de trabalho e os de nossos meios ambientes físico e funcional”(Ibidem, p.189). Neste sentido, entende-se que o mundo vivido se assenta nas dimensões de tempo, espaço e natureza social, as quais influenciam a experiência humana. Em contrapartida, essas dimensões são modificadas a partir das práticas cotidianas presentes na vida diária das pessoas, pois o mundo vivido se trata de um “mundo prático”. Conforme será visto neste trabalho, na comunidade Tenda do Moreno esse mundo é permeado por valores morais baseados na religiosidade católica e reúne diferentes temporalidades sociais.

² BONNEMAISON, Joël. *La Géographie Culturelle*. Paris: Éditions du C.T.H.S., 2000.

agropecuárias no espaço rural do município de Uberlândia penetraram e impregnaram, com novos valores, o mundo vivido dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno? A partir da década de 1980, como a modernização da agricultura e outros processos produtivos provocaram ajustes e adaptações nas práticas socioeconômicas, culturais e religiosas presentes no lugar? Como a manifestação dos costumes envolvidos nas práticas religiosas contribui para a (re)construção do lugar e a reprodução dos produtores, enquanto grupo social?

Portanto, tornou-se importante um estudo dos modos de vida e de trabalho presentes na comunidade Tenda do Moreno, bem como das práticas sócio-culturais e religiosas dos moradores locais que caracterizam o lugar e constituem os elementos fundantes de fixação do grupo social no lugar.

O trabalho foi desenvolvido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, procurou-se discutir os pressupostos teórico-metodológicos que dão suporte ao desenvolvimento do trabalho, a partir da análise dos conceitos de espaço, paisagem, território e lugar; e analisar o processo de formação territorial e sócio-cultural da comunidade Tenda do Moreno, apresentando as características históricas da produção do espaço no município de Uberlândia, a partir da ocupação das propriedades rurais no início do século XIX, bem como a importância das técnicas e saberes produtivos das populações, nesse processo.

No segundo capítulo, foram analisados os costumes, práticas culturais e religiosas e as relações sociais de produção estabelecidas entre membros da comunidade Tenda do Moreno, responsáveis pela construção do lugar, por meio da influência da religiosidade católica no cotidiano das pessoas.

O principal objetivo do segundo capítulo foi caracterizar os modos de vida e de trabalho dos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, dando ênfase aos saberes e crenças populares; às técnicas e relações sociais de produção; aos valores simbólicos e de uso da terra; à produção dos meios de vida; e à manifestação da religiosidade no mundo vivido.

Após investigar o processo de construção do lugar, buscou-se, no terceiro capítulo, analisar como a modernização das atividades agropecuárias no município de Uberlândia acarretou mudanças no mundo vivido dos produtores da comunidade Tenda do Moreno e redefiniu as práticas socioeconômicas, culturais e religiosas presentes no lugar.

O foco principal do terceiro capítulo está relacionado aos motivos que levaram os pequenos produtores tradicionais da comunidade Tenda do Moreno a especializarem suas atividades agropecuárias, com vistas às demandas dos mercados consumidores urbanos, principalmente por produtos ligados à hortifruticultura.

No quarto e último capítulo, buscou-se compreender como as práticas sócio-culturais inscritas na realização dos festejos religiosos representam um elemento integrador da comunidade Tenda do Moreno, contribuindo para a manutenção dos momentos de sociabilidade comunitária entre seus membros e, principalmente, para a (re)construção do lugar.

Desse modo, o principal objetivo do quarto capítulo foi caracterizar os costumes e relações sociais envolvidos na realização da festa de São José do Moreno, padroeiro da comunidade Tenda do Moreno, as representações simbólicas

que medeiam a dimensão cultural e religiosa da vida das pessoas do lugar, e o papel das redes familiares nas manifestações da religiosidade individual e coletiva.

Por meio desta pesquisa elaborou-se um registro dos modos de vida e de trabalho responsáveis pela construção e reprodução do lugar, bem como dos pertencimentos dos moradores locais da comunidade Tenda do Moreno. O ponto de partida das análises foi delimitado a partir da primeira metade do século XIX, momento histórico em que se iniciou o processo de ocupação do espaço rural do município de Uberlândia, até os primórdios do século XXI.

No desenvolvimento do presente trabalho procurou-se compreender, elucidar e explicar os processos que implicaram a (re)construção do lugar, identificando as tensões sociais, valorizando as falas, os gestos, os relacionamentos entre familiares e vizinhos, os desencontros entre a conquista dos meios de vida e as relações sociais de produção, sendo que se valorizou, como “fio condutor” da pesquisa, a ligação da religiosidade com os modos de vida e de trabalho das pessoas, bem como a influência dos valores morais e religiosos no estabelecimento das relações sociais que dão vida ao lugar.

Por este caminho foi-se percebendo que, no espaço vivido, as relações sociais vêm tornando as práticas culturais e religiosas repletas de significados que se enraízam a partir dos usos e apropriações que seus moradores fazem do lugar. Contudo, isso não elimina as contradições, sendo que, nesse processo, essas relações vão-se caracterizando sempre com certas inovações.

Esses entendimentos permitiram desenvolver procedimentos metodológicos que levaram às revisões bibliográficas, visando à elaboração de um referencial teórico a respeito do assunto proposto; pesquisa de fontes históricas, como livros,

revistas, jornais e acervos culturais de museus; participação de seminários com o orientador e membros do Núcleo de Estudos Diálogos com a Geografia/IGUFU; realização de trabalhos de campo com o objetivo de observar, descrever e analisar as práticas sócio-culturais e religiosas presentes na comunidade estudada; estabelecimento de diálogos com os moradores locais e pessoas que visitam a localidade durante as festas religiosas e outros eventos comunitários, com o objetivo de compreender o lugar a partir das relações e tensões sociais que se estabelecem na comunidade Tenda do Moreno.

As vivências foram estabelecidas por meio de trabalhos de campo, em que se procuraram valorizar os relatos orais e identificar os pertencimentos, as práticas cotidianas, e obter indicações que permitissem compreender os processos de (re)construção do lugar, seus vínculos sociais, suas formas de aderências entre os moradores, memórias sociais, resistências, significações e tensões sociais.

Cabe ressaltar que o registro digital dos relatos orais obedeceu ao consenso e à decisão de cada pesquisado, visto que houve a preocupação em respeitar os direitos das pessoas que não permitiram a transcrição direta das entrevistas.

Na perspectiva de analisar o lugar e seus conteúdos sociais, na pesquisa de campo realizaram-se observações e descrições a respeito dos modos de vida e de trabalho presentes na área de estudo. No contato com a comunidade foram estabelecidos roteiros de trabalho que tinham como objetivo registrar as histórias de vida, buscando um entendimento das relações sociais que promoveram as aderências sociais do grupo no espaço e que, portanto, estão implicadas na construção de formas de viver e de relacionar-se com o mundo. Desse modo, a

comunidade Tenda do Moreno foi analisada a partir dos seus conteúdos históricos, culturais, religiosos e sócio-econômicos, bem como das relações e tensões sociais.

Apesar de o universo de pessoas pesquisadas ter abrangido diferentes grupos sociais, por motivos metodológicos enfocaram-se, em primeiro lugar, os modos de vida e de trabalho dos pequenos produtores rurais. Conforme será analisado no segundo e terceiro capítulos, há um predomínio numérico de pequenas propriedades rurais na comunidade Tenda do Moreno, as quais refletem, condignamente, a característica fundiária em que se constituiu o mundo vivido das pessoas do lugar.

Para o desenvolvimento do primeiro capítulo fizeram-se, como encaminhamento metodológico, pesquisas em acervos históricos do Museu Municipal e Arquivo Público Municipal de Uberlândia, bem como em livros e revistas relacionados ao período de ocupação do município de Uberlândia e formação da comunidade Tenda do Moreno.

Sendo assim, em um primeiro momento foram abordadas as origens históricas da ocupação e povoamento na região do Triângulo Mineiro, visando compreender o contexto histórico-social da produção do espaço no município de Uberlândia.

A partir disso, pôde-se conhecer as particularidades do processo histórico de povoamento e criação das primeiras propriedades rurais que deram origem à comunidade Tenda do Moreno, bem como conhecer o acervo das técnicas e saberes produtivos que faziam parte do mundo vivido das populações pioneiras na ocupação da localidade.

Os procedimentos metodológicos do segundo capítulo foram fundamentados por pesquisas históricas, cujo recorte histórico foi delimitado entre o início do século XX e a década de 1980, utilizando-se o conteúdo bibliográfico da revista *Uberlândia Ilustrada*.

Outra importante etapa foram as pesquisas de campo, realizadas por meio do registro de relatos orais de 14 pessoas, que detinham informações ou vivenciaram o momento histórico retratado neste capítulo.

Para se compreender o processo de construção do lug

A partir das informações de campo, identificaram-se as principais transformações nos modos de vida e de trabalho dos pequenos produtores tradicionais. Estas estiveram ligadas ao processo de modernização das atividades econômicas no espaço rural do município de Uberlândia, a partir da década de 1970, cujos efeitos repercutiram na especialização da produção agropecuária das pequenas propriedades, a partir da década de 1980.

Com relação ao quarto capítulo, trabalhou-se com 10 pessoas e também se estabeleceram observações de campo junto aos moradores da comunidade, que permitiram registrar-se as práticas culturais envolvidas na realização dos festejos religiosos. Nesse procedimento, tornou-se possível entender o papel da religiosidade católica como elemento integrador da comunidade Tenda do Moreno, bem como o conhecimento dos principais aspectos ligados à (re)construção do lugar.

Desse modo, foi importante estar presente durante a realização dos eventos definidos no calendário religioso da Capela São José do Moreno, principalmente nos dias da novena da Festa em Louvor a São José, padroeiro da comunidade Tenda do Moreno.

Com o objetivo de compreender como a religiosidade se liga aos modos de vida dos moradores locais e caracterizaram o processo de (re)construção do lugar, foi necessário conhecer as condições históricas de povoamento e formação da comunidade Tenda do Moreno.

Neste sentido, realizou-se uma incursão histórica até o início do século XIX, quando se começou a ocupação das primeiras propriedades rurais do município de Uberlândia.

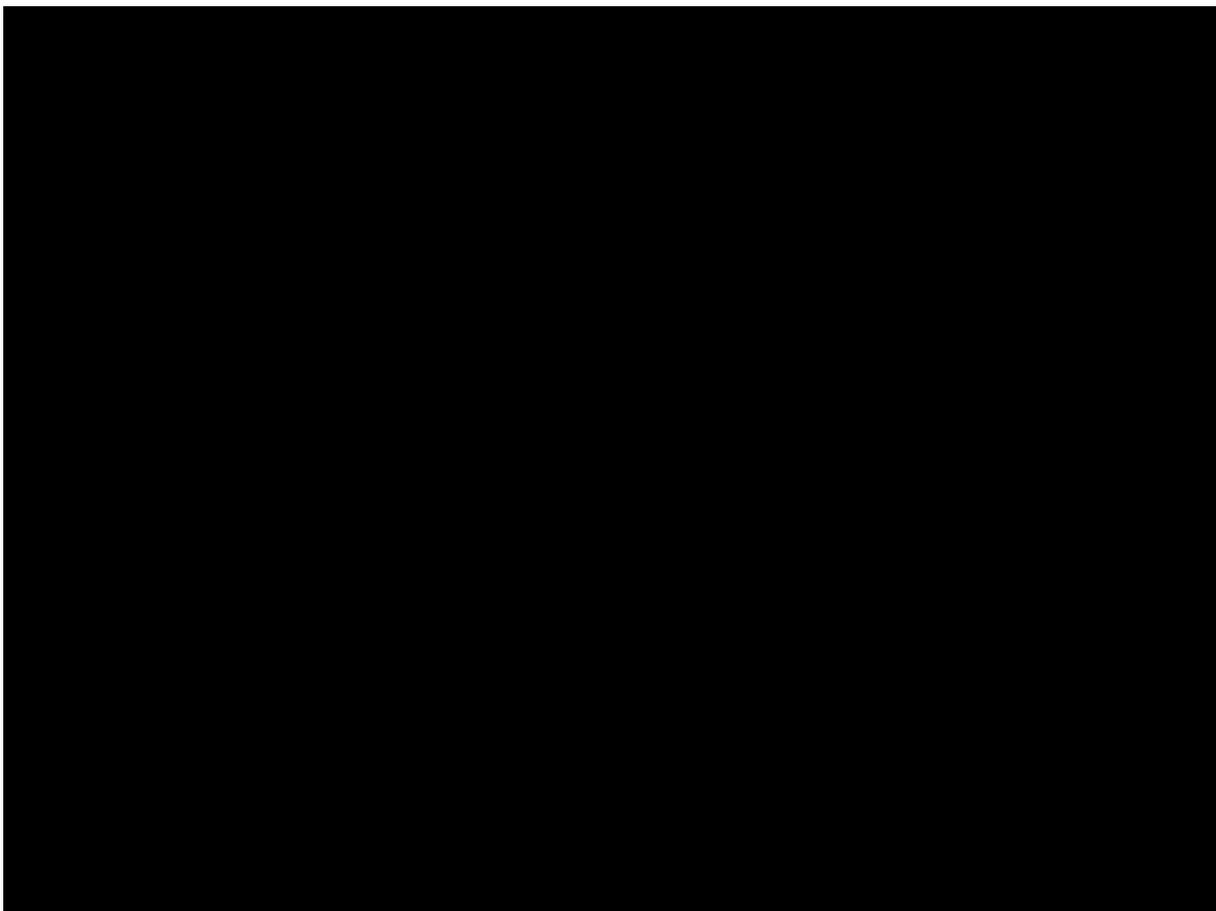
As descobertas foram requerendo um entendimento da importância dos resíduos culturais³, das suas aderências ao processo de (re)construção do lugar e da fixação do grupo social, bem como as suas habilidades em enfrentar as contradições geradas no espaço vivido da comunidade Tenda do Moreno.

³ Neste trabalho, os resíduos culturais são definidos e entendidos como sendo os conteúdos históricos presentes na memória coletiva e no imaginário social das pessoas do lugar, os quais possibilitam reproduzir relações, práticas e eventos sócio-culturais e religiosos específicos de outros momentos da história, e que se inscrevem no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno em diferentes escalas da vida, conforme será visto ao longo dos capítulos.

CAPÍTULO 1

ORIGENS HISTÓRICAS DA FORMAÇÃO SÓCIO-CULTURAL E ESPACIAL DA COMUNIDADE TENDA DO MORENO

Até 1722 esta pequena faixa de terra que representa geograficamente o nariz do Triângulo Mineiro, vinha sendo desprezada pelas bandeiras, dadas as suas condições geográficas, que não ofereciam garantias aos caçadores de metais preciosos (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.1).



Reprodução do modelo de acampamento utilizado por bandeirantes e tropeiros na região do Triângulo Mineiro nos séculos XVIII e XIX. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

1.1 – Espaço, paisagem, território e lugar na formação da comunidade Tenda do Moreno: uma discussão teórico-metodológica.

A Geografia, entendida como uma ciência, pressupõe a existência de objetos de estudo diversos, sendo que, elegendo-se a relação sociedade x espaço como foco das análises da ciência geográfica, surgem para os geógrafos diversos temas a serem pesquisados.

Ao considerar a relação sociedade x espaço entende-se que essas duas categorias de análise englobam ainda outras mais, como *natureza* e *tempo*. Em Geografia, a preocupação com a definição de seu objeto de estudo também levou em conta a definição de seus conceitos chave, como espaço, paisagem, região, lugar e território, os quais, dependendo dos conteúdos sócio-espaciais, ganharam maior ou menor destaque, ao longo da história do pensamento geográfico.

Sendo assim, as pesquisas realizadas no campo da Geografia necessitam de balizamentos teórico-metodológicos, os quais dão subsídio ao desenvolvimento dos objetivos propostos para cada tema pesquisado.

Quando se definiu, como objeto de estudo, a comunidade rural Tenda do Moreno, essa preocupação foi fundamental na determinação dos objetivos do presente trabalho. Neste sentido, entendeu-se ser necessária a revisão dos conceitos de *espaço*, *paisagem*, *território* e *lugar*.

Tomando como ponto de partida das discussões o conceito de espaço, no que tange ao processo histórico de formação da comunidade Tenda do Moreno, foi necessário considerar a categoria *tempo*.

Na concepção tempo-espaço pode se afirmar que o espaço é herdado e redefinido pelo homem, estando então relacionado a uma condição social e histórica. No entanto, deve-se considerar que nele convivem diferentes temporalidades sociais, caracterizadas por várias relações sociais. Neste sentido, para analisá-lo é necessário revelar as práticas sócio-culturais dos diferentes grupos humanos. Segundo Martins (1996), tais diferenças se inscrevem no espaço porque:

[...] Na realidade coexistem relações sociais que têm datas diferentes e que estão, portanto, numa relação de descompasso e desencontro. Nem todas as relações sociais têm a mesma origem. Todas sobrevivem de diferentes momentos e circunstâncias históricas (MARTINS, 1996, p.15).

Considerando as contribuições de Milton Santos (1982, p.1), no que se refere à concepção tempo-espaço, “o espaço é acumulação desigual de tempos”. Sendo assim:

[...] num mesmo espaço coabitam tempos diferentes, tempos tecnológicos diferentes, resultando daí inserções diferentes do lugar no sistema ou na rede mundial (mundo globalizado), bem como resultando diferentes ritmos e coexistências nos lugares (SUERTEGARAY, 2001, p.96).

Desse modo, pode-se afirmar que o espaço social reúne relações sociais que proporcionam transformações de várias ordens, ao longo de um determinado tempo histórico, e possui um caráter multidimensional, ou seja, agrupa aspectos culturais, religiosos, políticos e sócio-econômicos.

Suertegaray (2001), ao se referir à operacionalidade dos conceitos de paisagem, território e lugar, afirmou:

Considero estes conceitos mais operacionais, pois visualizo neles uma perspectiva balizadora da Geografia sob diferentes óticas do espaço geográfico, ou seja, cada conceito expressa uma possibilidade de leitura de espaço geográfico delineando, portanto, um caminho metodológico (SUERTEGARAY, 2001, p.96).

Considerando-se os conceitos chave – paisagem, território e lugar – como caminhos teórico-metodológicos que permitem compreender o espaço em sua totalidade e multiplicidade, pode-se afirmar que a paisagem se apresenta como o ponto de partida das análises geográficas, sobretudo com preocupações culturais, pois se encontra compartimentada por meio das características naturais (*paisagens naturais*) e das marcas impostas pelas práticas sociais e espaciais (*paisagens culturais*). “[...] os espaços geográficos, como as paisagens, podem ser organizados em grupos de diferentes escalas e serem considerados unidades de uma taxonomia geográfica” (TROLL, 1997, p.2).

No que tange à paisagem geográfica, entende-se que sua composição agrupa fatores de ordem física e cultural num determinado recorte temporal e espacial. Os componentes físicos são delimitados pelas formas do relevo, vegetação, e hidrografia. Quanto aos aspectos culturais, pode-se tratar das funções sociais, religiosas e econômicas da paisagem, e seus conteúdos simbólicos e materiais produzidos pelo homem.

Portanto, ao analisar o processo de formação espacial da comunidade Tenda do Moreno, a paisagem se revelou um importante instrumento de entendimento da construção dos núcleos rurais de povoamento, visto que as fazendas que atualmente (2007) fazem parte da comunidade refletem resquícios da organização espacial dos primeiros povoados que surgiram no lugar. Segundo Troll (1997, p.3): “Todas as paisagens refletem também transformações temporais e conservam testemunhos de tempos passados”.

Para Corrêa & Rosendahl (1998), a paisagem geográfica apresenta cinco dimensões: morfológica, definida pela natureza e ações humanas; funcional, devido

às relações entre suas diversas partes; histórica, pois, é fruto das atuações do homem; espacial, por possuir um recorte no espaço; e simbólica, por aglutinar conteúdos culturais imateriais, como valores, crenças, mitos e utopias.

A reunião de fatores físicos e culturais na paisagem é ressaltada nas palavras de Sauer (1998). De acordo com o autor, a paisagem é:

[...] uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto, definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais (SAUER, 1998, p.23).

Segundo Dardel⁴, citado por Holzer (1999, p.159), a paisagem representa “[...] a inserção do homem no mundo [...] a manifestação de seu ser para com os outros, base de seu ser social”.

Essa conceituação, criada no bojo da escola francesa de Geografia, refere-se a uma definição existencialista do termo, que entende a paisagem não somente pelo que é visível, ou seja, delimitado pelo campo visual; considera, também, outros aspectos de sua essência, entre eles os elementos culturais. Desse modo, define a paisagem tanto pela unicidade de seus elementos naturais quanto pela relação do homem com a natureza. Na primeira consideração, tratar-se-ia de paisagens naturais e, na segunda, de paisagens culturais.

Segundo Sauer (1998, p.59): “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado”.

⁴ DARDEL, Eric. *L'homme et la terre-nature de la réalité géographique*. Paris: CTHS, 1990 [1 ed.

Desse modo, as paisagens culturais podem ser entendidas como fruto da produção humana por meio da atuação nas paisagens naturais, dotadas de conteúdos materiais, imateriais e simbólicos que explicam, em parte, sua estrutura social, cultural e econômica.

Aprofundando as discussões teóricas a respeito do conceito de paisagem, fez-se uso das palavras de Holzer (1999):

Falar de território é fazer uma referência implícita à noção de limite que, mesmo não sendo traçado, como em geral ocorre, exprime a relação que um grupo mantém com uma porção do espaço. A ação desse grupo gera de imediato, a delimitação. Caso isso não se desse, a ação se dissolveria pura e simplesmente (RAFFESTIN, 1993, p.153).

Os territórios projetados pela criação de sesmarias, durante a ocupação do *Sertão da Farinha Podre*⁵, no início do século XIX, atualmente (2007) não se encontram delimitados na paisagem conforme o desenho territorial original, pois, ao longo desse período, as sesmarias foram desmembradas em diversas fazendas ou mesmo em loteamentos urbanos.

Ao considerar a afirmação de Souza⁶ (1995), que define os territórios como sendo relações sociais projetadas no espaço, Suertegaray (2001, p.98) acrescentou que “estes espaços concretos podem se formarem ou se dissolverem de modo muito rápido, podendo ter existência regular, porém periódica, podendo o substrato material permanecer o mesmo”.

Desse modo, pode-se afirmar que os territórios não são fixos no espaço ao longo da história, ou seja, podem ser *temporários* ou mesmo *flutuantes*. Entende-se por territórios *temporários* aqueles que predominam durante curto ou longo período histórico, e *flutuantes* aqueles cuja existência é momentânea; por exemplo, os territórios delimitados pelas feiras e vendedores ambulantes, em uma cidade (informação verbal).⁷

⁵ O *Sertão da Farinha Podre* ocupava as áreas que atualmente formam as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, conforme será descrito no item 1.2 do primeiro capítulo.

⁶ SOUZA, M.J.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995. p.77-116.

⁷ Informação obtida na disciplina *Teoria e método da geografia humana*, ministrada pelo Prof. Dr. Rosselvelt José Santos, no Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, em Uberlândia-MG. Data: maio de 2005.

A delimitação concreta de um território por indivíduos ou coletividades implica criar marcas ou símbolos no espaço. Segundo Claval (2001, p.216):

De início, o grupo apropria-se coletivamente. Logo que anexe um território inabitado ou pretensamente vazio, seus representantes organizam uma **cerimônia**, erguem pela primeira vez as cores nacionais e erigem um **monumento**, não importa quão modesto seja – freqüentemente um simples marco de pedra –, para marcar sua passagem, solenizar o acontecimento e atestá-lo face a eventuais contestações (grifo do autor).

Teixeira (1970), referindo-se à atuação do sesmeiro João Pereira da Rocha, na demarcação de terras devolutas no município de Uberlândia, no início do século XIX, deu um exemplo da importância da delimitação do território por meio de marcas e símbolos. “Foi aberta uma clareira no mato à beira do rio Uberabinha, como demonstração de posse do terreno devoluto, segundo a praxe dos primeiros entrantes em zonas abandonadas” (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.11).

Para se analisar a comunidade Tenda do Moreno também se considerou o conceito de lugar, tratando-o, a princípio, como a essência do espaço. “É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 1996, p.20), sendo que, “[...] A história que o produziu adquire uma dimensão social porque entra no cotidiano das pessoas, nas suas formas de viver e de relacionar-se [...]” (FELIPE, 2001, p.31). Portanto, o lugar é (re)construído em função de um tempo social e de uma lógica que impõe comportamentos, modos de vida, usos e práticas culturais.

De acordo com Carlos (1996), o lugar se define como o centro da reprodução da vida e pode ser entendido pela tríade habitante-identidade-lugar. Desse modo, pode-se tratar do lugar da moradia, do trabalho, do lazer e do sagrado.

Na comunidade Tenda do Moreno o lugar se estrutura no plano do vivido, onde as relações e práticas sociais produzem conflitos, imposições, contradições⁸, e também superações, que são elaboradas pelas pessoas por meio das formas de viver segundo normas de conduta moral, sustentadas pela religiosidade católica.

Sendo assim, neste trabalho buscou-se entender a (re)construção do lugar a partir dos seus conteúdos históricos que fazem parte da memória coletiva⁹ e do imaginário social¹⁰ dos membros da comunidade Tenda do Moreno e condicionam a existência das práticas culturais e religiosas, bem como das relações sociais estabelecidas no cotidiano das pessoas do lugar.

As análises que permitiram compreender a existência do lugar Tenda do Moreno se deram no sentido de identificar e analisar os conteúdos sociais, culturais e espaciais presentes na sua (re)construção, desde a primeira metade do século XIX até a atualidade (2007).

Portanto, o lugar Tenda do Moreno pode ser entendido a partir do mundo vivido, das relações sociais, bem como pelos símbolos criados a partir das práticas religiosas, conforme é o caso dos cruzeiros. A manifestação desses aspectos cria sentimentos de pertencimento, fundamentados pelos valores morais ligados à religiosidade católica, construídos ao longo do processo de ocupação do espaço. “O conceito de lugar induz a análise geográfica a uma outra dimensão – a da existência

⁸ “[...] As contradições sociais são históricas e não se reduzem a confrontos de interesses entre diferentes categorias sociais. Ao contrário, na concepção lefebvriana de contradição, os desencontros são também desencontros de tempos e, portanto, de possibilidades” (MARTINS, 1996, p.22).

⁹ “A memória coletiva são acúmulos de temporalidades vividas e a necessidade de pensar essa experiência histórica incorpora, também, a idéia de dar ao presente uma significância herdada do passado, mesmo que esse passado se atribua, através do imaginário e das suas referências simbólicas, um papel, um valor maior do que a sua realidade (FELIPE, 2001, p.24)”.

¹⁰ “A sociedade constitui o seu imaginário apoiada no mundo vivido e na concretude colocada pelas condições reais de sua existência. O imaginário não se reproduz no vazio das idéias, por vezes, confunde-se a uma ideologia, podendo ser gerenciado, manipulado na canalização de suas energias por interesses específicos, os quais se apropriam dessa força normatizadora de condutas e reguladora da vida coletiva (FELIPE, 2001, p.26)”.

– ‘pois refere-se a um tratamento geográfico do mundo vivido’” (SUERTEGARAY, 2001, p.98).

No que se refere ao mundo vivido dos primeiros moradores da comunidade Tenda do Moreno, que formaram as sesmarias na primeira metade do século XIX, percebe-se que a religiosidade católica das pessoas possibilitava a construção e reprodução de valores morais. Esses instituíam práticas culturais e religiosas, e ainda sustentam relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade na atualidade (2007), principalmente, aquelas relacionadas à realização das festas religiosas.

Os valores sociais baseados na moral religiosa são entendidos, sob o ponto de vista filosófico, como elementos advindos do cristianismo. Conforme se pode verificar nas palavras de Brochard (2006), a moral moderna difere da moral antiga grega devido a essa relação com o religioso.

[...] Podemos exprimir inicialmente a opinião que geralmente prevaleceu, que esta moral antiga não passa de uma moral inferior, muito imperfeita, um esboço da moral, visivelmente abaixo da nossa, inspirada pela tradição judaico-cristã [...]. Conceberíamos então a moral antiga como revogada pela moral moderna, que unicamente mereceria o nome de moral. [...] E é por isso que os modernos estão de acordo em defini-la como a ciência do dever ou a procura da norma dos costumes (BROCHARD, 2006, p.140).

Neste sentido, a moral religiosa instituiu, no imaginário das pessoas, a idéia da obrigação, dever e preceitos, que definem uma linha de conduta na vida cotidiana. Na comunidade Tenda do Moreno os deveres e as normas de conduta se fazem presentes nas práticas culturais e religiosas, bem como nas relações sociais.

[...] Que a idéia do dever seja essencialmente uma idéia religiosa ou de forma religiosa, é o que parece difícil de contestar se pensarmos que é somente do ponto de vista religioso, e particularmente do ponto de vista de uma religião revelada, que o princípio do dever pode ser apresentado com clareza e definido com precisão. Deus, por intermediários ou diretamente, faz conhecer suas ordens. Ele se empenha em recompensar ou em punir,

segundo suas ordens tenham sido observadas ou transgredidas. O dever, assim entendido, baseia-se num contrato; é uma **dívida**, e este é bem o sentido verdadeiro e original da palavra dever (grifo do autor)(BROCHARD, 2006, p.141).

Sendo assim, os deveres ligados aos valores morais, constituídos por meio da religiosidade católica, podem ser verificados no mundo vivido dos moradores locais em diferentes momentos da história do lugar Tenda do Moreno. Conforme será visto ao longo deste trabalho, os valores morais e religiosos permeavam as relações sociais e de produção baseadas na ajuda mútua comunitária; os acordos estabelecidos entre donos de terras, posseantes e agregados; e sempre estiveram presentes nas práticas religiosas, como as rezas nos cruzeiros e a festa do santo padroeiro do lugar.

Pode-se perceber a importância dos valores morais, baseados na religiosidade católica, os quais participam do mundo vivido dos membros da comunidade e se incorporaram a memória coletiva e ao imaginário social das pessoas. Esses valores produzem uma dimensão social que permeia o cotidiano, os modos de vida, as práticas culturais e as relações sociais, permitindo dinamismo ao lugar, no seu processo histórico.

Com relação aos componentes do imaginário social presentes no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, percebe-se que estes estão ligados aos valores morais e religiosos. A importância desses valores vem sendo fundamental para a (re)construção do lugar, bem como para o surgimento das identidades, pertencimentos e de enfrentamento dos novos desafios sócio-espaciais ligados à produção. Estes podem ser percebidos tanto por meio de normas de conduta social, inscritas nas práticas culturais e religiosas e relações sociais, quanto

pelos simbolismos¹¹ ligados aos espaços sagrados dos cruzeiros, capelas e oratórios residenciais.

Desse modo, as práticas sócio-culturais e religiosas evocam imaginários cujo poder mobilizador se sustenta a partir das normas de conduta baseadas na religiosidade das pessoas, as quais possibilitam entender o mundo vivido, suas contradições sociais, bem como os enraizamentos dos moradores no lugar.

Segundo Tuan¹² (1983) apud Silveira (2007, p.73): “O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”. No que se refere ao lugar Tenda do Moreno percebe-se que, desde o início do século XIX até a atualidade (2007), sua existência vem sendo possibilitada por meio dos significados ligados à religiosidade católica das pessoas, os quais instituem valores morais presentes nas práticas culturais, nas relações sociais, bem como nas representações e simbolismos relacionados à propriedade privada da terra e aos espaços sagrados.

Contudo, é preciso compreender que o lugar existe nas relações sociais e, portanto, apesar de ser considerado como sendo porções do espaço apropriáveis para a vida, recebe influências “de fora”. “[...] No vivido a práxis é contraditória. Ela reproduz relações sociais.[...] não há reprodução de relações sociais sem uma certa produção de relações, não há repetição sem uma certa inovação” (MARTINS, 1996, p.22).

Neste sentido, o lugar não pode ser considerado como espaço cristalizado, pois se redefine e se transforma ao assimilar elementos externos. Faz-se

¹¹ “O simbólico oferece os elementos para a existência do imaginário, mas o simbolismo pressupõe a capacidade imaginária (...) o simbólico comporta quase sempre um componente ‘racional-real’; o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar ou para o agir” (CASTORIADIS, 1982, p.154).

¹² TUAN, Y.F. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

necessário, então, considerar que no lugar se reproduzem tanto conteúdos culturais que lhes são próprios quanto aqueles que chegam “de fora” trazidos e impostos pelo processo de globalização. “O *genius loci*, ou a magia do lugar, está na sua possibilidade de ser particular e geral ao mesmo tempo, de articular escalas muito diferentes para organizar o seu mundo de relações para fora e para dentro” (FELIPE, 2001, p.9).

Além de ser o lócus do vivido e da construção das identidades, o lugar constitui-se como a base da representatividade das territorialidades humanas e também onde se inscrevem as tensões sociais.

As territorialidades podem ser entendidas por meio da relação do homem com o lugar, ou seja, na sua espacialização, mas de certa forma implicam uma modelagem dessas relações. Neste sentido, estas produzem as territorialidades e, ao mesmo tempo, são influenciadas por elas.

No processo histórico de construção do lugar, as relações sociais e práticas culturais instituídas pelos primeiros habitantes da comunidade Tenda do Moreno foram responsáveis pelo surgimento de modos de vida amparados por valores morais e religiosos comuns entre seus membros. Estes representaram o elemento fundante do lugar, cujas bases, ainda hoje (2007), vêm sustentando outras relações sociais e práticas culturais de diferentes temporalidades, mas que são mobilizadas a partir dos significados da religiosidade que fazem parte da memória social das pessoas do lugar.

Desse modo, ao longo do trabalho analisar-se-á o lugar na comunidade Tenda do Moreno considerando-se as transformações das relações sociais e práticas culturais que se processaram criando outras paisagens, mas permitindo a

(re)construção do lugar como espaço vivido a partir de resíduos de relações sociais e práticas culturais de tempos históricos diferentes, os quais são percebidos nos modos de vida.

1.2 – A construção das paisagens rurais no município de Uberlândia.

Ao investigar o processo histórico de (re)ocupação e (re)produção do espaço no município de Uberlândia, percebeu-se que suas origens estão ligadas às características do povoamento luso-brasileiro na região do Triângulo Mineiro, antigo *Sertão da Farinha Podre*¹³.

A história da ocupação do *Sertão da Farinha Podre* esteve ligada aos interesses da Coroa Portuguesa em explorar, economicamente, o interior do Brasil-Colônia, tendo como sujeitos desse processo, a princípio, os *bandeirantes* ou *sertanistas* e, posteriormente, mineradores, tropeiros e fazendeiros.

Ao longo do século XIX, centenas de sesmarias¹⁴ foram concedidas no *Sertão da Farinha Podre*, como conseqüência da decadência da mineração em Minas

¹³ O *Sertão da Farinha Podre* abrangia o extremo oeste de Minas Gerais, que atualmente (2007) compõe as regiões do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, e era formado pelos julgados de Nossa Senhora do Desterro do Desemboque, criado em meados do século XVIII, e de Araxá, criado em 1811. As terras pertencentes à região do antigo sertão estiveram sob o domínio da capitania de São Paulo até o ano de 1736. Nesse mesmo ano a posse desta foi requerida pela capitania de Goiás, e por último, em 1816, foi definitivamente incorporada à de Minas Gerais.

¹⁴ As sesmarias eram concedidas por intermédio das capitanias hereditárias, que formavam o Brasil no período colonial. O sistema de concessão de terras devolutas vigorou até o ano de 1822, ano em que ocorreu a independência do Brasil. No período de 1823 a 1850, vigorou o sistema de posse livre de terras devolutas, que foi extinto pela *Lei de Terras* de 1850, a qual instituiu a compra e venda de terras como único meio de acesso à propriedade rural. Segundo Candido (1997, p.59): “A sesmaria

Gerais, Goiás e Mato Grosso e da migração de fazendeiros, agregados, posseiros, dentre outros habitantes de áreas rurais, atraídos pela oportunidade de conseguirem porções de terras para obterem o sustento familiar e a geração de rendimentos monetários.

Dessa maneira, entende-se que o processo histórico de ocupação e formação do atual município de Uberlândia esteve ligado, inicialmente, à concessão de terras devolutas às famílias de migrantes oriundas, principalmente, da região central de Minas Gerais, como foi o caso de João Pereira da Rocha¹⁵.

A produção do espaço e a formação do município de Uberlândia¹⁶, e por conseguinte da comunidade Tenda do Moreno, ganhou novos rumos após a chegada de várias famílias¹⁷. A partir desse momento, iniciou-se um fluxo migratório motivado pelas redes de parentescos que promoviam o surgimento dos núcleos de povoamento, constituídos por produtores e trabalhadores rurais.

Considerando-se o processo de ocupação de terras no município de Uberlândia pode-se perceber a seletividade das famílias às quais foram concedidas sesmarias, visto que se fazia necessário garantir a formação de contingentes de

foi a maior fonte de propriedade no regime colonial, consistindo, como se sabe, na concessão de terra a quem requeresse legalmente, com a condição de lavrá-la dentro de seis meses”.

¹⁵ Aliando os interesses do Estado aos seus próprios, João Pereira da Rocha partiu de Paraopeba em direção ao Triângulo Mineiro, tomando como referência a Estrada de Goiás. Por volta do ano de 1817, ele chegou à margem esquerda do rio Araguari, oposta à aldeia de Santana do Rio das Velhas (atual município de Indianópolis), e tomou posse de uma porção de terras devolutas, as quais foram nomeadas como Fazenda São Francisco. Posteriormente, ocupou novas áreas que formaram a Fazenda do Letreiro, localizada em uma vertente próxima ao rio Uberabinha. Essas propriedades ocupavam uma vasta extensão de terras entre os rios Uberabinha e Araguari.

¹⁶ O desfecho da emancipação política do município de Uberlândia, que ocorreu em 31 de agosto de 1888, consolidou-se após os seguintes acontecimentos: criação do distrito de paz de São Pedro de Uberabinha em 1852; elevação do distrito a categoria de freguesia em 1857; e união das áreas territoriais das freguesias de Uberabinha e Santa Maria (atual distrito de Miraporanga), elevadas a categoria de vila em junho de 1888.

¹⁷ A ocupação e povoamento das primeiras propriedades rurais do município de Uberlândia foram propiciados por meio da migração das famílias Pereira, Rezende, Carrejo, Morais, Peixoto, Barboza, Rodrigues, Gomes, Martins, Ferreira, Carvalho, Dias, Alves de Amorim, Camargo e os Cotta Pacheco.

trabalhadores para suprir a necessidade de mão-de-obra para o desenvolvimento de atividades produtivas, nas propriedades rurais. Portanto, as relações sociais de produção, presentes nesses estabelecimentos, eram estabelecidas tanto entre donos de terras e escravos quanto entre fazendeiros e trabalhadores livres.

Desse modo, a migração de famílias sem a posse de terras, atraídas pela oportunidade de se tornarem força de trabalho e suprir a demanda por trabalhadores nas fazendas recém-ocupadas no município de Uberlândia, foi importante para o surgimento dos primeiros núcleos de povoamento, na comunidade Tenda do Moreno.

1.3 – A formação territorial da comunidade Tenda do Moreno e a construção do lugar.

A formação da comunidade Tenda do Moreno deve ser entendida a partir do surgimento de núcleos rurais de povoamento em terras adquiridas pela família Carrejo, a partir da década de 1830, que compunham as fazendas Olhos D'água, Lage¹⁸, Tenda e Marimbondo.

No ano de 1832, Luiz Alves Carrejo adquiriu, por meio de troca, glebas de terras localizadas em Uberlândia. A permuta realizada entre Luiz e José Diogo da Cunha envolvia as suas respectivas fazendas: São João e do Rio das Velhas, sendo

¹⁸ O topônimo *Lage* atualmente (2007) é descrito como *Laje*, sendo que sua origem se deve à existência de um córrego homônimo. Sobre o assunto consultar Santos et al (2005b).

a primeira localizada no município de Campo Belo¹⁹. A fazenda do Rio das Velhas passou à denominação de Nossa Senhora da Conceição, sede da Sesmaria dos Olhos D'água.

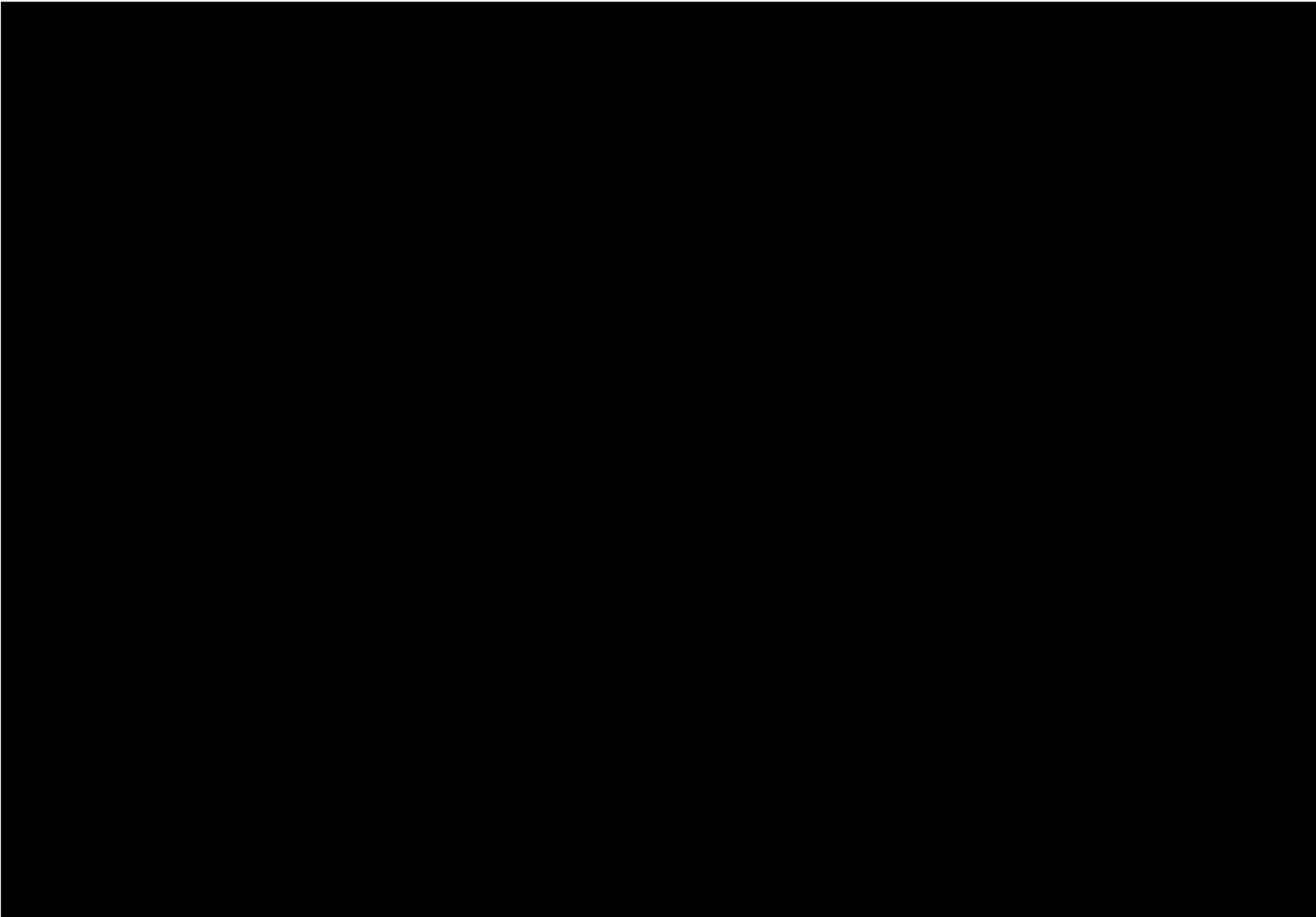
Segundo registros históricos, a intenção de Luiz Alves Carrejo era atrair a sua família para Uberlândia e adquirir mais terras próximas àquelas por ele permutadas. No ano de 1835, seu projeto familiar foi colocado em prática, com a chegada de seus irmãos: Antônio Alves Carrejo, Francisco Alves Carrejo e Felisberto Alves Carrejo; casados com Maria Eufrásia de Jesus, Joaquina Rodrigues e Luiza Alves Martins, respectivamente.

Após a chegada do restante dos irmãos Carrejo, a família adquiriu uma sesmaria de José Joaquim da Silva e parte de outra de João Pereira da Rocha. A extensão de terras da família Carrejo, que media aproximadamente (2.500) dois mil e quinhentos alqueires²⁰, foi dividida igualmente entre os irmãos, sendo que as fazendas Olhos D'água, Lage, da Tenda e Marimbondo tornaram-se propriedades respectivas de Luiz, Francisco, Felisberto e Antônio (Mapa 1).

A chegada dos primeiros entrantes na comunidade Tenda do Moreno implicou na utilização de técnicas, utensílios e ferramentas, trazidas por estes, sendo que a adaptação às condições naturais impostas pelo bioma do cerrado promoveu novas formas de explorar o espaço, as quais foram incorporadas aos seus modos de vida e trabalho rurais.

¹⁹ Atualmente (2007) município de Campina Verde-MG.

²⁰ A medida de área de um (1) alqueire corresponde, na região do Triângulo Mineiro, a 4,84 hectares (ha), ou 48.400 metros quadrados (m²).



Mapa 1 – Propriedades Rurais dos Irmãos Carrejo (década de 1840).

Referindo-se à chegada dos irmãos Carrejo, no ano de 1835, nas terras do município de Uberlândia, Teixeira (1970, v.1, p.19) mencionou que:

Dada a importância de sua penetração por terras desabitadas e desprovidas dos recursos necessários aos primeiros empreendimentos do posseante, como medida acauteladora, trouxeram alguns escravos, animais domésticos e apreciável quantidade de víveres, sementes e instrumentos agrícolas.

Nas primeiras fazendas criadas na comunidade Tenda do Moreno, as atividades agropecuárias que se destacaram foram a pecuária extensiva de corte e leite e a agricultura de subsistência.

Devido à utilização de técnicas consideradas rudimentares, segundo os padrões de produção atualmente (2007) predominantes, os plantios agrícolas eram feitos em *terras de cultura*²¹ nas chamadas *roças de toco*²², que possibilitavam melhor produtividade em relação às outras áreas de cerrado.

As técnicas e saberes produtivos utilizados pelas populações rurais na comunidade Tenda do Moreno, a partir do início do século XIX, envolviam, além das técnicas de cultivo e cria de animais, também a produção de ferramentas e utensílios domésticos, a construção de moradias e demais tipos de infra-estrutura presentes nas propriedades rurais, como currais, paióis, e fontes de água potável.

A demanda dos produtores por ferramentas, máquinas, artigos para montaria e utensílios domésticos era suprida pelas fábricas artesanais, principalmente de

²¹ Nas fazendas do termo de Uberaba, os inventários familiares do século XIX definiam as terras de cultura pelo tipo de vegetação que as cobria, ou seja, matas de cultura, capões de mato ou matas virgens, e capoeiras ou matas secundárias. As demais fisionomias típicas do bioma cerrado, como campo limpo ou sujo, campo cerrado, e cerrado stricto sensu eram utilizadas como áreas de pastagens naturais (LOURENÇO, 2005).

²² As roças de toco eram preparadas com a derrubada e a queima dos galhos e troncos das árvores de matas de cultura, sem arrancar as bases dos troncos e suas raízes, daí a origem do nome (BRANDÃO, 1981).

carpintaria e ferraria, conforme o caso da tenda de ferreiro localizada na antiga fazenda da Tenda (Figuras 1 e 2).

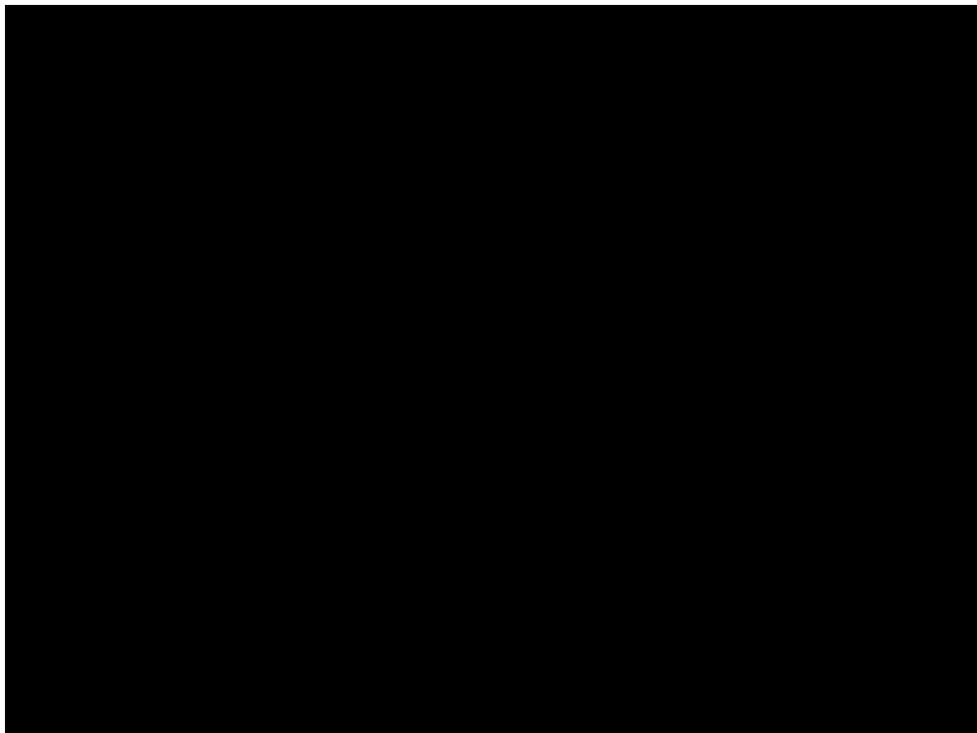


Figura 1 - Selarias e instrumentos, utilizados para montaria e para apascentar rebanhos, produzidos artesanalmente. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

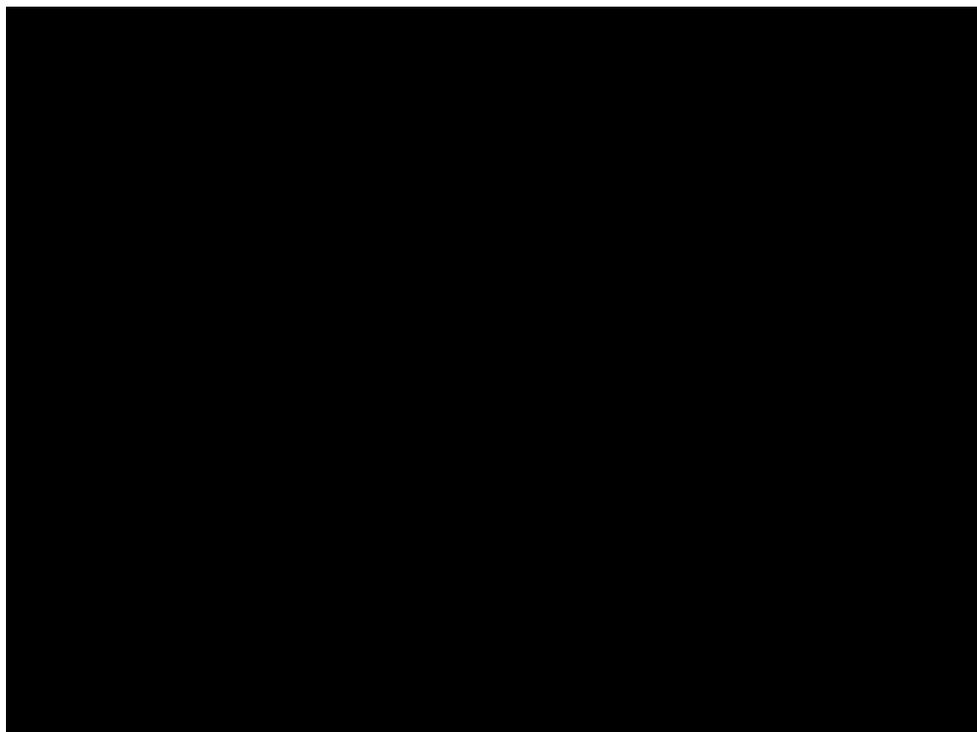


Figura 2 - Ferramentas produzidas artesanalmente em ferrarias. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

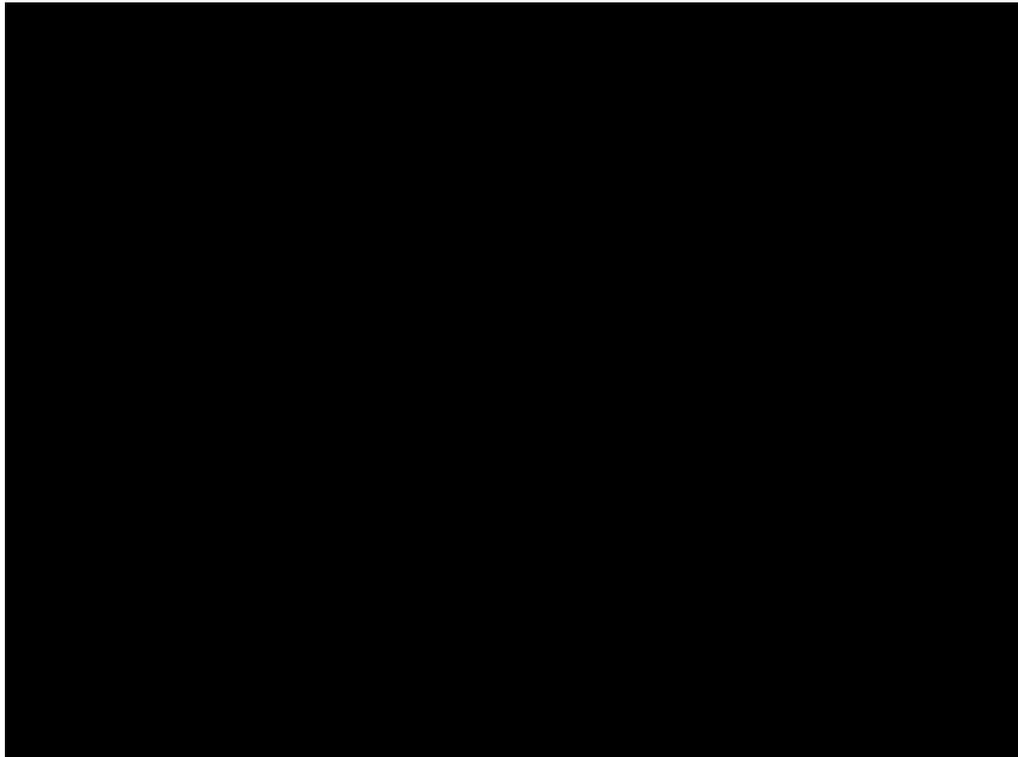


Figura 4 - Engenho de cana caseiro utilizado para moer a cana-de-açúcar. Fonte: Exposição Permanente do Museu Municipal de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 06/2006.

Na comunidade Tenda do Moreno, a gênese do lugar esteve ligada ao fracionamento das sesmarias em propriedades rurais de menor área, por meio de contratos de compra e venda, e também pelas relações sociais entre posseantes e donos de terras, os quais cediam o direito de uso da terra a familiares; e, posteriormente, à formação e expansão dos núcleos rurais de povoamento, caracterizados por uma povoação dispersa no entorno das grandes propriedades.

Desse modo, o espaço vivido começou a se constituir por meio de relações sociais entre grandes proprietários de terras, produtores camponeses e trabalhadores rurais, bem como pelo surgimento de identidades e pertencimentos nutridos e fortalecidos pela religiosidade das pessoas.

Contudo, como as relações sociais de produção eram estabelecidas em função da propriedade privada da terra, isso implicava relações de exploração e,

consequentemente, em conflitos sociais de várias ordens. Na relação com a terra, os acessos e restrições eram determinados a partir das intenções que as pessoas não proprietárias apresentavam frente aos demais membros da comunidade. Portanto, elas sabiam que estavam constantemente sendo observadas e, conforme as suas condutas sociais, iam obtendo legitimidade para obterem o acesso à terra, por meio de acordos com os proprietários rurais.

O contingente populacional assentado, neste caso, em torno da fazenda da Tenda, de propriedade de Felisberto Alves Carrejo, deu origem ao primeiro núcleo rural do município de Uberlândia, conhecido como *Povoado dos Carrejos*²⁴.

Arantes (1940, p.7) descreveu sucintamente as origens do povoado dos Carrejos da seguinte maneira:

Seguindo o itinerário dos Carrejos, vieram depois as famílias Peixotos, Barbosas, Rodrigues, Gomes e Martins, que se avizinharam adquirindo pequenas propriedades na extensão do latifúndio dos primeiros. [...] E assim surgiu o progresso rápido das zonas, ao impulso do trabalho ativo daquela gente sadia e laboriosa. Organizou-se então o primeiro núcleo de habitantes, formando o **povoado dos Carrejos**, recebendo mais tarde a denominação de <<Tenda>>, em virtude de achar-se instalada ali uma oficina de ferreiro, da qual era proprietário Joaquim Martins Carrejo, filho de Felisberto Alves Carrejo (grifo do autor).

O povoado reunia características e funcionalidades de uma comunidade de produtores e trabalhadores rurais, e como tal elegera, tacitamente, a figura de um líder ou representante, que na época era desempenhada por Felisberto Alves Carrejo. Ao referir-se ao papel realizado por este nesta localidade, Teixeira (1970, v.1, p.21) mencionou que:

Fixando sua residência na fazenda da Tenda, criou para aquele local um ponto de convergência de todas as atenções das regiões ocupadas, onde seus posseantes iam buscar conselhos e orientações para a solução de

²⁴ Apesar de não haver registros históricos quanto à localização precisa do antigo *Povoado dos Carrejos*, pode-se afirmar que este originou a comunidade rural Tenda do Moreno, pois se localizava em terras da pioneira fazenda da Tenda.

questiúnculas comerciais, sociais ou familiares. Felisberto Carrejo criou em torno de sua figura patriarcal um culto de admiração e respeito de tal envergadura, que o transformou em apóstolo da família.

Considerando-se a figura paternalista de Felisberto Carrejo, frente aos seus posseantes e demais membros do antigo povoado, pode-se inferir que as relações sociais entre os donos de terra, posseantes e trabalhadores rurais eram mediadas e estabelecidas por meio de valores religiosos. Esses ajudavam a legitimar a exploração da força de trabalho, cujas representações minimizavam as contradições geradas pelo paternalismo e solidariedade dos proprietários de terras, frente aos não-proprietários.

Contudo, a sujeição das famílias de posseantes e demais trabalhadores rurais, que asseguravam aos donos de terras possibilidades de ganhos por meio da exploração da força de trabalho, representava, para as pessoas sem a propriedade da terra, uma estratégia de sobrevivência, visto que assegurava-lhes oportunidades de produzirem os meios de vida, mesmo que sob relações sociais de produção caracterizadas pela exploração do seu trabalho.

Sendo assim, percebe-se que o lugar foi-se estruturando por uma lógica de ocupação e exploração da força de trabalho que definia o estabelecimento de relações sociais entre donos de terras e não-proprietários, proporcionadas pelo compartilhamento de valores morais e religiosos comuns, inspirados na religiosidade católica.

Sabe-se que, no ano de 1835, Felisberto Alves Carrejo fundou e dirigiu a primeira escola de alfabetização do município, localizada nas dependências da sede da fazenda da Tenda (Figura 5). Sob sua tutela, as crianças em idade escolar que residiam nas proximidades eram instruídas, inclusive seu filho José Martins Carrejo,

com base nos ensinamentos por ele adquiridos no Seminário dos Padres Catequistas da Confraria de São Bento do Tamanduá, instituição responsável também por sua aquisição do ofício de ferreiro.

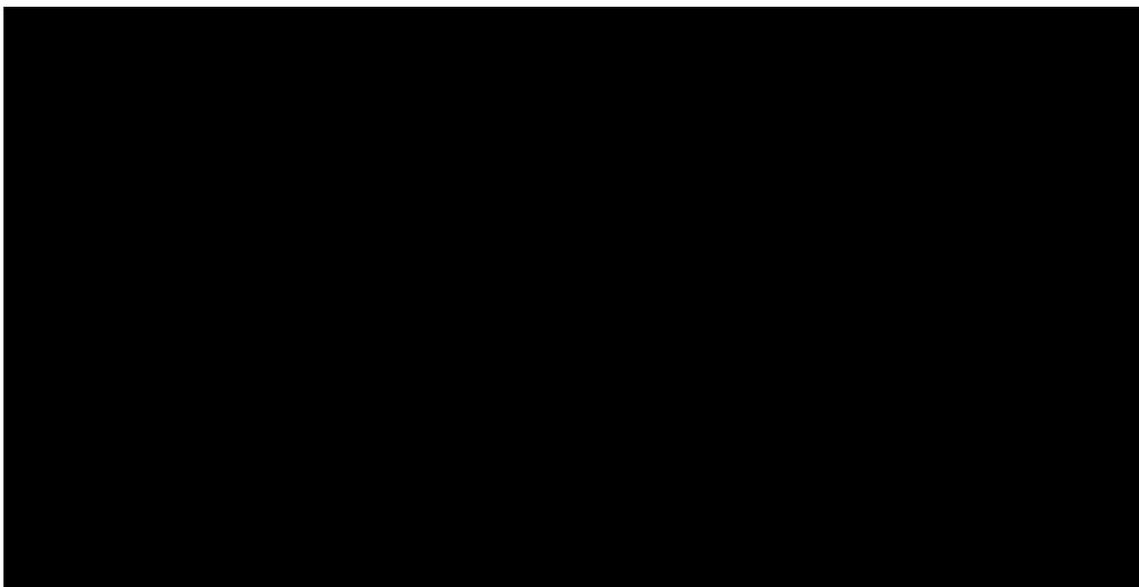


Figura 5 - Residência de Felisberto A. Carrejo onde funcionou a primeira escola de alfabetização, localizada na Fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (início do século XX).

Devido à formação escolar de Felisberto Carrejo ter sido ligada aos ensinamentos religiosos adquiridos em uma instituição católica, pode-se compreender como a escola de alfabetização por ele dirigida, no antigo povoado, representou um importante meio de se ensinar e propagar, entre os moradores, os valores morais baseados no cristianismo.

Os ensinamentos do ofício de ferreiro foram transmitidos ao filho Joaquim Martins Carrejo, que construiu uma oficina de ferreiro, também denominada tenda, localizada no *Povoado dos Carrejos*, a qual originou o topônimo²⁵ da fazenda da Tenda.

²⁵ O estudo dos topônimos, na Geografia Cultural ultrapassa algumas visões que restringem a toponímia ao estudo etimológico, lingüístico e histórico dos nomes dos lugares. O batismo dos nomes dos lugares é muito mais que a escolha de um topônimo, ele pode significar a apropriação e

A representatividade social de Felisberto Carrejo, frente aos demais proprietários de terras e trabalhadores rurais residentes no entorno do povoado, também se devia às suas ações de liderança, consolidadas por meio da exaltação dos valores morais e religiosos, baseados na religiosidade católica.

Essas ações se manifestavam no sentido de promover e coordenar encontros religiosos, bem como de dar oportunidade de formação escolar e religiosa às crianças e jovens que tivessem chance de freqüentar as aulas lecionadas por ele, nas dependências de sua residência na fazenda da Tenda.

No que se refere às particularidades da construção do lugar, pode-se perceber a importante contribuição dos valores religiosos católicos, que mediavam as relações sociais, lastreadas por uma moral, também de inspiração religiosa, aceita e legitimada pelos moradores locais, e que repercutiram nos seus modos de vida e trabalho, desde o início da formação dos primeiros núcleos de povoamento na comunidade Tenda do Moreno e que, de certo modo, são percebidos até os dias atuais (2007), apesar das transformações ocorridas.

Desde o início da formação do povoado dos Carrejos, as famílias residentes na localidade, assim como nos povoados rurais vizinhos, realizavam seus compromissos religiosos na aldeia de Santana do Rio das Velhas²⁶, onde se localizava a capela mais próxima. No entanto, como as celebrações não eram realizadas com freqüência, devido à carência de sacerdotes da Igreja Católica, que

organização do espaço vivido. Para Seemann (2003, p.4): “[...] a toponímia de um lugar deriva de diferentes proveniências, resultantes de determinantes como aspectos geográficos, flora e fauna dominantes ou características, nomes de pessoas etc”.

²⁶ Atualmente (2007) município de Indianópolis-MG.

vinham do arraial de Uberaba²⁷, os expoentes comunitários, também acabavam desempenhando o papel de líderes religiosos (TEIXEIRA, 1970, v.1).

Portanto, os deveres religiosos dos moradores locais exigiam a elaboração de estratégias autônomas, por parte da comunidade, no sentido de garantir suas práticas religiosas, visto que a representatividade da Igreja Católica, por meio de seus sacerdotes, não se fazia freqüente, no lugar. Em diversas ocasiões, rezavam-se terços na residência de Felisberto. “[...] o mestre Felisberto Carrejo, cercado de numerosas famílias da redondeza, rezava o têrço todos os domingos, em sua própria residência, desobrigando-se dos deveres religiosos” (TEIXEIRA, 1970, v.1, p.22).

O caráter autônomo das práticas religiosas dos moradores dos primeiros núcleos rurais de povoamento, que originaram a comunidade Tenda do Moreno, criou vários lugares sagrados que proporcionavam diferentes tipos de manifestações religiosas, como o caso das orações realizadas em frente aos cruzeiros, as quais podem ser consideradas peculiares do lugar, se comparadas aos rituais católicos, ditos oficiais, da Igreja Católica.²⁸

Devido ao fato de os núcleos rurais familiares formados ao redor das propriedades dos irmãos Carrejo terem sido dispersos, pode-se entender a existência, no território da comunidade, de vários cruzeiros, bem como a sacralização desses locais para as práticas dos rituais religiosos dos moradores.

²⁷ Atualmente (2007) município de Uberaba-MG.

²⁸ As questões ligadas à autonomia das práticas religiosas dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, aqui consideradas como aspectos da religiosidade católica popular, serão analisadas de maneira consistente no segundo e quarto capítulos. Conforme será visto, a religiosidade representa um elemento constituinte dos valores morais das pessoas do lugar, e se manifestam nas suas práticas sócio-culturais apesar das transformações ocorridas na comunidade, representando, na atualidade (2007), resíduos de outros momentos históricos, que convivem com diferentes temporalidades modernas presentes no lugar.

Segundo Arantes (1982), na fazenda Olhos D'água havia um cruzeiro, erguido no alto de um morro, onde eram realizadas as rezas dos terços em louvor a Nossa Senhora da Conceição, considerada padroeira da fazenda pelo proprietário Luiz Alves Carrejo. Os vizinhos, a convite de Felisberto Carrejo, encarregado da coordenação das orações, rezavam os terços no primeiro domingo de cada mês. "Tempos depois, o sr. José Peixoto Carrejo e outros interessados construíram uma modesta capelinha no local, onde se reuniam agora os fiéis naquele singelo templo para a celebração tradicional" (ARANTES, 1982, p.19).

Desse modo, a presença dos cruzeiros e capelas rurais na comunidade, ao longo de sua história de formação, vem fazendo parte do cotidiano das pessoas, a partir das práticas culturais e religiosas, (re)criando relações sociais por meio da sociabilidade comunitária inscrita nos eventos religiosos.

As práticas culturais e religiosas, bem como as relações sociais conferem valores simbólicos ao processo de institucionalização de espaços sagrados, cujas representações dão significados à existência do lugar.

Sendo assim, a religiosidade católica dos membros da comunidade, bem como as relações sociais de produção inscritas nas propriedades rurais, possibilitaram a consolidação do processo de formação dos núcleos rurais de povoamento na localidade e, por conseguinte, do lugar Tenda do Moreno.

No início do século XX, as fazendas Olhos D'água, Lage, da Tenda e Marimbondo haviam-se desmembrado em diversas propriedades rurais e originado alguns núcleos rurais de povoamento, conhecidos na época como *bairros rurais*. Estes eram os seguintes: Lagoa (Faz. Olhos D'água); Tenda, Moreno e Pindaíbas (Faz. da Tenda); e Marimbondo (Faz. Marimbondo). Referindo-se aos bairros rurais

mais populosos do município, na década de 1920, Pezzuti (1922, p.43) mencionou que: “Existem [...] bairros intensamente povoados, como Machados, Rio das Pedras, Cruzeiro dos Peixotos, Sobradinho, Burity, Terra Branca, **Tenda, Marimbondo**” (grifo nosso).

A constituição dos bairros rurais, nas terras delimitadas pelas pioneiras fazendas Olhos D’água, Lage, Tenda e Marimbondo, caracterizavam-se, conforme o caso do *Povoado dos Carrejos*, por povoamento disperso ligado a núcleos centrais de sociabilidade e religiosidade, materializados pela presença de escolas e capelas.

Desde a chegada dos primeiros habitantes, a lógica da ocupação das propriedades rurais estabeleceu o agrupamento das pessoas por meio de relações sociais amparadas por valores religiosos, orientações de vida e de trabalho comuns, os quais estabeleciam outras relações sociais e práticas culturais que consolidaram a construção do lugar, após o surgimento dos bairros rurais.

Os *grupos rurais de vizinhança*, denominados *bairros rurais*, tidos como a estrutura fundamental da sociabilidade, segundo Candido (1997, p.62)²⁹ consistem:

[...] no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo **sentimento de localidade**, pela convivência, pelas **práticas de auxílio mútuo** e pelas **atividades lúdico-religiosas**. As habitações podem estar próximas uma das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoado ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega (grifo nosso).

Neste sentido, a concepção dos bairros rurais não está ligada aos seus homônimos urbanos, pois não sugere uma densidade demográfica ou espacial, mas se expressam no lugar tanto pelos sentimentos de pertencimento quanto pelas

²⁹ O trabalho de Antonio Candido (1997) baseou-se em pesquisas realizadas no município de Bofete-SP e comparações estabelecidas com outras áreas de formação ou influência histórica paulista, como, por exemplo, as regiões sul e oeste de Minas Gerais.

relações solidárias, como o auxílio mútuo e a reprodução de aspectos religiosos comuns.

No caso dos bairros rurais que deram origem ao lugar Tenda do Moreno, a definição de Candido (1997) se aplica, sendo que, atualmente (2007), as características sócio-culturais e econômicas da referida localidade ainda permitem o estabelecimento de algumas analogias com esse conceito, principalmente no que se refere aos sentimentos de pertencimento e a representação das práticas religiosas.

Contudo, conforme será visto no quarto capítulo, as relações sociais, práticas culturais e religiosas estabelecidas entre as pessoas permitem entender o grupo social enquanto uma comunidade.

Cabe ressaltar que a formação dos bairros rurais se devia à ocorrência de propriedades rurais caracterizadas pela incorporação do trabalho familiar, com algumas exceções configuradas pelo auxílio mútuo intra-grupal. O contingente populacional também era formado por parceiros, agregados e demais trabalhadores rurais das fazendas.

A construção do lugar, bem como a constituição dos bairros rurais que deram origem à comunidade Tenda do Moreno estiveram ligadas à existência de relações sociais que nutriam e fortaleciam relações de dependência e de fidelidade, sobretudo frente aos donos de terra, bem como determinavam os modos de vida e trabalho das pessoas.

Portanto, em diferentes momentos do cotidiano dos moradores, eram instituídas práticas sócio-culturais que promoviam encontros e sociabilidades, por meio da união em torno de interesses comuns de parentes, amigos e vizinhos, como

no caso das festas religiosas, das relações sociais de produção estabelecidas entre donos de terras, parceiros e agregados, bem como da ajuda mútua, na realização do mutirão e da traição.³⁰

Desse modo, a relação de vizinhança não determinava a obrigatoriedade de envolvimento de todos os vizinhos nos eventos sócio-culturais, realizados a partir de imposições sociais, as quais acabavam promovendo a união da coletividade para resolver problemas em comum, geralmente relacionados à produção agrícola.

Precisa-se considerar que, no interior desses grupos rurais, podiam haver desentendimentos, os quais deixavam de fora alguns membros da comunidade, mas não inviabilizavam a instituição da ajuda mútua e a solidariedade comunitária. Ainda que, circunstancialmente, as imposições sociais lhes obrigavam a estabelecer uma sociabilidade mínima, caracterizada pela compreensão e tolerância àqueles que não podiam participar dos eventos comunitários.

Mesmo assim, o engajamento de vizinhos, parentes e amigos se apresentava como sendo necessário à continuação da solidariedade comunitária, no interior dos bairros rurais. Nos eventos, eram estabelecidas relações sociais que caracterizavam a essência do lugar, sendo que estas eram afirmadas e legitimadas com base nas imposições sociais decorrentes do poder da propriedade da terra e na conduta moral e religiosa de cada membro da comunidade. Portanto, além das determinações e necessidades comuns, era importante a confiança e o respeito entre os moradores, pois se tratava de acordos tácitos que visavam garantir a reciprocidade das práticas sociais, inclusive da ajuda mútua.

³⁰ No segundo capítulo, serão analisados os diferentes tipos de relações sociais de produção e de ajuda mútua, inscritos nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno.

Com relação aos centros de referência social presentes nos bairros rurais, verificou-se a presença de escolas nos bairros localizados nas fazendas Olhos D'água, Tenda, Marimbondo, e Mangue.

A existência de escolas e capelas, no interior dos núcleos de povoamento, reforçava os sentimentos de pertencimento, bem como a idéia de unidade territorial, visto que representavam centralidades do espaço vivido, para os moradores.

Entre os anos de 1934 e 1942, durante mandatos do prefeito Vasco Giffoni, foram construídas as seguintes escolas municipais: Nestor Rezende; Felisberto Carrejo; Moreno; e Lagoa; sendo as duas últimas (Figuras 6 e 7) localizadas nos bairros rurais homônimos e as primeiras (Figuras 8 e 9), nos bairros Marimbondo e Tenda, respectivamente.

Existiu, também, uma escola localizada na fazenda Mangue, no entanto, não foram encontrados registros precisos quanto à época de sua fundação. Teixeira (1970, v.2) afirmou que ela foi construída durante o mandato de Raul Pereira de Rezende, entre os anos de 1963 e 1966.

Cabe ressaltar que todas as escolas citadas, anteriormente, deixaram de funcionar nesses locais, no entanto, não foram encontradas informações precisas referentes à época de seu fechamento.

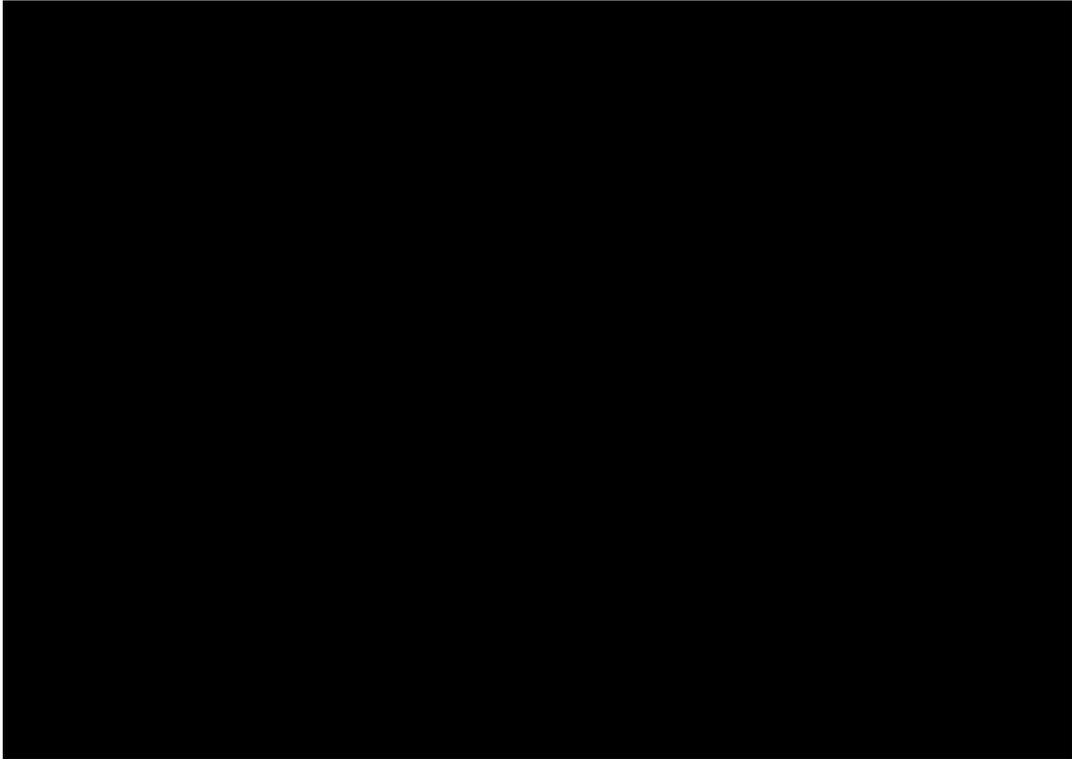


Figura 6 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Nestor Rezende, localizada na fazenda Marimbondo - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (décadas de 1940-50).

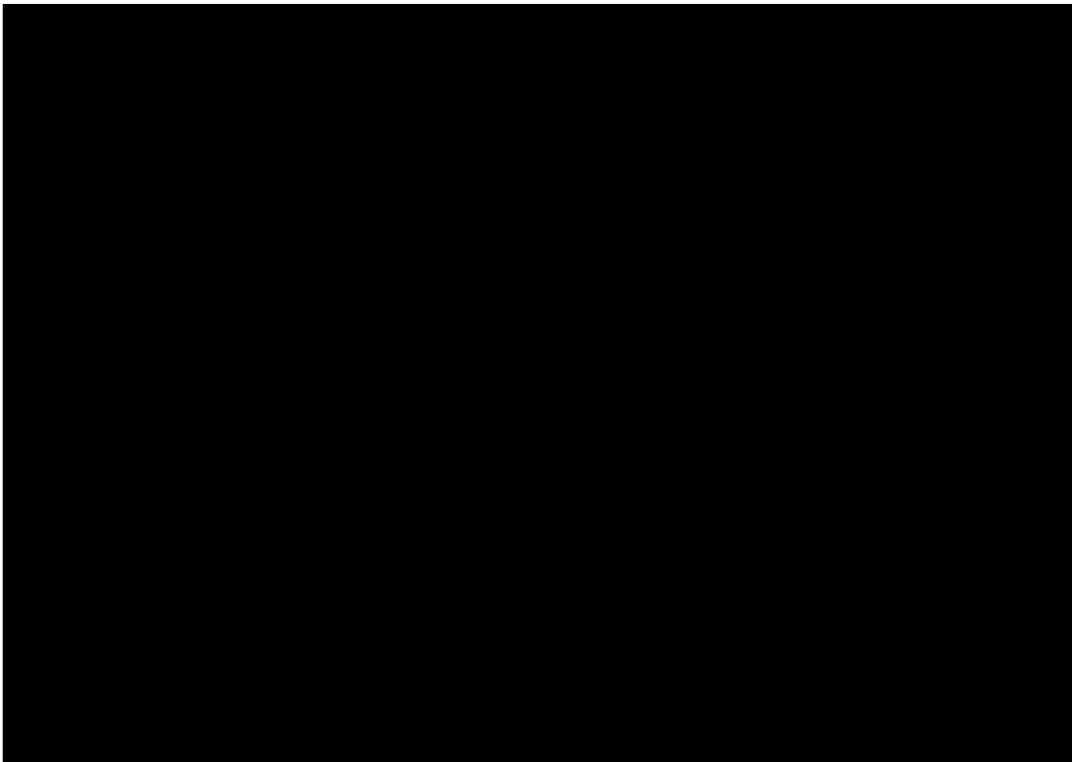


Figura 7 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Felisberto Carrejo, localizada na fazenda da Tenda - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (década de 1940).

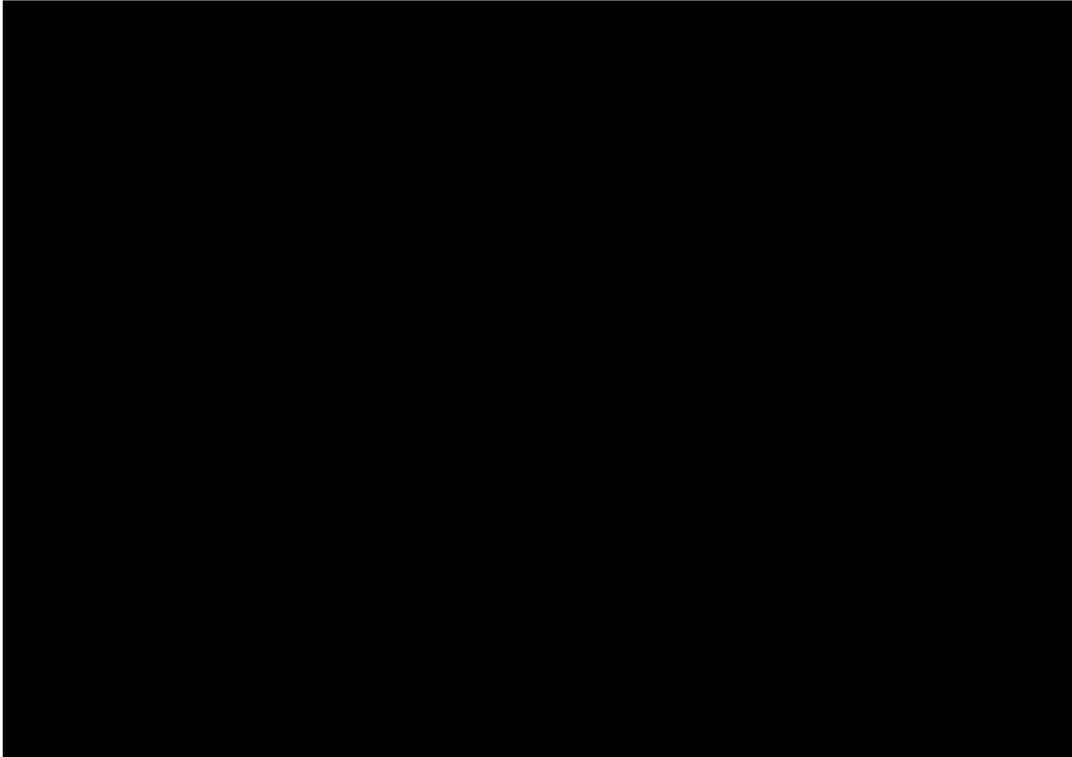


Figura 8 - Ao fundo: Escola Municipal Rural dos Morenos - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (ano de 1953).

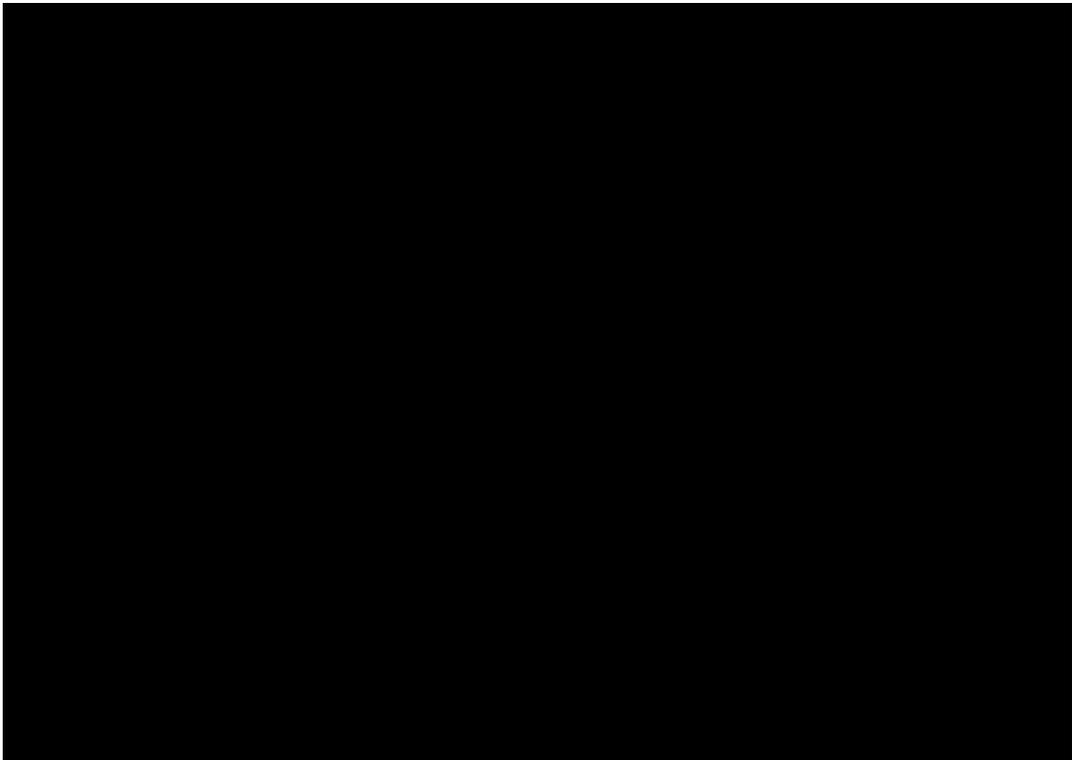


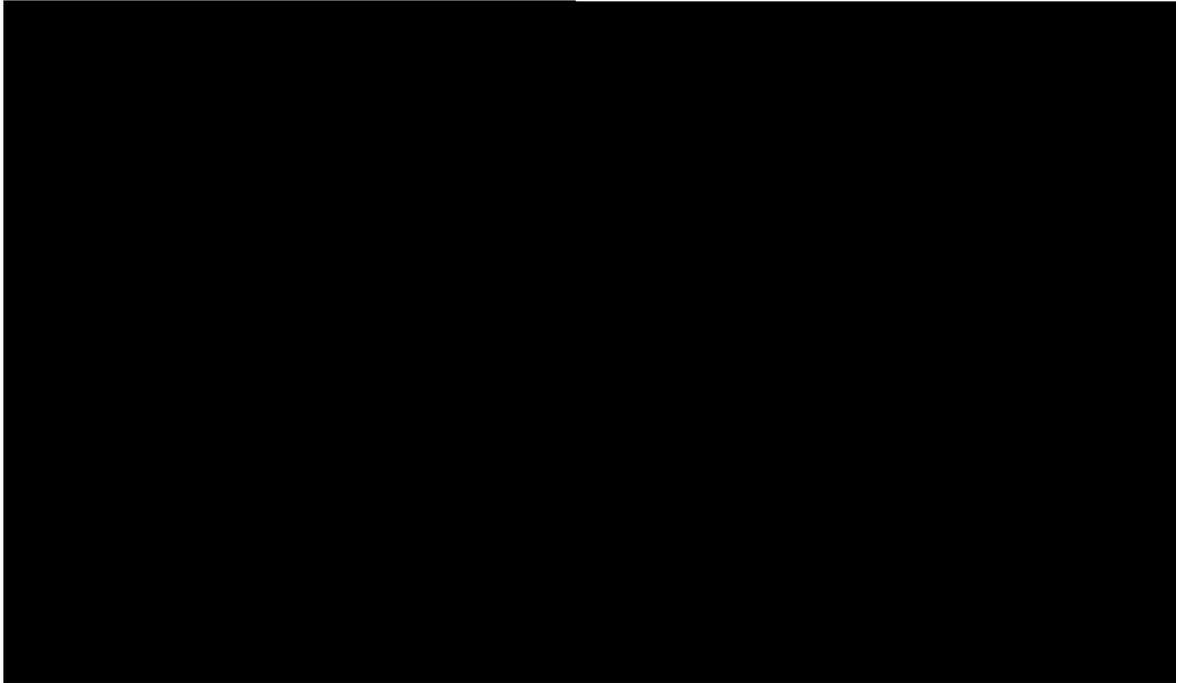
Figura 9 - Ao fundo: Escola Municipal Rural Lagoa - Município de Uberlândia-MG. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (décadas de 1940-50).

Atualmente (2007), não é possível definir o desenho territorial desses bairros, pois devido ao esvaziamento populacional dessas localidades, entre as décadas de 1970 e 1980, pouco ou quase nada restou dessas organizações territoriais. Apesar de esses bairros rurais terem sido fragmentados, a comunidade rural Tenda do Moreno abrange, de forma indireta, a região delimitada pelas fazendas dos irmãos Carrejo, e mais precisamente os antigos bairros Tenda, Moreno, Marimbondó e Pindaíbas, visto que, na área compreendida pela antiga fazenda Olhos D'água, foi formada uma comunidade homônima, dotada de escola e capela, sendo que, atualmente (2007), possui características similares à Tenda do Moreno.

Com relação à origem do nome da localidade, verificou-se que esse foi criado a partir da junção dos topônimos *Tenda* e *Moreno*, sendo que o primeiro, conforme descrito anteriormente, originou-se da presença de uma tenda de ferreiro no antigo *Povoado dos Carrejos*. O segundo topônimo provém da existência de um *boi carreiro*³¹ de cor escura, que era visto pastando na região da fazenda da Tenda, o qual foi apelidado de *Moreno*, pelos moradores locais (SANTOS, R., 2005b).

Com o esfacelamento dos antigos bairros rurais que contribuíram para a formação da comunidade, a unidade territorial da localidade passou a ser representada pela capela São José do Moreno, bem como pelos demais prédios e infra-estruturas públicas que, atualmente (2007), compõem o conjunto arquitetônico comunitário da Tenda do Moreno. Nesse local também funciona uma mercearia de propriedade particular, que oferece serviços de alimentação, bebidas e espaços para recreação (jogos de truco, sinuca e futebol), e representa uma opção de lazer, na comunidade (Figuras 10/11).

³¹ Entenda-se por *boi carreiro* os animais bovinos utilizados como tração animal nos chamados carros-de-boi.



Figuras 10/11 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Lado esquerdo: rodovia municipal 030 (trevo de acesso). Lado direito: Mercearia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 08/2006.

No ano de 1984, deu-se a construção do prédio da *Escola Municipal Tenda do Moreno* (Figura 12), cujo nome foi alterado devido à solicitação da família *Carrijo*³², sendo que, por intermédio da lei municipal 7.099, de 17 de abril de 1998, a palavra *Tenda* foi retirada da fachada da instituição de ensino (ALVES et al, 2005).

A capela São José do Moreno (Figura 13) foi construída, em terreno doado pelos familiares de Candido Pereira Carrijo, aproximadamente na segunda metade da década de 1940 (ALVES et al, 2005), devido à necessidade de local apropriado para a realização de encontros e festejos religiosos, na comunidade.

³² Os descendentes da família dos irmãos *Carrejo* passaram a utilizar o sobrenome *Carrijo* devido à mudança na grafia do nome, sem motivo aparente. Teixeira (1970, Não paginado) cita um depoimento de um padre, da cidade de Uberlândia, que fornece uma explicação para a mudança do sobrenome *Carrejo* para *Carrijo*. “Pela análise etimológica de nossa Paróquia do vocabulo em questão digo: os **carrijos** atuais são descendentes dos **Carrejos** antigos. Não há família Carrijos. O que ocorreu foi a ortografia do vocabulo, que dantes era escrito com a desinencia **ejo**; passando depois a ser escrito com a desinencia **ijo**, –pela razão que ignoro – antes: CARREJO agora, Carrijo. Como se verifica, o antigo nome não pode Ser Modificado, tratando-se de pessoas daquela tradicional familia, que na história conservará. A luz dos documentos da Igreja, os **Carrejos** existiram”(SIC)(grifo nosso).

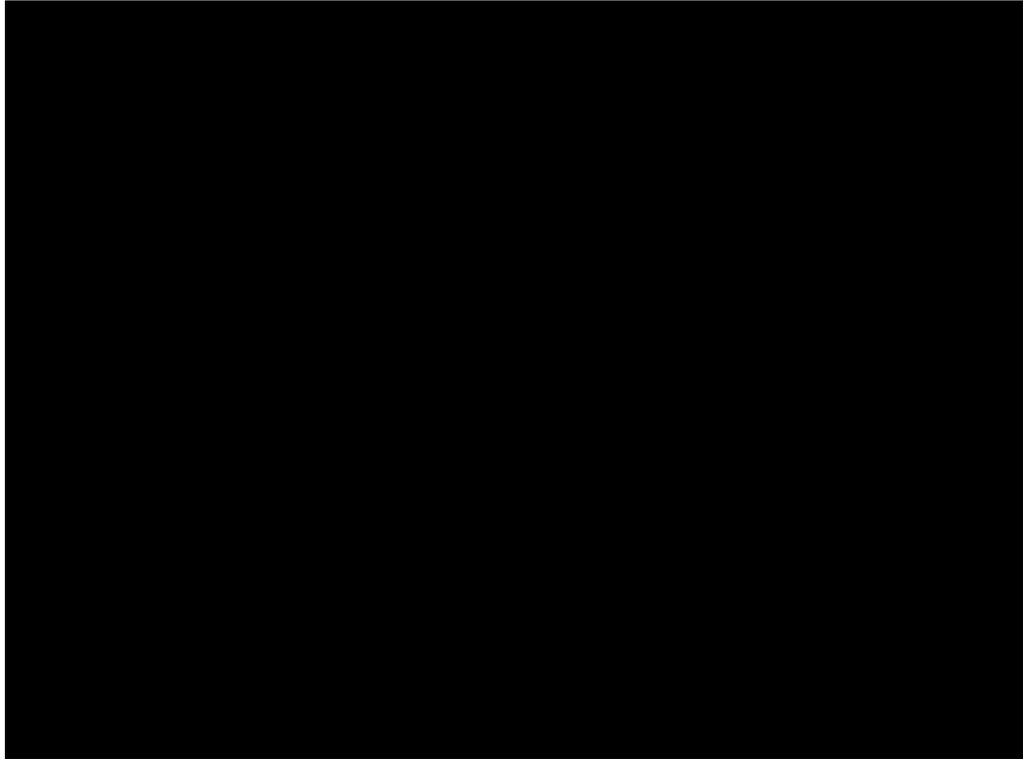


Figura 12 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno – Ao fundo: Escola Municipal do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 08/2006.

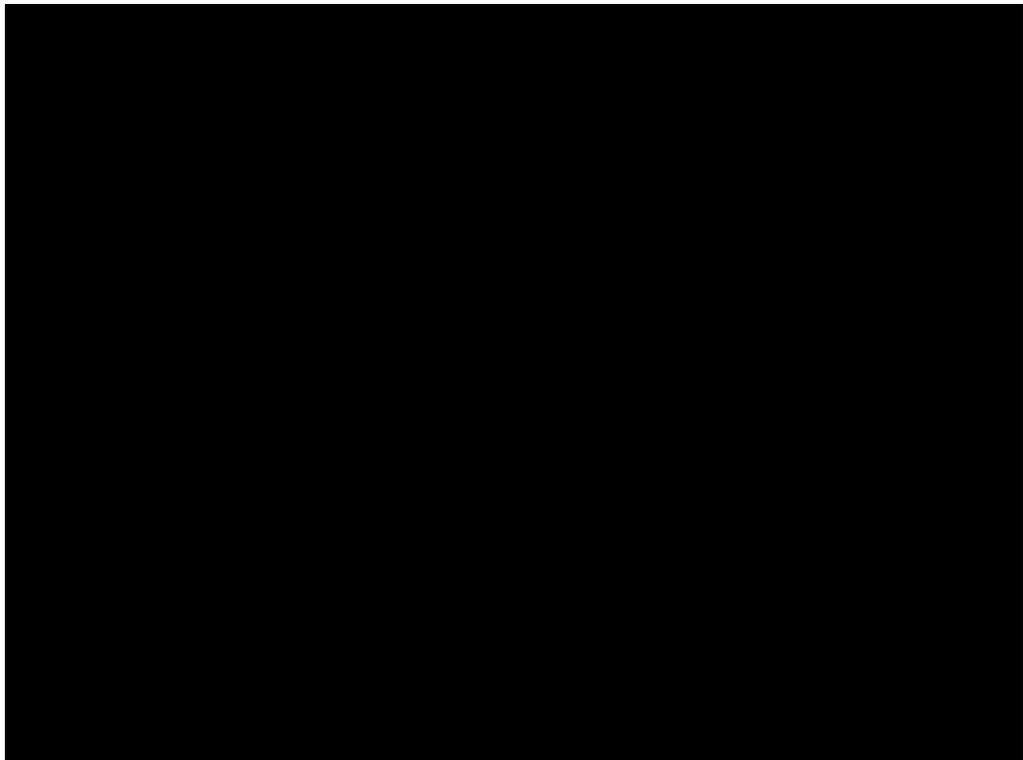
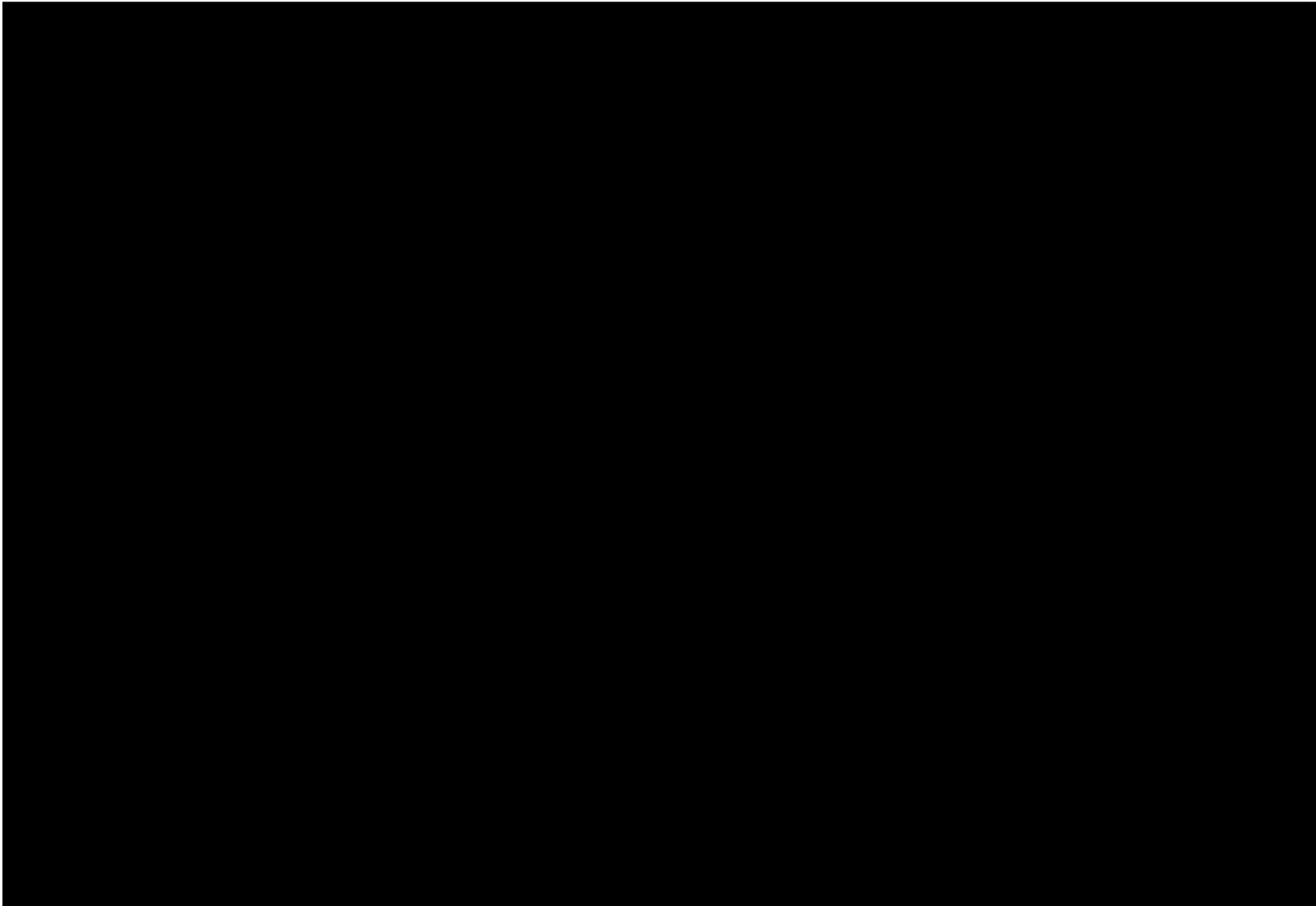


Figura 13 – Centro Comunitário da Tenda do Moreno: Capela São José do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

O conjunto arquitetônico de prédios públicos assume a função de centro comunitário, sendo composto por capela, escola, posto de saúde e campo de futebol; para onde convergem moradores das propriedades rurais do entorno, além



Mapa 2 – Localização do Centro Comunitário da Tenda do Moreno.

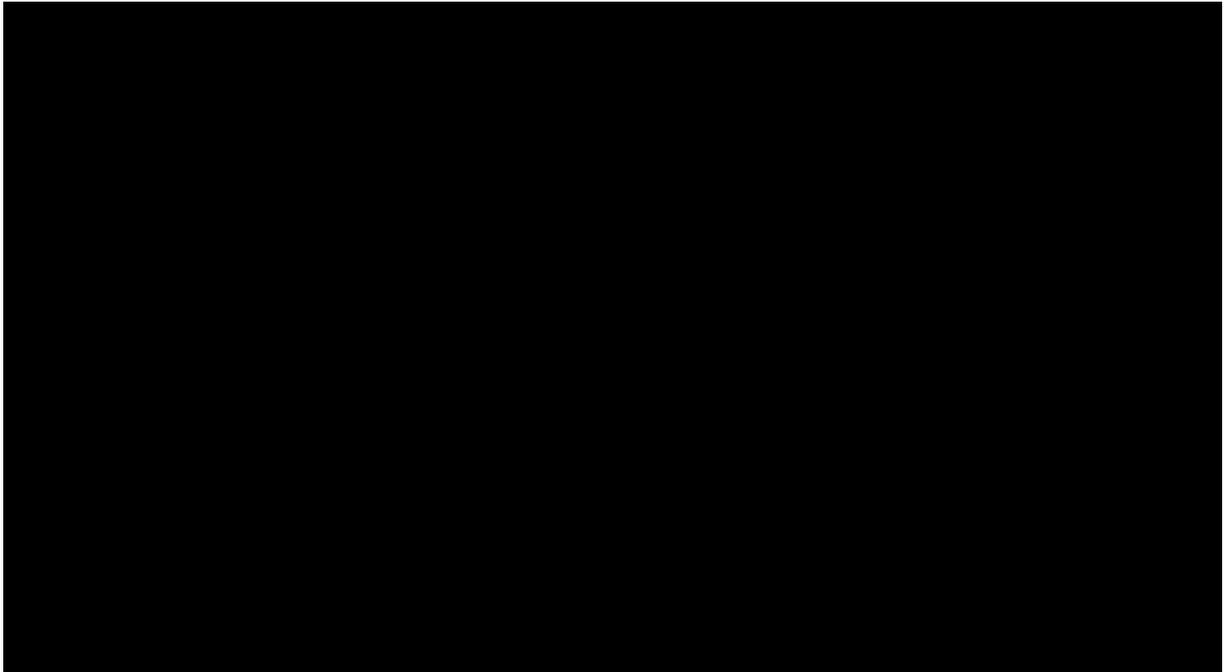
Portanto, o lugar, como espaço do vivido, foi-se transformando, mas guardando alguns resíduos dessas relações sociais de outros momentos históricos, as quais podem ser percebidas a partir dos modos de vida.

No próximo capítulo, caracterizar-se-ão os modos de vida e trabalho dos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, por meio da análise das práticas sócio-culturais e relações sociais de produção, bem como da importância da religiosidade católica na formação dos valores morais e religiosos das pessoas.

CAPÍTULO 2

PRÁTICAS SÓCIO-CULTURAIS E RELIGIOSAS COMO ELEMENTOS CONSTITUINTES DO LUGAR

A identidade é algo que se constrói através de um processo contínuo de formação sempre em busca de sua plenitude. A identidade camponesa no Brasil foi sendo construída passo a passo juntamente com a história da formação do território brasileiro (MEDEIROS, 2006, p.42).



Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda da Tenda: Senhora utilizando a roda de fiar. Fonte: Acervo do Arquivo Público de Uberlândia. Data: indefinida (meados do século XX).

O tema central desta parte do trabalho é a caracterização dos modos de vida e trabalho das populações tradicionais da comunidade Tenda do Moreno, que garantiram a construção de uma identidade com o lugar por meio de relações sociais e representações que advinham da condição social que as pessoas dispunham para ter acesso à terra, bem como das relações sociais de produção, da conquista dos meios de vida e, também, da religiosidade católica.

Os modos de vida e trabalho foram analisados a partir da religiosidade, vida social, saberes, crenças, relações sociais de produção, tecnologias de produção e manejo do ambiente, sendo que todos esses componentes culturais são intercomunicantes e interdependentes.

2.1 – Cultura e identidade no processo de estruturação do lugar.

A reprodução dos modos de vida e trabalho, por meio da incorporação de técnicas, ferramentas e utensílios; das relações sociais de produção; e da religiosidade das populações pioneiras, na ocupação das terras e formação das propriedades rurais no município de Uberlândia, deixou marcas da sua cultura nas paisagens rurais da comunidade Tenda do Moreno.

Nessa perspectiva, a cultura será considerada no plano da existência material e simbólica. Isto significa que, a partir dela, analisar-se-ão a inserção social das pessoas no lugar, bem como os significados da existência dos homens e dos membros de sua sociedade (CLAVAL, 2001).

Portanto, a cultura pode ser entendida também como “aquilo que se interpõe entre o homem e o meio e humaniza as paisagens” (CLAVAL, 2001, p.35) e, conseqüentemente, exerce poder sobre a estrutura espacial.

No que tange ao lugar pesquisado, pode-se dizer que a cultura reside naquilo que é apreendido, transmitido, transformado e reinventado pelas pessoas, ao longo do tempo, e vivida individualmente. Dessa maneira, não se manifesta da mesma maneira em todas as pessoas e também não desempenha o mesmo papel, ao longo da vida. Os conteúdos culturais agrupam um conjunto de valores, ritos, códigos e regras que permeiam os modos de vida e trabalho.

Na comunidade Tenda do Moreno, o espaço ocupado, nomeado e organizado, por meio da criação das primeiras fazendas, foi permeado por valores, simbolismos, crenças, costumes e hábitos, que foram-se particularizando e, no processo histórico de formação do lugar, foram sofrendo adaptações, reduções e mutações, mas que ainda fazem parte dos modos de vida e trabalho das populações locais.

Desse modo, entende-se que existe um processo de (re)construção de identidades no e com o lugar. Nesse processo as pessoas passaram a defender e a exaltar as suas conquistas econômicas e políticas, como campo da manifestação e expressão dos seus modos de vida e trabalho, estabelecendo posses sobre elas.

Como se trata de processos de construção de identidades, entende-se que se pode compreendê-los a partir de alguns questionamentos, ou seja, como, por quem e para que isso acontece. Segundo Castells (2006, p.23):

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela

memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

A identidade cultural não é algo herdado e transmitido, ela envolve escolhas, que resultam na construção de uma gama variada de sentidos para cada indivíduo ou grupo social, em um determinado tempo e espaço. Dessa maneira, o processo de construção das identidades é temporal, espacial e mutável, “[...] trata-se sempre de uma identificação em curso, e por estar sempre em processo/relação ela nunca é uma, mas múltipla” (HAESBAERT, 1999, p.175).

Considerando-se as análises feitas no primeiro capítulo, pode-se perceber que, na comunidade Tenda do Moreno, as identidades e pertencimentos vêm sendo (re)construídas ao longo do tempo histórico, pois os modos de vida e trabalho presentes no lugar se inserem num contexto dinâmico de transformações que interferem nas práticas sócio-culturais, religiosas e econômicas. Contudo, essas mudanças não causaram a decadência do lugar, o qual se mantém vivo, reunindo relações sociais de produção e representações culturais e religiosas com temporalidades diferentes.

Desde o início da ocupação das primeiras propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, as populações que viviam nestes locais incorporaram, aos seus modos de vida e trabalho, costumes relacionados ao acesso à terra, relações sociais de produção; técnicas e saberes de produção; e práticas sociais que se desdobraram em manifestações culturais e religiosas. Esses componentes da cultura rural foram assimilados de diferentes maneiras pelas pessoas.

No que tange às práticas religiosas, frente às dificuldades de acesso aos núcleos urbanos de povoamento, os primeiros moradores da comunidade criaram e organizaram estratégias para propiciar as condições sociais e efetivar a prática da sua religiosidade. Desse modo, as manifestações religiosas aconteciam nas residências das propriedades rurais de forma autônoma e independente, pois, a presença dos sacerdotes da Igreja Católica não era freqüente.

“[...] Na capela tinha as missas, mas não tinha missa direito, porque o padre vinha, mas tinha que buscá ele. [...] Padre não tinha carro não, então quem tinha condução aqui naquele tempo, aqueles melhor de situação tinha uma camionetinha véia, aí buscava o padre, aí buscava ele rezava a missa e voltava uma vez por mês, desse jeito todo mês, mas cada um tinha seu santo de devoção em casa.”³³

As pessoas que realizavam suas práticas religiosas autonomamente estabeleciam relações sociais comunitárias e, por meio delas, foram criando identidades com essas manifestações, tendo como referência os lugares sagrados, os quais garantiam sua reprodução, mesmo sem os representantes da instituição católica.

Em outros tempos, os membros da comunidade, reunidos por necessidades produtivas e movidos por ideais religiosos, viram-se na condição de reproduzir suas práticas religiosas em outros locais, como aos “pés” dos cruzeiros e, mais tarde, nas capelas rurais. A diversidade das manifestações religiosas das populações gerava diferentes sociabilidades, conforme os rituais inscritos nessas práticas.

A religiosidade das pessoas do lugar não promovia somente os encontros e práticas religiosas, mas possibilitava e potencializava as relações sociais em diferentes esferas da vida, visto que reforçava valores morais e religiosos. Esses se

³³ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

manifestavam nas relações sociais de produção; nos compromissos de reciprocidade e ajuda mútua; nos costumes relacionados às conquistas dos meios de vida, ao trabalho, ao acesso a terra; bem como nos saberes implicados nos processos produtivos, conforme será visto neste capítulo.

As identidades, consideradas como uma construção que envolve adições a símbolos e rituais, estabelecem processos que criam significados baseados em conteúdos culturais e também conjuntos destes, inter-relacionados. Neste sentido, os indivíduos e coletividades partilham identidades múltiplas (CASTELLS, 2006).

Na comunidade Tenda do Moreno a identidade dos moradores com a religiosidade católica popular produziu a existência do lugar, apesar das transformações que vêm ocorrendo desde o início da ocupação das propriedades

morais que advêm da religiosidade católica, os quai

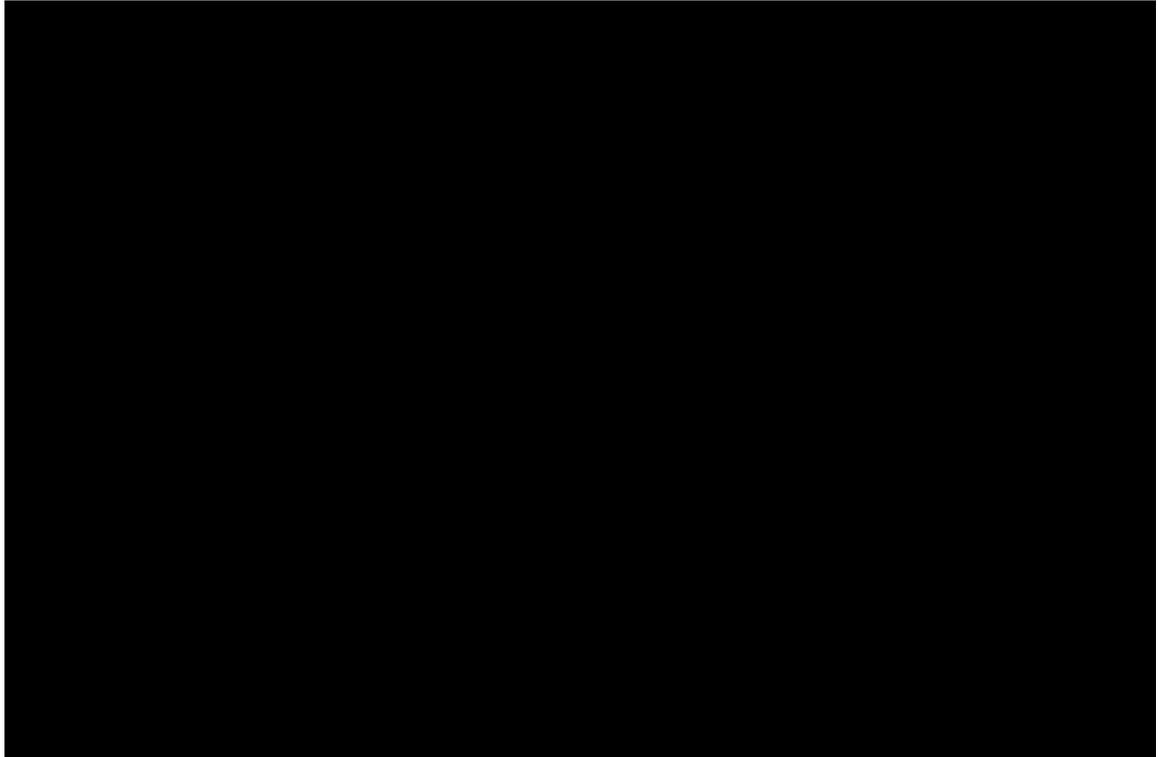
No que se refere aos simbolismos, ou seja, a manifestação dos símbolos, pode-se perceber seu papel primordial na construção do lugar. Na comunidade Tenda do Moreno, os simbolismos do religioso estão presentes, tanto nas imagens da capela, dos cruzeiros, e das propriedades rurais, quanto nos modos de vida. Seus sentidos fundam-se, de maneira subjetiva, na memória das pessoas. A percepção destes varia de acordo com a leitura simbólica de cada membro da comunidade.

Para alguns autores, que compartilham da noção de símbolo fundamentada na semiologia, seu significado vai além da concepção de sinônimo de signo, representação ou substituição. Nas palavras de Haesbaert (1999, p.177):

Enquanto o signo **stricto sensu** é muito mais arbitrário e mais racional, no sentido de uma convenção abstrata e literal, o símbolo mantém uma relação mais direta com a coisa nomeada e ao mesmo tempo, mais carregado de subjetividade, ele teria uma abertura para levar a outros sentidos, indiretos, secundários e, de alguma forma, inesperados. No símbolo haveria sempre um deslocamento de sentido, nunca de todo definido ou explicado (grifo do autor).

Tomando-se como exemplo a simbologia dos cruzeiros (Figuras 14/15), na visão de alguns moradores da comunidade Tenda do Moreno, observa-se que seus sentidos podem expressar proteção espiritual, divindade, lugar sagrado, morte, ou mesmo remeter ao episódio bíblico da crucificação de Jesus Cristo.

Neste sentido, a consolidação das identidades, ligadas a referenciais simbólicos, acontece quando estes são encarados com naturalidade pelas pessoas ou grupos sociais que os compartilham. “O símbolo reúne: ele faz esquecer as diferenças que existem entre os membros de um grupo ou de uma mesma cultura; ele realça aquilo que compartilham” (CLAVAL, 2001, p.157).



Figuras 14/15 – Comunidade Tenda do Moreno – Lado Esquedo: Cruzeiro localizado nas margens da rodovia municipal 030. Lado Direito: Cruzeiro localizado na Capela São José do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Na comunidade Tenda do Moreno os simbolismos, representados pelos cruzeiros, estavam ligados à religiosidade das pessoas quando a comunidade ainda não possuía uma capela, sendo que motivavam os encontros religiosos, por meio da realização de orações e novenas, em frente aos cruzeiros.

“[...] Levantava cedo e dormia cedo, rezava terço nas cruz, nestas cruz tudo tinha terço qualquer época. [...] Naquele tempo qualquer coisa servia prá pessoa.”³⁶

Além dos cruzeiros se configurarem como um lugar sagrado, onde era possível realizar as práticas religiosas, também serviam para aproximar os moradores locais e estabelecer formas de sociabilidade e de reciprocidade entre vizinhos. Sendo assim, as manifestações religiosas resultavam de relações sociais que se estendiam para as relações sociais de produção.

³⁶ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Portanto, pode-se perceber que a identidade representa parte fundamental da experiência das pessoas com o lugar, sendo que sua construção acontece em consonância com o surgimento de formas de pertencimentos, e se desdobra nas práticas culturais, religiosas e sócio-econômicas. Estas servem como meios para se consolidarem os sentidos e significados atribuídos aos modos de vida e trabalho.

Na comunidade Tenda do Moreno, os modos de vida e trabalho e os enraizamentos baseiam-se na religiosidade católica das pessoas do lugar que, ao se juntarem em torno das representações da fé cristã e do santo padroeiro, São José, criam, estabelecem e nutrem valores morais e religiosos, os quais se manifestam nas relações sociais, nos processos produtivos e no cotidiano dos membros da comunidade.

2.2 – Religiosidade, terra, trabalho e relações sociais de produção: elementos da (re) produção do lugar.

2.2.1 – Relações comunitárias e autonomia das práticas religiosas.

O isolamento social e espacial das populações rurais, no início da formação da comunidade Tenda do Moreno, exigia certas autonomias nas práticas religiosas, pois os deslocamentos até os núcleos urbanos não eram realizados constantemente e, também, era difícil poder contar com a presença freqüente de sacerdotes da Igreja Católica.

Neste sentido, os moradores da comunidade Tenda do Moreno instituíram seus espaços sagrados, demarcados e delimitados pela edificação de cruzeiros e capelas rurais, nas fazendas, por meio da religiosidade católica popular.

O catolicismo brasileiro pode ser distinguido em duas modalidades integradas, uma tida como religião oficial e outra como religião popular, cujo centro da vida religiosa é orientado pelo culto aos santos. A pluralidade do catolicismo pode ser entendida por duas condições típicas, ou seja, a quantidade mínima de sacerdotes e a deficiência nos conhecimentos religiosos; as quais as populações foram obrigadas a enfrentar, desde o início da colonização portuguesa (QUEIROZ, 1973).

Sendo assim, o isolamento foi gerando uma autonomia na prática da religiosidade das populações rurais, criando diferentes tipos de rituais religiosos, como os terços e novenas em louvor aos santos de devoção, realizados nas fazendas.

As orações em frente aos cruzeiros e as rezas individuais das pessoas, nos oratórios residenciais, apresentavam-se como manifestações da religiosidade individual e particular. Nas capelas, concentravam-se as manifestações religiosas comunitárias, representadas pelas festas em louvor ao padroeiro da localidade.

Analisando-se as características da religiosidade católica popular, em outras localidades, pode-se compreender que a presença das capelas institui centralidades para as populações rurais domiciliadas no seu entorno e definem laços comunitários entre os moradores dos bairros rurais. Nas palavras de Queiroz (1973, p.81): “O bairro rural tem geralmente como centro uma capela. [...] As famílias trabalham

sozinhas em seus campos, mas se reúnem sempre nos momentos da festa religiosa.”

Antes da construção da capela São José do Moreno, por volta da década de 1940, muitas pessoas da comunidade Tenda do Moreno participavam dos encontros religiosos na comunidade vizinha, Olhos D'água, onde havia uma pequena edificação conhecida como *Capela do Espigão*, localizada próxima à atual capela dessa localidade, que se encontra na margem direita da rodovia federal BR-365 (sentido Uberlândia-Patrocínio).

Associando-se as informações obtidas em campo com a análise de referenciais teóricos a respeito da religiosidade católica popular, nas áreas russp

como o levantamento de mastros com bandeiras estampadas com a imagem de cada santidade.

Sendo assim, o período de intensificação das práticas religiosas autônomas era o mês de junho, período das homenagens a Santo Antônio, São João e São Pedro, nos dias 13, 24 e 29, respectivamente.

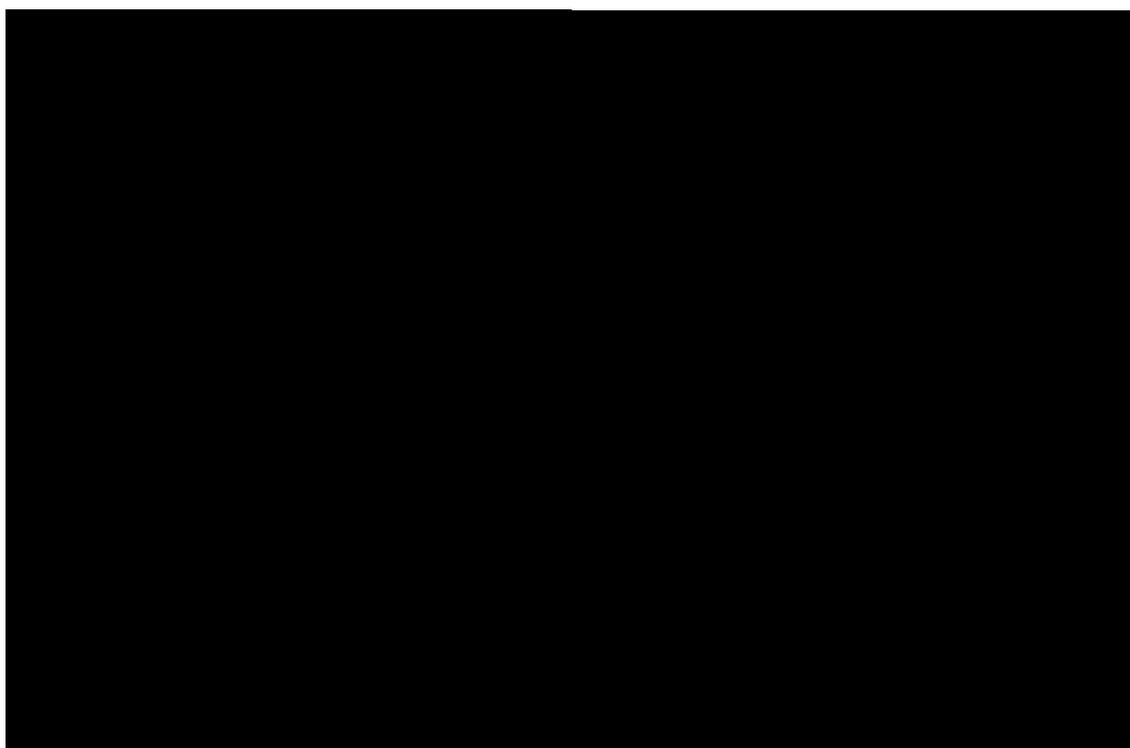
Dependendo dos compromissos religiosos de cada família, podia-se comemorar um ou mais santos. No período junino, o grande número de comemorações em louvor aos santos fazia com que as pessoas estabelecessem cronogramas para a realização dos terços e novenas, nas residências mais próximas.

“Na época de junho, tinha mais era demais mesmo, era o mês inteirinho, terço cê tinha era que marcá os dia, pra podê ir cada dia numa casa em cada região. Todo mundo rezava os terço, uns Santo Antônio, outros São João, São Pedro, outros rezava os três, e todo mundo ia. Ali era uma festinha boa, era quitanda, não existia bebida, não tinha nada, era só quitanda, café, leite se tivesse e chá, e dançava também.”³⁹

As comemorações em louvor aos santos, realizadas nas residências, eram possibilitadas pela conquista do excedente e estabelecidas entre os membros da comunidade por meio do convite feito às pessoas ligadas às famílias, promotoras dos festejos, por laços de parentesco, amizade e vizinhança. Esse tipo de costume visava estabelecer ou fortalecer relações com grupos de pessoas capazes de manter a reciprocidade de favores presentes na ajuda mútua, como no caso das relações sociais de produção configuradas pelo mutirão e pela traição, conforme será visto no item 2.2.3 deste capítulo.

³⁹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Nas residências, as famílias também reproduziam rituais religiosos individuais nos oratórios⁴⁰, onde eram colocadas imagens sagradas dos santos de devoção e também de Jesus Cristo. Em frente aos oratórios (Figuras 16/17), perante a imagem de seus santos de devoção, eram realizadas as orações ditas diárias, geralmente, dedicadas aos agradecimentos relacionados à vida das pessoas.



Figuras 16/17 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo – Lado esquerdo: Oratório disposto na parede do quarto da residência. Lado direito: Detalhe das imagens sacras expostas no oratório. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 05/2006.

Esses rituais se definiam nas relações decorrentes do ciclo produtivo das fazendas e se intensificavam na medida em que eram representados por diversos tipos de pedidos em prol do bem-estar e saúde dos membros familiares ou, ainda, com relação à conquista na produção dos meios de vida.

⁴⁰ Os oratórios são uma espécie de armarinho onde se colocam desde imagens sacras católicas até velas e outros objetos religiosos. Estes podem estar fixados nas paredes dos quartos ou dispostos nas salas das residências, durante a realização de novenas e preces coletivas, como espaços sagrados domésticos. Sobre o assunto consultar *Museu do Oratório*. Disponível em: <http://www.oratorio.com.br/port/colecao_txt.asp?id_categoria=1&id_subcategoria=0>. Acesso em: junho de 2006.

Os simbolismos e representações advindas da propriedade da terra e da religiosidade se caracterizavam, no lugar, por meio da sua influência no cotidiano das pessoas, ou seja, no estabelecimento de relações sociais. Estas, por sua vez, se desdobraram em costumes, bem como práticas culturais e religiosas, inscritos nos processos produtivos e, por extensão, no mundo vivido das pessoas.

No caso das relações sociais de produção baseadas na reciprocidade, como o mutirão e a traição, os encontros religiosos, além de servirem como oportunidade de fortalecer os laços comunitários, também renovavam estes tipos de acordos.

“[...] Os mutirão era dado, então era bão porque cê podia ajudar os outros que tava em dificuldade.”⁴¹

Geralmente, nos encontros comunitários, as pessoas também estabeleciam elos de ligações entre as práticas produtivas e a religiosidade, pois segundo os valores morais e religiosos das pessoas do lugar, dar uma “de mão”, socorrer um vizinho, ou emprestar mantimentos representavam formas de ajuda ao próximo.

Desse modo, a necessidade de se estabelecerem essas relações sociais era explicada e fundamentada pelas representações frente à religiosidade das pessoas, e se ligavam ao mundo vivido como fatos da prática social, por meio dos valores religiosos compartilhados entre os sujeitos envolvidos nessas relações.

O nível de influência das representações ligadas à religiosidade, no mundo vivido das pessoas, não se limitava ao estabelecimento de relações sociais de produção, visto que se faziam presentes nos costumes relacionados ao trabalho, à produção dos meios de vida, bem como à propriedade privada da terra.

⁴¹ Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Além dos encontros religiosos nas capelas e residências, havia também a realização de orações e terços aos “pés” dos cruzeiros, que eram freqüentes, e reuniam as populações das propriedades rurais da comunidade. De acordo com as pessoas do lugar, elas rezavam, molhavam os “pés” dos cruzeiros e pediam aos santos para mandar chuvas, nas épocas em que a estiagem prolongada prejudicava o início das plantações.

A partir dessas manifestações compreendeu-se que as práticas religiosas ganhavam sentidos e significados diversos a partir do imaginário dos membros da comunidade Tenda do Moreno.

Pode-se perceber que a religiosidade católica estabelecia valores morais e religiosos relacionados às necessidades humanas, os quais outrora se manifestavam, também, na conduta das pessoas em diferentes esferas da vida, por meio dos ideais cristãos que pregavam a honestidade e a ajuda ao próximo, dentre outras ações voltadas ao convívio social.

Portanto, era importante poder contar com pessoas cujos valores morais e religiosos fossem compartilhados e legitimados, principalmente no que tange ao papel da religiosidade católica frente aos modos de vida e trabalho. A reciprocidade das relações estabelecidas entre parentes, compadres, amigos e vizinhos representava um elemento essencial, tanto no sentido de prestigiar as festas organizadas pelos demais moradores da comunidade quanto no que se refere ao auxílio mútuo em atividades laboriosas.

Para as famílias que estabeleciam relações sociais de produção baseadas na reciprocidade e na ajuda mútua, o trabalho representava uma característica fundante da conduta moral e religiosa. Sendo assim, as pessoas acreditavam que, sem a

dedicação ao trabalho de todos os membros familiares e a solidariedade comunitária, a conquista dos meios de vida não poderia ser alcançada individualmente, devido à sua condição técnica e socioeconômica que exigia uma demanda de força de trabalho que envolvia vários “braços” para a produção dos gêneros de subsistência alimentar.

Como pode ser analisado, a religiosidade das famílias de produtores rurais exercia influência em diferentes esferas dos seus modos de vida, ou seja, nas relações sociais de produção, nos saberes implicados nos processos produtivos e nos costumes relacionados ao acesso a terra e à conquista dos meios de vida.

Portanto, a religiosidade representava, naquele momento histórico, bem como atualmente (2007), um elemento motivador dos encontros que se manifestavam em regras de conduta, imposições, identidades e pertencimentos das pessoas com o grupo social e práticas sócio-culturais e, por conseguinte, com o lugar.

2.2.2 – Propriedade privada da terra: mecanismo de mediação de relações sociais entre as pessoas do lugar.

Por meio das pesquisas de campo realizadas na comunidade Tenda do Moreno e da análise de informações obtidas em livros, revistas e dados censitários, que abordam as características da posse da terra na região de estudo, observou-se

que, em termos de número de domicílios rurais, predominam as pequenas propriedades⁴², com área inferior a 80 hectares (ha).⁴³

Desse modo, foi importante considerar-se, também, as narrativas feitas pelas pessoas que, ao serem motivados a falar a respeito do tamanho dos imóveis rurais, mencionaram que a maioria destes se trata de pequenas propriedades, sendo que essa característica se faz presente desde o início do século XX.

No primeiro capítulo deste trabalho, que abordou a questão da formação das propriedades rurais na comunidade Tenda do Moreno, podem-se extrair algumas considerações quanto à dimensão territorial dos imóveis rurais.

O fluxo migratório, orientado pela aquisição de terras desmembradas das primeiras fazendas, a partir da segunda metade do século XIX, caracterizou-se pela imigração de numerosas famílias, que foi responsável pelo fracionamento das terras em pequenas propriedades.

Contudo, a permanência de alguns “troncos” familiares, na comunidade Tenda do Moreno, também resultou, ao longo desse período, no parcelamento das propriedades rurais por meio da divisão de terras entre descendentes das mesmas famílias. Essa condição de acesso à terra pode ser compreendida pelas narrativas das pessoas do lugar.

“[...] Toda vida foi pequena propriedade, daqui pra trás até 80 hectares [...] maior que isso era muito pouco, porque essas fazendas era tudo grande

⁴² A classificação das propriedades rurais de acordo com a área total baseou-se na Lei Federal nº 8.629 de 25/02/1993, que considera como pequenas propriedades aquelas com área compreendida entre um e quatro módulos fiscais. Esse padrão de medida foi criado pelo Decreto nº 84.685, de 06/05/1980 que leva em conta, principalmente a condição de propriedade familiar, cuja área modular é suficiente para garantir ao produtor o sustento de sua família e gerar renda econômica. No município o módulo fiscal é de 20 hectares (ha).

⁴³ No terceiro capítulo, serão fornecidas mais informações a respeito da dimensão das propriedades rurais na comunidade Tenda do Moreno.

antigamente, depois foi repartindo com os filhos e hoje vem repartindo, quando vê já tudo pequenininho né.”⁴⁴

Segundo as pessoas do lugar, o acesso à terra era realizado tanto por meio de compra e venda quanto pelo arrendamento de faixas de terras em outras propriedades rurais, na condição de parceiros. Essa última possibilidade podia ser vislumbrada pelos pequenos produtores familiares cujas fazendas lhes permitiam fixar residência, mas não lhes garantiam a conquista ampla dos meios de vida.

A condição de pequeno proprietário rural exigia, de algumas famílias, esforços no sentido de aumentar as áreas das propriedades, tanto para conseguir ampliar a produção, quanto para garantir o futuro dos descendentes, por meio da partilha de terras.

No entanto, não eram raros os casos em que herdeiros de terras, ao receberem suas partes na partilha dos imóveis rurais de seus ascendentes migravam para outras regiões ou localidades, deixando o núcleo familiar para trás. Aqueles que permaneciam no lugar empenhavam-se para ampliar suas propriedades rurais e perpetuar o costume de garantir o acesso à terra aos descendentes.

Os ascendentes familiares consideravam a condição de acesso à terra uma meta a ser cumprida, pois a terra era tida como o meio de produção de alimentos; geração de renda, inclusive excedentes; bem como mecanismo de poder, no que se refere ao estabelecimento de relações sociais de produção com pessoas não proprietárias, conforme será analisado neste capítulo.

⁴⁴ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

“[...] A terra era o sustento, era a vida da gente, toda vida foi né. Se não tivesse né, o papai sempre falava: ‘tem que dá jeito pra deixá pros menino’. Os nossos pais, os meus avós, tudo falava isso, era pra podê comprá mais um pedaço de chão, porque naquela época era fácil de comprá né.”⁴⁵

O acesso à terra era tida como requisito para se conseguir os meios de vida, os quais iam além do sustento representado pelos gêneros alimentícios e também atingiam a aquisição de ferramentas, a necessidade do lazer e das festas, e tinham uma representação sagrada, na medida em que eram definidos como pressuposto básico da vida para as famílias dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno.

A religiosidade das pessoas lhes impunha uma prática social em que o valor de uso da terra sobrepunha seu valor de troca, pois a sua posse significava a garantia da sobrevivência e do bem-estar das famílias rurais tradicionais.

“[...] Uai a terra significava aquilo que não tinha preço que pagava né, era pra gente produzir né, trabaiá, pra tirá o sustento.”⁴⁶

“[...] Uai a terra naquela época pra mim era tudo, porque sem a terra como é que você come, não tem jeito. Cê tem que tirá da terra o que cê tem que comer, cê vai comer o que.”⁴⁷

No entanto, o valor de troca da terra também era importante no mundo vivido das pessoas, visto que a propriedade privada da terra era uma condição de poucas famílias. Sendo assim, representava um instrumento de poder que tinha força de impor e mediar as relações sociais e de produção entre proprietários e não-proprietários.

⁴⁵ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁴⁶ Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁴⁷ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

A condição de acesso à terra gerava conflitos e tensões sociais entre as pessoas, mas, ao mesmo tempo, nutria suas identidades e pertencimentos com o lugar e se vislumbrava como uma realidade da prática social, no cotidiano dos membros da comunidade Tenda do Moreno.

“[...] então de forma que toda vida nós mexe com a terra, tem que mexê, nós não adquiriu muita coisa não. Adquiriu até muita coisa, aquilo que nós tem é muita amizade, então é isso que nós adquiriu mais.”⁴⁸

Para quem possuía uma propriedade rural, a produção de alimentos e a moradia estavam potencialmente garantidas. Esse apelo à posse da terra era tido como conquista de uma condição social favorável e, também, como sinônimo de satisfação das necessidades vitais do ser humano. Neste sentido produzia, no imaginário das pessoas, um poder simbólico, visto que a conquista dos meios de vida dependia, em parte, das condições de acesso à terra para usos agrícolas.

Cabe ressaltar que os valores incorporados pelos grupos familiares, quanto à importância da terra para a garantia da alimentação e da sobrevivência, expressam a dimensão da relação do homem com a natureza, na reprodução da vida biológica e social. Desse modo, a propriedade privada da terra era tida como a condição para se obterem os meios de vida, mas também como instrumento motivador que estipulava regras no estabelecimento de relações sociais e de produção, entre as pessoas do lugar.

Referindo-se ao papel da alimentação na vida dos indivíduos e grupos sociais, Candido (1997, p.28) mencionou que: “Sendo condição da vida, ela é pressuposto de toda vida social, que já tem sido interpretada como decorrência direta da satisfação de necessidades, entre as quais ela se destaca”.

⁴⁸ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

No caso das famílias de pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno, a satisfação das necessidades básicas, ou seja, os meios de vida, era obtida por meio de relações sociais entre os homens e destes com o meio.

A terra, ou seja, a propriedade privada, entrava nas relações sociais e de produção como sendo uma instituição poderosa, na qual, por meio de técnicas de plantio e colheita de gêneros alimentícios, bem como pelo trabalho familiar e pela ajuda mútua, as pessoas foram criando suas regras e acordos sociais, e também símbolos, signos e rituais. Estes promoveram a institucionalização de valores sociais que permitiram uma vida comunitária entre seus membros.

Pode-se perceber que a relação com a terra era estabelecida, mantida e reelaborada, tanto pela condição de possuir sua propriedade privada quanto pelas técnicas de plantar e colher e pela organização da vida social, nas fazendas.

Portanto, possuir um “pedaço de chão” exigia, dos proprietários, o trabalho com a terra, que era realizado com a ajuda dos membros familiares e por outras relações sociais de produção, como o mutirão, a parceria e outras formas de trabalho mediadas por acordos que visavam à produção de alimentos e ao direito à moradia.

Conforme será analisado no item 2.2.3, as relações sociais de produção estabelecidas na comunidade Tenda do Moreno aconteciam entre proprietários, parceiros⁴⁹, agregados e peões⁵⁰. O acesso à terra, por parte dos parceiros e

⁴⁹ Em algumas ocasiões, os pequenos proprietários estabeleciam-se, na condição de parceiros em outras propriedades. A condição de parceiros exigia deles possuírem terras, visto que essa situação possibilitava estabelecer relações igualitárias com os demais donos de terras, devido ao fato de possuírem a propriedade privada da terra.

⁵⁰ Os agregados e peões representavam uma espécie de trabalhadores rurais sem-terra, que obtinham o direito a moradia e/ou de lavrar terras dos proprietários rurais.

trabalhadores rurais, era restrito, pois quem era dono da terra podia propor diferentes tipos de acordos com os não-proprietários.

Os costumes ligados à propriedade privada envolviam a garantia da produção de subsistência e seus simbolismos. Sendo assim, a terra era tida como o meio de obtenção dos recursos alimentares e lugar da moradia; o meio para se gerar dividendos, por intermédio da geração de excedentes, os quais eram direcionados à compra de novas glebas de terras ou produtos adquiridos no comércio citadino; e também uma espécie de “capital de sociabilidade”.

O “capital de sociabilidade” pode ser entendido como um costume que gerava prestígio social para os pequenos proprietários, que cediam o direito de uso para moradia em suas terras às pessoas expropriadas dessas condições sociais, pois na comunidade Tenda do Moreno havia várias famílias que moravam nas fazendas onde trabalhavam. Os donos de terras que cediam esse direito relataram essa relação com entusiasmo e saudosismo, por poderem ajudar os agregados e peões, concedendo moradias em suas terras.

“[...] de um lado e de outro assim, na beira daquele corguim tudo, tinha casinha que os povo morava [...] casinha no chão, pau-a-pique, mas era tudo limpinho, arrumadinho e criava aquele famião [...] deu muita gente.”⁵¹

Cabe ressaltar que as permissões, entendidas como favores oferecidos pelos donos de terras àqueles expropriados da condição de possuir terras para moradia e/ou produção, não gerava apenas um “capital de sociabilidade”, mas também um “endividamento moral” entre o beneficente e o beneficiário da condição de acesso à terra, bem como ao lugar para se morar e, no entorno, conseguir trabalho.

⁵¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. Na sua fala ele se refere às famílias que moravam de favor na propriedade de seu avô, próxima ao córrego do Moreno.

“[...] Naquele tempo tinha bastante gente (agregados e peões) morando nas fazendas. Ah!!!, de primeiro era mais fácil, parece que as pessoas valorizava isso mais, parece que não tinha essa coisa assim, de qualquer dia que o cara trabalhava já que levá na lei.”⁵²

Pode-se perceber o prestígio social dos proprietários de terras, frente às famílias que obtinham favores relacionados ao acesso à terra, como agregados, peões ou parceiros. Essas pessoas se endividavam moralmente a partir do momento em que conseguiam a oportunidade, dada pelos donos de terras, para utilizarem uma área para cultivar, fixar moradia, ou mesmo fazer outros usos pré-estabelecidos por acordos socialmente celebrados e legitimados pelos membros da comunidade.

No que tange à construção do lugar, as relações sociais estabelecidas entre donos de terras, agregados, peões e parceiros desdobravam-se em costumes e práticas sócio-culturais que criavam aproximações entre os membros da comunidade. Por outro lado, também geravam desentendimentos, mas que eram suavizados, resolvidos ou camuflados pelas representações da conduta moral e religiosa das pessoas.

O prestígio social dos donos de terras que permitiam a agregados, peões e parceiros residir em suas fazendas lhes fornecia uma boa imagem frente aos demais membros da comunidade, visto que esse costume era tido como uma ação de ajuda ao próximo, que era motivado por valores morais instituídos pela sua religiosidade.

Em alguns casos, esse “endividamento moral” do beneficiário para com o beneficente do empréstimo de terras se materializava na sua especialização como reserva de mão-de-obra voltada à execução de atividades laboriosas, geralmente, obtida sem custos monetários pelos proprietários de terras.

⁵² Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Portanto, verifica-se que o valor de uso da terra, os costumes ligados à condição de acesso à propriedade privada, bem como os simbolismos envolvidos na imagem da terra como mecanismo de poder dos donos, e mediadora das relações sociais e de produção entre os produtores e trabalhadores rurais, na geração dos meios de vida, representavam elementos edificantes do lugar.

Nesta mesma perspectiva, o prestígio social gerado pela sua posse, e também sua conotação sagrada, eram elementos estruturantes das relações sociais que criaram no lugar sentimentos e envolvimento comunitários que podiam ser percebidos nas relações de reciprocidade, principalmente na troca de favores entre os membros da comunidade Tenda do Moreno.

Dessa forma, a ligação das pessoas com a propriedade da terra e o poder simbólico desta no imaginário e no vivido das populações da comunidade Tenda do Moreno culminaram na construção de vários costumes. Estes foram se incorporando ao lugar a partir das relações sociais que permitiram diversas modalidades de exploração do trabalho, mas que continuaram ligando os proprietários e não-proprietários com a comunidade.

Cabe ressaltar que, a partir de costumes e práticas culturais inscritas no cotidiano, bem como da religiosidade dos moradores locais, foram surgindo delimitações de territórios na comunidade, conforme o caso dos bairros rurais analisados no primeiro capítulo.

2.2.3 – Cotidiano e trabalho: costumes, práticas culturais e relações sociais de produção.

Nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, a predominância da produção de subsistência, em relação à geração de excedentes, e a utilização de técnicas de produção que demandavam trabalhos manuais privilegiavam o uso da mão-de-obra familiar em contraposição às formas de trabalho baseadas em relações sociais de produção, estabelecidas junto a agregados e peões.

O trabalho intra-familiar envolvia, direta e indiretamente, todos os membros, ou seja, crianças, jovens e adultos, sem distinção de sexo. No entanto, a distribuição do tipo de atividade a ser desenvolvida era peculiar.

“Nóis começava a trabalhar em pequeninho mesmo, pequeno mesmo todo mundo trabaivava. Naquela época tudo era diferente de hoje.”⁵³

A divisão do trabalho familiar, assim como em diferentes grupos sociais tidos como camponeses era dirigida pelo chefe de família, o pai, que regulava os tipos de atividades a serem desenvolvidas pelos filhos, conforme suas capacidades físicas e conhecimentos adquiridos.

Buscando uma referência que permitisse estabelecer analogias com as características do trabalho intra-familiar na comunidade Tenda do Moreno, encontrou-se, em uma pesquisa realizada por Ellen Woortmann & Klaas Woortmann (1997) sobre o campesinato no estado de Sergipe, uma análise sobre o papel do

⁵³ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

chefe familiar na divisão das atividades produtivas entre os membros familiares, a qual subsidiou a análise e o entendimento desse tipo de divisão social do trabalho.

Ao classificarem o chefe de família camponesa como “pai-patrão”, E. Woortmann & K. Woortmann (1997, p.13) consideraram que:

Ele é o detentor de um saber que o autoriza a **governar** o processo de trabalho, isto é, a dirigir o trabalho da família. Esse saber é transmitido à “força de trabalho”, aos filhos que, ao trabalhar, estão-se constituindo também em “conhecedores plenos” (grifo dos autores).

No caso dos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, a divisão do trabalho familiar era regida pela distinção de sexo e idade, bem como por meio de relações de transmissão de conhecimentos necessários à realização das atividades, visto que aos pais era incumbida a responsabilidade dos ensinamentos aos filhos, e no caso das mães, às filhas.

Neste sentido, aos meninos, rapazes e homens eram incumbidas as atividades ligadas à roça e o pasto, que exigiam maior esforço físico, ou seja, a preparação das áreas de plantio, o cultivo, a manutenção das plantações e o manejo dos animais e pastagens. Nesses tipos de serviços os meninos participavam com a realização de tarefas “leves” e simples.

“Plantava de plantadeira com animal, puxada com cavalo, aí nós que era menino era os puxadô, nós que puxava cavalo. Os menino tudo que puxava, não existia homem pra puxá.”⁵⁴

As meninas, moças e mulheres cuidavam das atividades ligadas à casa e ao quintal, como a preparação das refeições diárias, serviços de limpeza, produção artesanal de alimentos (queijos, doces, farinha, entre outros), e confecção e restauração de vestimentas, entre outras tarefas diárias.

⁵⁴ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

“[...] então desde menina nós tomó conta da casa, do serviço de casa, como diz, lavá roupa, fazê comida, se tinha que costurá uma roupa que estava estragada. Menina mesmo, minha mãe fazia comida, ela arrumava a comida na gamela, e nós punha na cabeça, eu e minha irmã mais nova que eu, e era longe aonde que o papai tocava as lavoura de arroz. A gente ia levá pros peão, quando tinha um cavalo lá, a gente muntava no cavalo e ia à cavalo, quando num tinha ia à pé mesmo.”⁵⁵

O trabalho familiar era regulado por normas e valores morais referenciados na religiosidade, principalmente na figura de São José, padroeiro da comunidade, considerado como guardião da família, cuja representatividade definia a estrutura social da família a partir dos preceitos católicos.

A cada um dos membros cabia uma função a desempenhar em benefício do grupo, e isso criava relações sociais que sustentavam a vida comunitária como elemento constituinte da organização das unidades de produção familiar no lugar.

As relações sociais de produção instituídas no interior dos núcleos familiares eram demandadas pelas necessidades, dificuldades e carências relacionadas à conquista dos meios de vida.

Sendo assim, a utilização do trabalho infantil representava uma importante forma de contribuição na divisão do trabalho nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno. Além disso, a dedicação das crianças ao trabalho servia como uma ferramenta na construção de costumes ligados aos significados do trabalho no modo de vida rural, ou seja, como pressuposto da formação cultural de pessoas honestas, dignas e de boa índole.

No contexto do trabalho familiar a religiosidade católica exercia influência na vida das pessoas na comunidade Tenda do Moreno, pois a família era tida como

⁵⁵ Pesquisa de campo realizada com D.C.P. (58 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. No seu depoimento a senhora conta algumas das atividades desenvolvidas pelas meninas na fazenda.

uma instituição sagrada, de tal modo que, na visão de alguns moradores locais, o padroeiro do lugar, São José, assumiu a função de protetor das famílias.⁵⁶

Na comunidade Tenda do Moreno as populações tradicionais mantinham inter-relações estreitas com a instituição da família, e contavam também com a solidariedade intra-comunitária. Além do trabalho familiar foram identificados outros tipos de relações sociais de produção, baseadas na ajuda mútua e na prestação de serviços entre as propriedades vizinhas. As principais formas de solidariedade intra-comunitária pesquisadas, ligadas às relações sociais de produção, foram o *mutirão* e a *traição*.

O mutirão era caracterizado pela prestação de serviços voluntários por um grupo de moradores vizinhos a algum membro da comunidade que necessitava realizar tarefas em sua propriedade, mas não podia pagar por isso. O produtor que carecia da ajuda convidava pessoas do seu convívio social para lhe auxiliarem no trabalho, as quais eram gratificadas pela oferta de alimentos e a promoção de uma festa para os membros das famílias participantes. Algumas pessoas descreveram o mutirão da seguinte maneira:

“Quando fazia mutirão convidava todo mundo pra dá uma de mão, dado, você trabalhava por exemplo na sexta-feira, convidava todo mundo, da região inteira, aí ia todo mundo, trabalhava, mas não ganhava nada, mas só que aí no sábado tinha o baile e dava comida. [...] O mutirão quando dava um serviço grande, que tinha muita gente, ia até cem pessoas, era comida no tacho, aquele monte de muié cozinhando [...] fazia comida pra aquilo tudo.”⁵⁷

⁵⁶ Conforme será visto no último capítulo, a identidade das pessoas com o santo padroeiro, atualmente (2007), representa um papel de destaque na manutenção dos costumes dos moradores locais.

⁵⁷ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. Na fala do pesquisado ele descreve o funcionamento do mutirão.

Para algumas pessoas que participavam do mutirão, esse tipo de ajuda mútua era chamado também de traição; no entanto, há uma diferença entre os dois. Na traição o beneficiário dos serviços era surpreendido, pois ele não efetuava o convite.

Ao se analisar a ocorrência do tipo de ajuda mútua citado anteriormente, em outras localidades do Brasil, Candido (1997) observou que essa descrição se trata, certamente, do mutirão. Nas palavras do autor, o mutirão:

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos que o auxiliaram (CANDIDO, 1997, p.68).

Na comunidade Tenda do Moreno, a traição era similar ao mutirão analisado por Candido (1997) no que se refere às dificuldades em pagar pela prestação de algum tipo de serviço executado por trabalhadores rurais, que exigia, dos produtores familiares, estabelecerem relações sociais de produção com agregados e peões.

Contudo, na traição, a diferença básica está no fato de os vizinhos resolverem, por si mesmos, ajudar um companheiro em “apuros”, e também pela reprodução de um ritual típico para manifestar suas intenções para com o necessitado. Geralmente, os vizinhos chegavam à propriedade na qual seriam realizadas as tarefas voluntárias à noite, tocando instrumentos musicais, fazendo cantorias e disparando fogos de artifício, sendo que noticiavam a ajuda e retornavam no outro dia.

“[...] cê convidava todo mundo, e falava vamo dá uma traição no vizinho ali, pêgo de surpresa. De noite cê ia lá e soltava foguete, arrumava sanfona, violão e chegava tocando e o povo gritando, soltando foguete e o cara levantava doido na carreira, pegava ele e jogava pra cima, fazia aquela bagunça e aí falava: ‘amanhã nós vai vim fazê seu serviço’. [...] via que ele tinha muito serviço e não tava dando conta e não tava tendo dinheiro pra

pagá, aí ia lá e dava de mão, juntava muita gente, aí acabava o serviço cedo e tinha o baile. Era cada baile que o pau quebrava [...] namorava, mas não podia namorá igual hoje não, pegava na mão só pra dançá.”⁵⁸

Essa rede de solidariedade surgida no interior da comunidade era mediada por relações de vizinhança, parentesco, amizade e compadrio, bem como pelos valores morais e religiosos das pessoas.

A instituição do compadrio estava ligada à religiosidade católica, principalmente no que tange aos festejos juninos, quando era costume se realizarem batismos⁵⁹. Neste sentido, manter esses tipos de vínculos sociais era importante para a reprodução dos modos de vida e práticas produtivas tradicionais.

A base das relações sociais solidárias era a reciprocidade, ou seja, as pessoas que promoviam a ajuda mútua se sentiam no direito de receber uma contrapartida à altura da sua prestatividade e auxílios anteriormente concedidos.

Essa reciprocidade era sustentada pela moral religiosa das pessoas, pois representava a ajuda ao próximo, considerado como um ente querido, sob a ótica da sua religiosidade. Por se tratar de uma obrigação socialmente instituída pelos membros da comunidade, as práticas de ajuda mútua também representavam formas de experiência sentimental e afetiva das pessoas, em relação ao grupo social e ao lugar.

Desse modo, a reciprocidade das práticas de ajuda mútua constituía uma espécie de norma de conduta social das pessoas no cotidiano, que se fazia representar no espaço vivido da comunidade Tenda do Moreno.

⁵⁸ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁵⁹ Os batizados, realizados durante as festas juninas, geralmente aconteciam ao redor de fogueiras no dia de comemorações em louvor a São João (24 de junho). Devido à especificidade desse ritual, este era denominado, popularmente, *batismo de fogueira*.

Esses valores faziam parte das imposições sociais, sendo que se particularizavam na personalidade dos indivíduos e eram reproduzidos pela adesão individual ao coletivo, instituído no lugar. Portanto, romper o ciclo solidário da ajuda mútua significava uma perda do prestígio social, da identidade comunitária e, também, a sujeição ao isolamento social que ameaçava a obtenção, afirmação e reprodução das formas de solidariedade, nas relações sociais de produção.

Na pesquisa realizada no município de Bofete/SP, em meados do século XX, na qual Candido (1997) descreveu e analisou a produção dos meios de vida e as manifestações da cultura caipira de alguns agrupamentos rurais, o autor considerou que as formas de solidariedade ligadas às relações sociais de produção, principalmente no que se refere ao mutirão, demonstraram que:

A necessidade de ajuda, imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática, determinava a formação duma rede ampla de relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional (CANDIDO, 1997, p.68).

Na comunidade Tenda do Moreno, as formas de solidariedade também criavam redes de relações sociais, compostas por compadres, parentes, amigos e vizinhos.

A partir das pesquisas de campo pôde-se compreender que as redes sociais que fortaleciam a instituição da ajuda mútua eram estruturadas por grupos de pessoas com ligações sociais mais estreitas, conforme aquelas citadas anteriormente, e geralmente circunscritos nos limites territoriais da vizinhança. Estas redes eram nutridas pelos valores morais e religiosos de fundamentação católica, que foram se reproduzindo no lugar e orientando as pessoas para a vida em comunidade.

A solidariedade comunitária permitia ao pequeno produtor driblar as dificuldades impostas pelas técnicas de produção, ou seja, sua demanda por força de trabalho manual, que não podia ser suprida somente pelas relações sociais de produção intra-familiares, principalmente no que concerne à preparação dos solos para o plantio de sementes e a colheita das safras.

Portanto, a conquista dos meios de vida por parte dos pequenos produtores era conseguida por meio de relações sociais de produção não-capitalistas, ou seja, por meio da incorporação da ajuda mútua, sem o dispêndio de investimentos monetários.

Dessa maneira, a reprodução dessas relações sociais de produção constituía fortes elementos do modo de vida rural tradicional, que contribuíram para a construção do lugar, na comunidade Tenda do Moreno.

Além da mão-de-obra familiar e das relações sociais de produção, mediadas pela solidariedade comunitária, existiam outras modalidades de divisão do trabalho que compunham o cenário das relações sociais de produção, como os trabalhadores rurais, divididos em peões e agregados; a prestação de serviço temporária, realizada por pequenos proprietários; e também a chamada *marca de serviço*.

Os peões e agregados representavam tipos específicos de trabalhadores rurais, na medida em que a remuneração da sua força de trabalho raramente se caracterizava por rendimentos monetários, conforme será visto neste capítulo.

Desse modo, excluídos da condição de possuir o título de posse de propriedade, os agregados e demais trabalhadores rurais eram incorporados às pequenas, médias e grandes fazendas, com a autorização dos proprietários, para

morar e/ou explorar faixas de terras daqueles, por meio de permutas de trabalho ou produção agrícola.

Sendo assim, nas pequenas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, eram raras as contratações de força de trabalho remuneradas monetariamente. Apesar de estas existirem, as relações sociais de produção eram estabelecidas, principalmente, entre donos de terras e agregados.

Nas pequenas propriedades, representativas na área de estudo, a ocorrência de agregados era comum, e variava de acordo com a área (tamanho) destas. Na opinião de alguns produtores rurais, a manutenção de relações com essas categorias de trabalhadores rurais era algo seguro.

“Você punha uma pessoa mora aí no seu terreno e ele não embirrava pra saí né. Se falasse ‘olha eu num quero que você mora aí mais’, ele saía e pronto, agora hoje em dia não né, cê põe um mora aí com um prazo de pouco tempo ele ti toma um pedaço de chão.”⁶⁰

Os agregados trabalhavam e moravam nas pequenas, médias e grandes fazendas, mas tinham o direito de prestar serviços em qualquer outra propriedade, e ainda obtinham a autorização para cultivarem faixas de terras nos locais onde residiam. Nas palavras de Brandão (1981, p.7), o agregado era “um trabalhador rural não-proprietário e ainda residente, com sua família, em terras de fazendas.”

A condição dos agregados apresentava vantagens obtidas por esse tipo de trabalhador rural no que concerne ao direito de uso da terra para produção dos meios de vida.

“Eu por exemplo nasci e criei até casar morando assim de agregado, tinha lá os direito de trabalhar e passava a porcentagem pro patrão, mas era um tipo assim de patrão que a gente morava lá e ficava lá, aí arava a terra, a

⁶⁰ Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

gente plantava as coisa tudo e depois que colhia as coisa tudo, que guardava, aí a gente ia pegá [...] meus irmãos ia pegá empreito, fazia cerca, batia os pasto, ia cuidá das vaca.”⁶¹

No entanto, essa possível vantagem escondia formas de exploração da força de trabalho por parte dos donos de terras, pois a permissão a moradia estava sujeita ao dever dos agregados de prestarem serviços nas propriedades rurais onde residiam. Na maioria dos casos, a forma de pagamento do trabalho era representada pelo direito de utilizarem áreas pré-estabelecidas, nas fazendas, para produzir seus meios de vida.

Na visão de algumas pessoas que foram agregadas em fazendas da comunidade Tenda do Moreno, esse tipo de relação social de produção estabelecida com os donos de terras era vantajosa, pois propiciava a oportunidade de produzir os meios de vida.

Além disso, os agregados podiam conseguir rendimentos monetários em outras propriedades rurais quando suas cotas de trabalho, instituídas pelos fazendeiros com os quais mantinham vínculos sociais de dependência e subordinação, fossem alcançadas. No relato anteriormente citado, percebe-se que a denominação dessa prestação de serviço fora do local de moradia ficou sendo conhecida como sendo *empreito*.

Desse modo, pode-se perceber a lógica gerada pelas relações sociais de produção, ou seja, a sujeição dos agregados também à condição de vendedor de sua força de trabalho. Isso se fazia necessário para que estas pessoas se estabelecessem e criassem as possibilidades de aproximações e contatos pessoais no lugar, bem como conseguir conquistar os seus meios de vida.

⁶¹ Pesquisa de campo realizada com M.A.M. – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Apesar de os agregados estarem submetidos à lógica da exploração do trabalho, por parte dos donos de terras, essa condição lhes permitia estabelecer outros tipos de relações sociais com o restante dos membros da comunidade e, assim, realizar práticas culturais e religiosas que permitissem inseri-los no contexto do mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno.

Contudo, os agregados beneficiados com o acesso à terra contraíam dívidas morais com os proprietários beneficiadores, ou seja, estava implícita a necessidade da retribuição das concessões de moradia e cultivo das terras das fazendas. Cabe ressaltar que esses acordos tácitos podiam ser rompidos de ambos os lados, resultando em alguns casos em indiferenças e/ou desavenças.

Na comunidade Tenda do Moreno, os peões, na maioria das vezes, obtinham apenas o direito à moradia, e tinham uma mobilidade espacial maior entre os estabelecimentos rurais, se comparados aos parceiros, os quais mantinham relações sociais de produção equiparadas junto aos demais proprietários de terras devido ao fato de serem pequenos produtores donos de terras. Apesar das diferenças espaciais e temporais esse tipo de relação foi denominado por Candido (1997) como parceria.

A parceria é um pacto no qual ocorre o empréstimo de porções de terras do dono ao parceiro, onde o primeiro tem direito a parte da produção gerada pelo último (CANDIDO, 1997).

Outra ocorrência de relação social de produção relatada por alguns produtores rurais foi a chamada *marca de serviço*, a qual consistia na contratação de trabalhadores rurais, pelos pequenos proprietários, para realizarem serviços

emergenciais de plantio ou colheita, cuja força de trabalho era paga por meio de alimentos e, geralmente, referenciada por litros de “banha” (gordura) de porco.

Nesse caso, os produtos agropecuários mediavam algumas relações sociais de produção, sendo que a exploração do trabalho estava implícita, na medida em que os trabalhadores se dedicavam, como mão-de-obra, nos processos produtivos que, posteriormente, lhes retornariam na forma de produtos, como remuneração do seu trabalho.

“[...] Tinha aqueles que trabalhava por dia, trabalhava pra todo mundo, trabalhava o dia em troca de um litro de banha, banha de porco, aí levava aquele litro de banha pra tratá daquela meninada lá. O feijão e o arroz do mesmo jeito, porque não tinha pra comprá.”⁶²

Essa modalidade de relação social de produção era utilizada pelos pequenos produtores nos momentos de urgência da realização de tarefas agrícolas, geralmente ligadas a algum tipo de interferência climática, as quais afetavam a maioria dos produtores.

Portanto, as relações de ajuda mútua, prestadas por membros da comunidade, eram realizadas em momentos em que era possível serem solidários, mas impedidas quando as necessidades individuais das famílias, ou seja, aqueles que promoviam a ajuda mútua, não podiam deixar suas terras para prestar serviços em outros lugares.

Considerando-se a diversidade de fazendeiros, os pequenos proprietários não eram apenas produtores rurais, pois alguns possuíam habilidades ligadas ao ofício de marceneiro e, como tais, eram também incorporados como força de trabalho

⁶² Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

remunerada, nas fazendas. Estes produziam componentes do carro-de-boi, monjolos, engenhos de cana-de-açúcar e residências, entre outros.

“[...] aquele que podia mais tinha um engenho. De primeiro todo mundo era marceneiro, eles aprendia, agora nós não sabe fazer. Tinha um engenho de serra aqui na cabeceira do Marimbondo, trazia as tora puxada com o carretão [...] carretão é um carro igual carro-de-boi, mas tem a carroceria. Aí eles pegava a tora e punha ela e os boi ia puxando e encostava lá, a serra era tocada com água, serrava a madeira e fazia casa, engenho, monjolo, fazia tudo. Meu avô, meus tio, tudo fazia, meu avô fez casa, ele pegava as casa assim, pra fazê, trabalhava diária, quando não tinha serviço. [...] Plantava a roça, colhia, depois cê ia fazê o que até começá chove de novo. O chão era pequeno, então ficava folgado nesse tempo, uma certa época não tinha nem serviço, então esse povo pegava e ia fazendo isso, arrumava as casa [...] cortava madeira no machado, porque não existia moto-serra, lavrava no machado.”⁶³

“Meu pai mexia mais era com função aqui na porta né, fazê balaio, fazê esteira pra carro, fazê canga, mexia com couro de vaca, fazia tudo quanto é coisa. Naquele tempo tinha era carro-de-boi, então tinha que ter um pra fazê essas coisa né.”⁶⁴

A prestação destes tipos de serviços acontecia nos momentos em que o trabalho nas suas propriedades era reduzido, principalmente, na época de entressafra da produção agrícola. Os pequenos proprietários, a partir da produção artesanal, conseguiam gerar rendimentos monetários, os quais podiam ser direcionados para a compra de ferramentas, máquinas e utensílios agrícolas, entre outros produtos, ou, ainda, para a aquisição de pequenas áreas de terra, na própria comunidade.

A condição socioeconômica dos produtores, cujas terras não lhes possibilitavam produzir a quantidade mínima necessária de alimentos para o consumo familiar, impunha a necessidade de vender sua força de trabalho em outras fazendas, para que pudessem conquistar os seus meios de vida.

⁶³ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁶⁴ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Cabe ressaltar que as conquistas dos pequenos produtores, detentores de habilidades específicas, não se limitavam às relações sociais de produção que visavam obter rendimentos monetários por meio da venda de sua força de trabalho, pois sua condição de artífice também lhes proporcionava vantagens ligadas ao prestígio social frente aos demais membros da comunidade.

Nesse contexto, percebe-se que a teia de relações sociais de produção presentes nas fazendas produziam outras relações sociais, por meio de aproximações entre as pessoas do lugar.

Pode-se perceber que as relações sociais de produção, que compunham a economia rural das pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, faziam parte dos modos de vida, e eram estabelecidas a partir da condição de dependência entre donos de terras e trabalhadores, do trabalho familiar, bem como da solidariedade comunitária, representada pelas práticas de ajuda mútua.

Nas pequenas propriedades, o trabalho familiar, a ajuda mútua e a utilização de força de trabalho de peões e agregados estavam alicerçados por relações de interesse e exploração entre pais e filhos, entre vizinhos, e entre trabalhadores e donos de terras. Na condição de proprietários, estes podiam garantir reservas de mão-de-obra, como no caso do estabelecimento de acordos com agregados.

No que tange à estrutura social na comunidade Tenda do Moreno, percebeu-se que as relações sociais de produção, mantidas entre pequenos produtores, sejam eles vendedores ou não de força de trabalho, trabalhadores rurais e médios e grandes proprietários estabeleciam combinações de interesses e necessidades, nas quais se verificavam as interdependências entre os membros desses grupos sociais que lhes permitiam a inserção no lugar.

2.2.4 – Produção dos meios de vida e organização produtiva do espaço vivido.

O lugar (re)construído a partir de relações sociais de produção tinha, na propriedade da terra, a sua principal imposição e mediação social, que permitiu a inserção das pessoas não proprietárias no espaço vivido da comunidade Tenda do Moreno.

Nesse contexto, as relações sociais de produção também possibilitaram, aos produtores familiares e trabalhadores rurais, a conquista dos meios de vida seguindo uma lógica de organização produtiva das fazendas de um Brasil rural que produzia riquezas por intermédio de relações sociais de produção não capitalistas, ou seja, que não implicavam o assalariamento da força de trabalho.

As propriedades rurais eram compartimentadas em áreas destinadas a atividades produtivas específicas, as quais eram definidas pelos produtores, no intuito de conceber usos diferenciados das terras de cultura, consideradas férteis, e as demais áreas de cerrado, que não eram utilizadas para a produção agrícola.

Essa organização espacial baseava-se nos saberes, técnicas e costumes que se faziam presentes no espaço vivido da comunidade Tenda do Moreno, a partir dos processos produtivos utilizados nas fazendas.

Desse modo, o espaço da fazenda era dividido entre as áreas de moradia, quintal, lavoura, pastagem e mata, cada qual destinado a um tipo de uso. No entanto, os tipos de gêneros alimentícios e bens de consumo gerados nesses locais dependiam do domínio das técnicas e meios de produção de cada produtor familiar.

O primeiro passo da organização da fazenda era definir o local onde a casa seria construída, cuja escolha obedecia ao princípio básico da proximidade a um curso d'água natural ou artificial⁶⁵. Essa localização facilitava o acesso aos recursos hídricos destinados aos usos diversos da residência e também de máquinas movidas pela força hidráulica gerada pelos cursos d'água, como os monjolos e os engenhos.

Os quintais das residências eram utilizados para diversas finalidades, como a disposição de hortas, pomares, paióis, galinheiros, chiqueiros ou até mesmo currais para o gado.

Os gêneros alimentícios oriundos da produção doméstica eram representados pela fabricação artesanal de doces, farinha de mandioca, polvilho, derivados do leite (queijos, manteiga, etc.), cachaça, açúcar e rapadura. Esses três últimos bens de consumo eram produzidos somente nas fazendas que possuíam engenhos de cana-de-açúcar.

A construção dos engenhos de cana, nas fazendas, dependia do poder aquisitivo dos produtores e também da presença de cursos d'água com volume hídrico suficiente para gerar energia hidráulica e movimentar as máquinas.

Nas hortas podiam-se plantar legumes, banana, e mandioca. Dos galinheiros eram retirados as carnes e ovos. Nos chiqueiros criavam-se os porcos que geravam vários subprodutos, como a banha, toucinho, peles⁶⁶, e carnes.

⁶⁵ As pessoas pesquisadas na comunidade Tenda do Moreno denominam os canais de água, artificiais ou construídos, regos d'água.

⁶⁶ As peles retiradas dos suínos são utilizadas como matéria-prima na preparação e fabricação da pururuca, um quitute típico da culinária mineira.

Desse modo, a produção doméstica representava uma parte importante da produção de gêneros alimentícios e bens de consumo das famílias. No entanto, para que essa produção pudesse ser conquistada, além da força de trabalho disponível, das representações ligadas às práticas religiosas e dos costumes, era importante conhecer as condições da natureza do cerrado.

No entanto, a carência de técnicas e tecnologias específicas de preparação dos solos cobertos pelas fisionomias de cerrado, cerradinho, campo sujo e campo limpo, para o plantio, alimentava ideologias em relação a eles, principalmente classificar essas áreas como improdutivas e sem valor de uso agrícola.

Os saberes de que os produtores familiares eram detentores não lhes permitiam vislumbrar a utilização desses solos para o uso agrícola, visto que suas características físico-químicas eram definidas por elevada acidez e baixa fertilidade, fatores que inviabilizavam a agricultura tradicional com as tecnologias que estavam disponíveis naquela época.

“No cerrado não usava plantá, o cerrado não valia nada, falava que não prestava, naquela época era tudo mato.”⁶⁷

A escolha das áreas utilizadas para o plantio agrícola baseava-se nos saberes e técnicas dos produtores. Sendo assim, os solos considerados de maior fertilidade natural e propícios para esse tipo de uso eram chamados, popularmente, de *terras de cultura*.

Na comunidade Tenda do Moreno, os saberes utilizados para se identificarem as terras de cultura eram apreendidos com os ascendentes familiares e fixados no

⁶⁷ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. O produtor denomina “cerrado” as fisionomias de vegetação definidas pelas fisionomias de cerrado, cerradinho, campo sujo e campo limpo, encontradas no bioma Cerrado.

espaço vivido pela prática cotidiana. O princípio básico era observar, nas áreas de

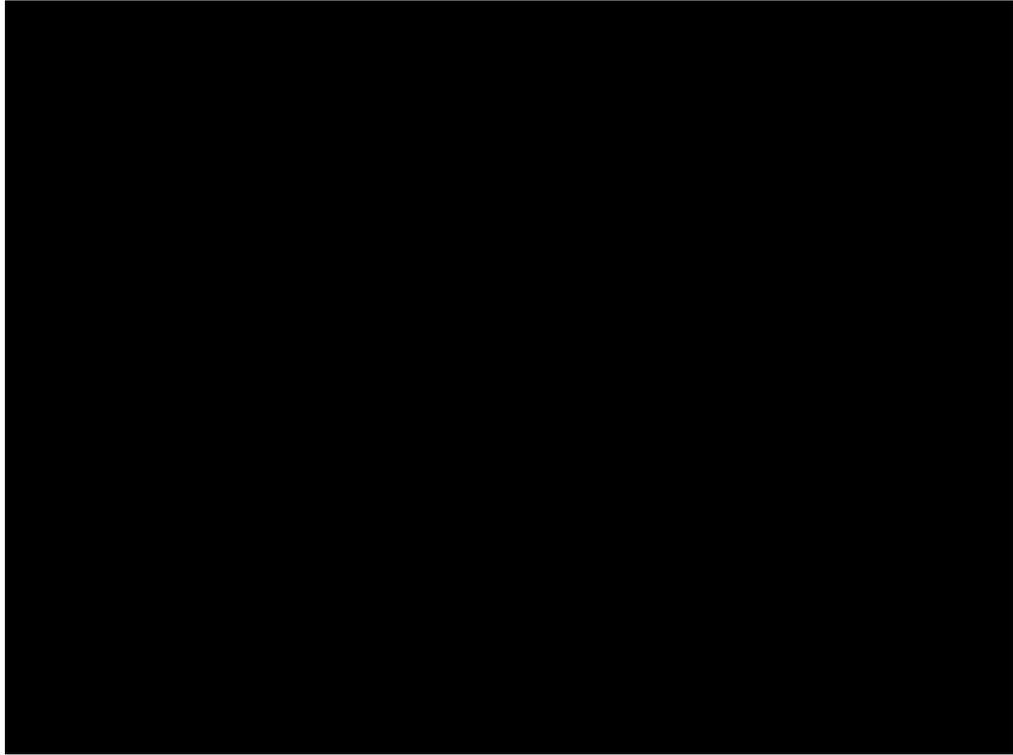


Figura 18 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Antigo produtor rural ao lado do arado Chatanola, o qual era tracionado por bois e utilizado no preparo dos solos para o plantio de arroz, feijão e milho nas terras de cultura. Fonte: SANTOS, R.J. Data: 07/2004.

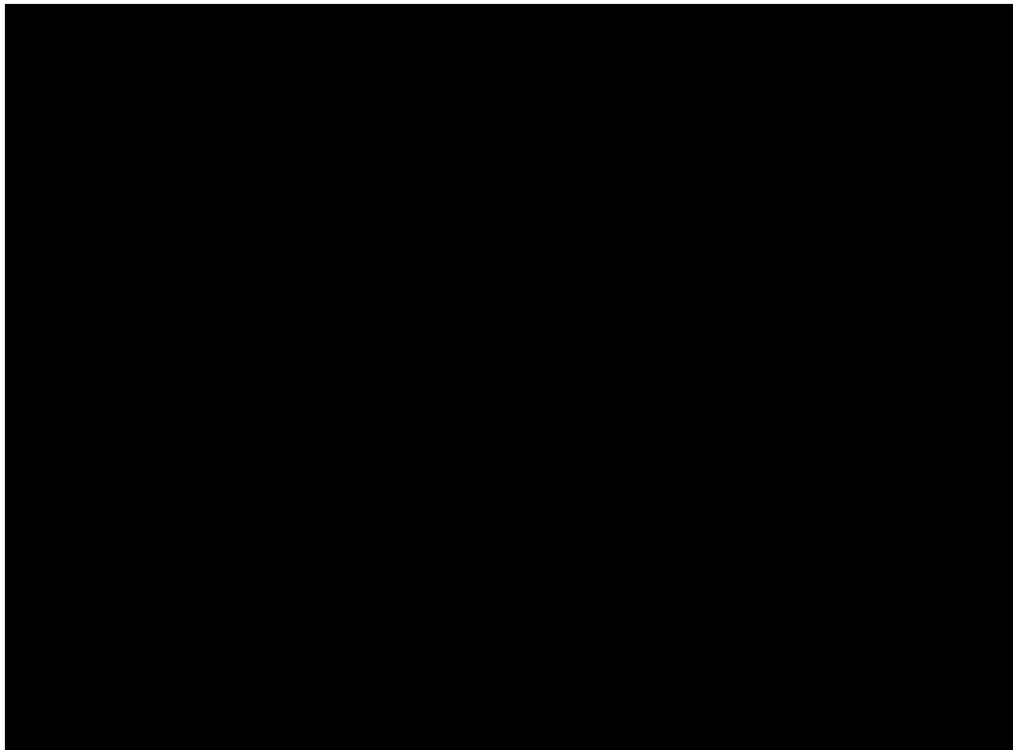


Figura 19 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Antigo produtor rural demonstrando como era feita a utilização da plantadeira manual ("matraca") no plantio de sementes. Fonte: SANTOS, R.J. Data: 07/2004.

As técnicas de produção empregadas nas terras de cultura, por meio do uso de arados, despendiam um tempo menor de trabalho que as roças de toco. Cabe ressaltar que a utilização dessa forma de preparo e plantio dos solos exigia que os produtores familiares possuísem máquinas agrícolas.

Os principais gêneros alimentícios produzidos, tanto nas roças de toco quanto nas terras aradas, eram o milho, arroz e feijão. O plantio e a colheita desses produtos agrícolas eram realizados anualmente, seguindo um calendário definido, principalmente pelas condições climáticas do cerrado, e também pelas técnicas e saberes dos produtores tradicionais (Quadro 1).

QUADRO 1
Ciclo produtivo das culturas anuais

MESES	CULTURAS ANUAIS (agosto a abril)		
	Milho	Arroz	Feijão
Agosto	preparação dos solos para plantio	preparação dos solos para plantio	
Setembro	plantio	plantio	
Outubro	plantio	plantio	
Novembro	limpezas (“capinas”) nas lavouras	limpezas (“capinas”) nas lavouras	
Dezembro	limpezas (“capinas”) nas lavouras	limpezas (“capinas”) nas lavouras	
Janeiro	limpezas (“capinas”) nas lavouras	limpezas (“capinas”) nas lavouras	plantio do feijão nos corredores das lavouras de milho
Fevereiro	colheita do milho seco	colheita do arroz	plantio do feijão nos corredores das lavouras de milho
Março	colheita do milho seco	colheita do arroz	colheita do feijão de “janeiro”
Abril			colheita do feijão de “fevereiro”

Fonte: entrevistas realizadas na comunidade Tenda do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.

As atividades agrícolas eram iniciadas no mês de agosto, auge do período de estiagem, e se constituíam na limpeza e preparação dos solos para o plantio. A etapa de plantio era iniciada no final do mês de setembro, durante as primeiras

chuvas da primavera. Plantava-se primeiro o milho e depois o arroz, dispostos em lavouras separadas.

Ao longo dos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro, eram realizadas limpezas (“capinas”) nas lavouras de arroz, sendo que seu ciclo produtivo, geralmente, era de quatro a cinco meses, dependendo da variedade do produto.

“Era um arroz que demorava mais, era quatro a cinco mês pra colher né, não é esse arroz de hoje rápido assim.”⁷⁰

O plantio do feijão era feito nos corredores das lavouras de milho, geralmente quando os primeiros brotos (“pendões”) desabrochavam. Cabe ressaltar que havia produtores que preferiam plantar o feijão no mês de fevereiro, quando o milho já estava seco, próximo ao seu período de colheita.

“Plantava o feijão no meio do milho quando ele tava penduano e fazia terra de feijão. Deixava ficá bem sujo, aí capinava, limpava e plantava o feijão no meio do milho.”⁷¹

A época do plantio e o ciclo de crescimento e amadurecimento dos grãos definiam os momentos de suas colheitas. Sendo assim, o primeiro a ser colhido era o feijão, se este houvesse sido plantado quando o milho soltou os primeiros “pendões”. Nos casos em que o feijão era plantado no mês de fevereiro, a ordem se invertia, pois o milho e o arroz eram colhidos antes.

Analisando-se os procedimentos adotados pelos produtores familiares da comunidade Tenda do Moreno verificou-se que, no plantio e na colheita do milho, arroz e feijão, havia diferenças entre as técnicas utilizadas, as quais variavam de

⁷⁰ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁷¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

acordo com os conhecimentos, habilidades e utensílios agrícolas incorporados nos processos produtivos.

Dentre os relatos, a colheita do milho seco sempre foi mencionada, pois isso se devia ao fato de este ser utilizado na alimentação dos animais, principalmente suínos. No entanto, podia-se colhê-lo verde para se fazer a pamonha, uma espécie de quitute feito à base de milho verde.

Para se adiar ao máximo a colheita do milho muitos produtores usavam algumas técnicas, como, por exemplo, a *dobra do milho*, para evitar que as águas das chuvas penetrassem nas espigas e os grãos apodrecessem.

“O milho plantava primeiro e colhia por último, porque naquela época usava dobrá o pé do milho, dobrá ele no meio. Então quando ele granava, que tava começando a secá, aí a gente dobrava ele no meio, a espiga ficava de cabeça pra baixo e se chovesse a água não entrava no milho, não estragava o milho. Aí então plantava feijão no meio, o feijão subia no pé do milho, a gente rancava, aí batia o feijão, aí ia quebrá o milho.”⁷²

A partir dos processos produtivos compreendeu-se como os produtores enfrentavam as imposições da natureza, criando técnicas que foram-se tornando saberes e costumes. Contudo, na visão dos pequenos produtores, antes da modernização das técnicas de plantio, era mais fácil plantar, mesmo nos moldes da agricultura tradicional.

“Naquela época era mais fácil plantá, pra plantá era mais fácil que hoje, porque naquela época não precisava usá adubo, num precisava pulverizá, nem nada né. Era só prepará o chão, punha o mantimento e zelá dava né, agora hoje é diferente.”⁷³

⁷² Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. Na sua fala ele descreve a técnica da *quebra do milho*, nas lavouras associadas ao plantio de feijão.

⁷³ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

As justificativas mais freqüentes entre os produtores quanto à facilidade de se plantar nos moldes da agricultura tradicional se referem às condições da natureza. Para vários produtores familiares, a quantidade e freqüência das chuvas e a fertilidade natural das terras de cultura propiciavam uma produção agrícola com baixo investimento monetário.

Cabe ressaltar que o modelo de produção agrícola tradicional, utilizado nas pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, era viabilizado, também, pelo uso de mão-de-obra familiar e auxílio-mútuo, condições essenciais para produzir os meios de vida e viabilizar o sustento das famílias, bem como a vida social em comunidade.

Além das terras utilizadas pelas lavouras de gêneros alimentícios, havia as pastagens onde eram criados, extensivamente, os rebanhos bovinos, nos quais o número de cabeças e a produtividade possibilitavam suprir apenas o consumo familiar, salvo raras exceções, propiciadas pela fertilidade natural dos solos das áreas localizadas nas proximidades de vegetação mais densa.

Nas pastagens naturais eram implementadas técnicas que possibilitavam o melhor aproveitamento das gramíneas como, por exemplo, podar as forrageiras com foice, para nascerem novos brotos. O capim típico do cerrado era conhecido como *meloso* (*Melinis minutiflora* Beav.)⁷⁴, o qual alguns produtores consideravam fraco, sendo utilizado somente no período chuvoso.

⁷⁴ Nome científico do capim meloso. Fonte: EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/ct/ct04/06glossario.html>>. Acesso em: junho de 2006.

“O cerrado oferecia só capim, eles falava capim meloso. Aí punha só gado e sempre a gente batia ele também né, soltava aqueles ramo miudinho, aí o capim ramava.”⁷⁵

Além das pastagens naturais havia também aquelas formadas pelo plantio de sementes de capim Jaraguá (*Hyparrhenia rufa* Ness Stapf)⁷⁶, considerado de melhor qualidade. Essa espécie de forrageira era plantada em terras de cultura cuja produtividade agrícola entrava em decréscimo devido à diminuição da fertilidade dos solos. A técnica de manejo utilizada nesse tipo de pastagem foi descrita da seguinte maneira:

“Sameava a semente do capim lá quando uma roça ia ficando ruim, aí punha a semente do capim e abria outro pedaço e ali o jaraguá entrava. [...] O jaraguá aqui era o bão na cultura de beira de rio, que era batido também com foice. Eles batia com foice, ficava limpo e não cortava as árvore grande não, só os ramo pequeno.”⁷⁷

Apesar das técnicas utilizadas no manejo, tanto das pastagens de cerrado quanto daquelas de terras de cultura, a produtividade do gado de leite era relativamente baixa, na medida em que era suficiente para a subsistência, porém insuficiente para o comércio. Desse modo, a pecuária extensiva de leite e a de corte não eram tidas como atividades lucrativas, pelos pequenos produtores. A produção de leite destinava-se ao consumo familiar e à fabricação de seus derivados, principalmente o queijo.

Como a produção agropecuária era tida, pelos pequenos produtores como parte da produção dos meios de vida, esta representava um elemento dos modos de vida e trabalho dos produtores da comunidade Tenda do Moreno. Sendo assim, a

⁷⁵ Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. Na fala ele descreve a técnica utilizada no manejo do capim meloso, presente nas áreas de cerrado.

⁷⁶ Nome científico do capim Jaraguá. Fonte: EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/ct/ct04/06glossario.html>>. Acesso em: junho de 2006.

⁷⁷ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

relação com o mercado urbano acontecia quando se necessitava conseguir rendimentos monetários por meio do comércio de excedentes.

Os pequenos produtores utilizavam técnicas, saberes e conhecimentos de plantio, colheita e criação de animais apreendidos e reinventados em suas práticas cotidianas. Como a produtividade agrícola não era totalmente direcionada ao mercado, esta dependia das necessidades impostas pelas famílias e pela vida comunitária, pois as incertezas relacionadas à garantia da subsistência das famílias imperavam no mundo vivido das pessoas do lugar.

Como a produção de subsistência permitia ao fazendeiro, na relação com agregados e parceiros, ganhos econômicos e políticos, os pequenos produtores da comunidade, no âmbito de suas unidades de produção familiar, criavam estratégias, as quais incluíam a venda da força de trabalho de alguns dos seus membros, cujos rendimentos monetários se tornavam um meio para se conseguir realizar a satisfação das necessidades de consumo dos familiares.

Portanto, a produção de gêneros alimentícios de subsistência visava satisfazer parte dos meios de vida das famílias, no entanto, era preciso conseguir excedentes para serem destinados ao mercado, cujos recursos monetários obtidos na sua comercialização eram direcionados à compra de mercadorias industrializadas.

Na maioria das pequenas propriedades, por meio da terra e da mão-de-obra familiar, as famílias conseguiam obter o acesso aos gêneros alimentícios básicos, como milho, arroz, feijão, mandioca, ovos, carnes de aves e suínos, leite e derivados, além das hortaliças, os quais compunham a base da dieta das pessoas do lugar.

“Era plantado milho, arroz e feijão pro gasto, engordava porco, colhia o milho seco e punha no paiol pra podê tratar de porco e engordá porco, essas coisa, pra comê né. Ia na cidade lá uma vez por mês comprá muito pouca coisa, o resto era colhido tudo aqui na roça. [...] a farinha fazia em casa, polvilho fazia era aqui também, plantava a mandioca e fazia o polvilho. [...] tinha as moita de banana nos quintal pra podê comê em casa também, pro gasto, se sobrava alguns levava pra vendê muito pouco.”⁷⁸

Os alimentos que não eram obtidos a partir da produção familiar das pequenas propriedades eram conseguidos por meio de relações de compra e troca entre os produtores, as quais complementavam a economia de subsistência familiar.

Apesar de as pequenas propriedades terem sido orientadas para a produção agropecuária de subsistência, os excedentes podiam ser direcionados ao pagamento de força de trabalho. No entanto, a comercialização de excedentes também era vantajosa, pois possibilitava a aquisição de produtos como sal, querosene e ferramentas agrícolas, entre outras mercadorias industrializadas.

“[...] as vaca já dava um leitinho, nas águas só, no tempo das chuva. Então o papai comprou uma desnatadeirazinha manual e desnatava o leite, fazia o creme, o creme nós batia, fazia manteiga e levava todo fim de semana, levava a manteiga pra vendê na cidade onde tinha os freguês. Chegava lá vendia por quilo [...] meio quilo, um quilo pra cada um, repartia e vendia aquela manteiga todinha. O dinheirinho que fazia lá sobrava tudo né, nós num gastava nada, aí o papai comprou pedaço de terra e foi aumentando desse jeito. Nós num comprava arroz, feijão, manteiga, porque o óleo que a gente tinha era do capado, não comprava nada, tinha de tudo. Só mesmo o vestuário era roupa e o calçado comprava uma botina pra um de nós pequeno né, dos oito, nove ano, nós calçava aquela botina até acabá ou ela não servi no pé.”⁷⁹

Desse modo, havia pequenos produtores que despendiam esforços na produção de algum tipo de produto cujo excedente era mais viável de ser conseguido em suas propriedades.

⁷⁸ Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁷⁹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Os arranjos e combinações advindas da interpretação do ciclo da natureza, principalmente no que tange à pecuária leiteira, geravam formas de comercialização de produtos na cidade, cujo lucro era destinado à compra de terras ou mercadorias industrializadas.

As famílias de produtores rurais sabiam, pela experiência, a quantidade de recursos alimentares gastos durante o ano. Sendo assim, no caso da produção anual dos cereais, ao atingir o mínimo necessário à sobrevivência, retirava-se a parte considerada como excedente a ser comercializado.

“[...] se colhia o que sobrava do gasto. Todo mundo sabia, nós gastava três saco de feijão durante o ano pra nós comê, então deixava três e o restante vendia naquelas maquininha da cidade. O arroz também deixava ele certinho, pra comê o ano inteirinho e quando colhia o outro, ainda tinha arroz velho.”⁸⁰

No entanto, havia famílias de pequenos produtores que, em épocas de baixa produtividade agrícola, devido a problemas ligados a alterações climáticas ou insuficiência de mão-de-obra e terras para o cultivo agrícola, não conseguiam atingir a cota mínima de produção para garantir a alimentação dos seus membros. Desse modo, a queda do volume de gêneros alimentícios nas colheitas indicava momentos de carências alimentares e dependência da ajuda de amigos, parentes e vizinhos.

“Sempre teve excedente quando colhia. Era a mesma coisa de hoje, uma hora perdia porque a chuva faltava, outra hora perdia porque chovia de mais, nós mesmo perdeu...uma vez nós perdeu o feijão porque choveu demais, a chuva não parou, aí foi e nasceu tudo. Tinha muita gente que passava dificuldade, não era todo mundo que tinha isso que eu tô falando não, esses era os bem de vida.”⁸¹

⁸⁰ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. O produtor descreve como os pequenos produtores definiam a produção excedente a ser comercializada nas máquinas de beneficiamento de cereais na cidade.

⁸¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG. Na sua fala ele considera que os pequenos produtores que conseguiam obter o mínimo necessário a subsistência eram tidos como pessoas “bem de vida”.

Neste sentido, o modelo de produção de subsistência dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno era suscetível às imposições sociais e da natureza, e colocava em risco a oferta dos gêneros alimentícios necessários à sobrevivência. Essa condição instituía, reforçava e fundamentava uma relação com o sagrado no mundo vivido das populações tradicionais, além de dependências e subordinações frente aos produtores bem sucedidos, na obtenção de produtividade nas safras.

Essa relação tinha repercussão em outras esferas da vida e implicava devoções que se traduziam em representações e na mediação de santos católicos, os quais eram reverenciados nas práticas religiosas inscritas no lugar e na vida comunitária da Tenda do Moreno, como sendo um arranjo social para se conseguir os meios de vida.

“Parece que os povo antigo tinha mais temor a Deus, de modo que rezava mais pra pedi as bem-feitoria na vida, tipo mais comida, mais saúde e mais alegria né. Então parece que hoje em dia as coisas tá mais difícil porque o povo não reza mais do mesmo jeito de antigamente.”⁸²

Pode-se perceber que, atualmente (2007), as pessoas se identificam com diferentes conteúdos sociais, culturais e religiosos presentes na comunidade e esse engajamento tornou-se um processo contínuo de invenção e transformação das relações sociais. Portanto, a identidade individual e coletiva demonstra uma semelhança da pessoa com aquilo que produz essa identificação, ou seja, seus referenciais sócio-culturais e religiosos.

Portanto, o conjunto das práticas sócio-culturais e religiosas que faziam parte dos modos de vida e trabalho rurais, presentes na comunidade Tenda do Moreno,

⁸² Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

ainda sustenta formas de pertencimento e identidade que são manifestadas de maneira individual e coletiva entre os moradores locais, principalmente nos eventos religiosos e comunitários, incluindo-se, principalmente, a festa.

Contudo, os valores fixados pela coletividade humana são atravessados pelas imposições da sucessão de tempos históricos, o que exige a mudança nos modos de vida e trabalho; porém, isso não implica, concomitantemente, na perda da identidade com o lugar.

Conforme será visto no último capítulo, apesar de parte das práticas religiosas terem sido transformadas ou miniaturizadas, entende-se que as manifestações da religiosidade dos moradores da comunidade Tenda do Moreno constituem representações de suas identidades culturais e religiosas, e nutrem os sentimentos de pertencimento no e com o lugar.

As lembranças e memórias relacionadas às relações sociais de produção, bem como a religiosidade indicam a manutenção de costumes, que ainda permanecem no mundo vivido das pessoas do lugar e potencializam ajustes e adaptações dos sujeitos sociais aos processos produtivos vividos na modernidade.

Desse modo, é preciso compreender que o lugar existe em meio às mudanças sócio-espaciais, as quais, neste momento, chegam velozmente ao mundo vivido dos membros da comunidade. Nesse processo, as práticas sócio-culturais fundamentadas no religioso permanecem, mesmo que metamorfoseadas pelos fatores de ordem local e mundial, pois a comunidade se insere num contexto amplo de transformações ambientais, econômicas, políticas, sociais e culturais, inerentes à dita *modernidade*.

No terceiro capítulo, serão abordados os fatores implicados nas transformações do lugar, bem como da comunidade Tenda do Moreno, ocasionadas pelo processo de modernização das atividades agropecuárias no espaço rural do município de Uberlândia. Essas transformações se deram, principalmente, no que se refere à passagem de um modelo agrário de produção de subsistência familiar para uma estrutura produtiva vinculada às demandas do mercado por produtos ligados a hortifruticultura, bem como pela ampliação das necessidades de reprodução dos rendimentos monetários investidos nos processos produtivos.

CAPÍTULO 3

ESPECIALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRODUTIVAS: rearranjos da produção e metamorfoses sócio-espaciais no lugar

“Ah!!! As mudanças tecnológicas chegou e a gente nem viu né [...] muda e você nem vê” (E.G.P. – Fazenda Marimbondo, Comunidade Tenda do Moreno – 08/2006).

3.1 – Características da modernização das atividades agropecuárias no espaço rural do município de Uberlândia.

Na região do Triângulo Mineiro, a modernização dos processos produtivos, que propiciou uma expansão agrícola mais vigorosa a partir do início da década de 1970, foi conseguida por meio da adoção de políticas governamentais consistentes. Estas ofereceram condições para a expansão da agricultura moderna, com a adoção de novas técnicas de produção e a implantação de atividades agrícolas nos solos de Cerrado, que outrora não eram utilizados pela agricultura tradicional devido à carência de tecnologias apropriadas.

No que tange ao município de Uberlândia, as transformações inerentes à modernização das atividades agropecuárias começaram a ser verificadas por volta da década de 1970. No entanto, os elementos necessários ao desenvolvimento tecnológico agrícola foram colocados em prática a partir da década de 1950, com o uso de novas tecnologias e, também, com o emprego de máquinas e implementos agrícolas, fertilizantes, adubos químicos, defensivos agrícolas (inseticidas, herbicidas, fungicidas), sementes melhoradas e outros insumos modernos.

Segundo Pessôa (1982), o desenvolvimento da agricultura no município de Uberlândia podia ser periodizado em duas fases fundamentais: a primeira, de 1920 a 1950, período em que predominou a agricultura tradicional, com pequena incorporação de insumos industrializados; e a segunda fase, compreendida entre 1950 e 1975, cujas principais características foram: a introdução de tecnologias necessárias à modernização da agricultura; manutenção dos cultivos tradicionais

(arroz, milho e feijão) e a incorporação da cultura de soja; crescimento das áreas ocupadas com pastagens; aumento no número de máquinas e implementos agrícolas, e do uso da força mecânica e animal; aceleração do processo de migração campo-cidade; melhoria das vias de transporte; expansão do crédito rural; e criação de cooperativas e infra-estruturas de armazenagem de grãos.

A modernização da agricultura orientada para o mercado foi viabilizada, também, com a criação de programas e instituições governamentais que subsidiaram, econômica e tecnicamente, a produção agrícola.

Dentre as principais formas de apoio estatal à agricultura comercial, o POLOCENTRO – Programa para o Desenvolvimento do Cerrado destacou-se nas áreas rurais do bioma Cerrado e, conseqüentemente, no município de Uberlândia.

Esse programa baseou-se na criação de pólos de crescimento, dotados de infra-estrutura e potencial agrícola, para onde eram destinadas linhas de crédito subsidiado, principalmente a proprietários de médios e grandes estabelecimentos. No período em que o POLOCENTRO esteve em vigor, ou seja, entre os anos de 1975 e 1982, cerca de oitenta e um por cento (81%) dos beneficiários possuíam fazendas com mais de duzentos hectares (200 ha) e absorveram oitenta e oito por cento (88%) do total dos recursos (WWF, 1995).

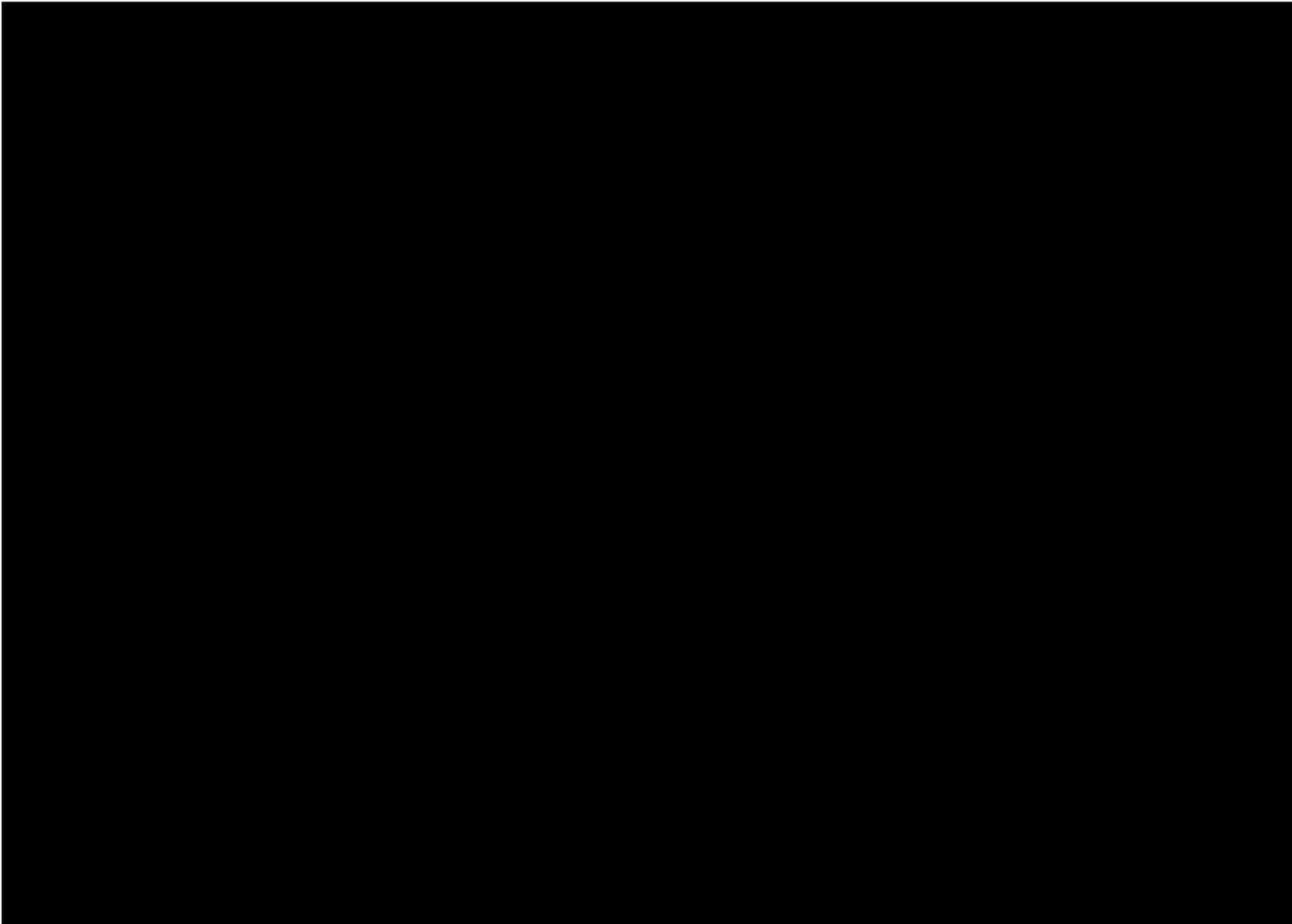
Neste sentido, pode-se perceber que a implantação do POLOCENTRO e de outros programas não-governamentais, como o Programa de Desenvolvimento do Cerrado (PRODECER), financiado pela Agência Japonesa de Cooperação e Desenvolvimento Internacional (JICA), não beneficiaram diretamente os pequenos produtores rurais, nas áreas do bioma Cerrado e, conseqüentemente, do município de Uberlândia. Isto se devia ao fato de não se ter vislumbrado a concessão de linhas

de crédito subsidiado como uma ferramenta de apoio à modernização das atividades agropecuárias nos estabelecimentos orientados por uma produção de subsistência e comercialização dos excedentes, como o caso das pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno.

No entanto, o cenário das transformações ocasionadas pela modernização das atividades agropecuárias, no município de Uberlândia, refletiu-se indiretamente no surgimento de outras instituições estatais e não-governamentais que forneceram subsídios técnicos, principalmente aos pequenos produtores. Dentre estas pode-se citar a criação da CALU – Cooperativa Agropecuária Limitada de Uberlândia (1964), de uma unidade municipal da EMATER/MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (1975), da CEART – Central de Abastecimento Regional do Triângulo (1977), da Secretaria Municipal da Agricultura, Indústria e Comércio (1983) e dos conselhos comunitários rurais, a partir do final da década de 1970.

Segundo Pessôa (1982), a fundação da CALU deu-se a partir da organização de produtores de leite de Uberlândia e outros municípios da região do Triângulo Mineiro, e visou atender as necessidades dos produtores que enfrentavam dificuldades na comercialização individual de sua produção leiteira diária e, também, saciar as aspirações de formação de uma bacia leiteira regional.

Na época de sua criação, a cooperativa abrangia Uberlândia e outros onze (11) municípios: Araguari, Campina Verde, Canápolis, Centralina, Gurinhatã, Indianópolis, Ituiutaba, Monte Alegre de Minas, Nova Ponte, Santa Vitória e Tupaciguara (Mapa 3).



Mapa 3 – CALU: Municípios Fornecedores de Leite (1982).

Dentre o número total de cooperados, cerca de 1.800, aproximadamente oitenta por cento (80%), eram considerados pequenos produtores, segundo o padrão de produção de até cinquenta litros/dia (PESSÔA, 1982).

Com a extinção da ACAR – Associação de Crédito e Assistência Rural, criou-se a EMATER/MG. Essa instituição procurou atender as demandas por assistência técnica, principalmente de pequenos e médios produtores, e melhorar as condições de vida no meio rural.⁸³

Dentre as ações promovidas pela EMATER/MG, no município de Uberlândia, no início da década de 1980, pode-se salientar a reativação dos clubes rurais de Olhos D'água, Tenda do Moreno e Martinésia, com destaque para os dois primeiros, localizados em comunidades homônimas. Essas localidades possuíam um contingente populacional maior, devido ao predomínio de pequenas propriedades familiares em suas áreas de abrangência, e cuja principal atividade econômica era representada pela horticultura.

O objetivo dessas instituições era discutir, entre os jovens, as condições de vida no meio rural, promover atividades de lazer e, também, elaborar e desenvolver projetos de assistência técnica agropecuária (PESSÔA, 1982).

No que tange às formas de organização dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno, frente às transformações ocasionadas pela modernização das atividades agropecuárias, percebe-se que as ações voltadas às melhorias das condições sociais, no meio rural, bem como ao aprimoramento dos processos produtivos, implementadas com o apoio do Estado, eram moldadas por

⁸³ Informações obtidas no site da EMATER/MG. Disponível em: <<http://www.emater.mg.gov.br>>. Acesso em: 12/2006.

meio da união de esforços comunitários das pessoas do lugar. Como pôde ser visto no segundo capítulo, o mundo vivido dos pequenos produtores era caracterizado por práticas culturais de ajuda mútua, sustentadas por valores éticos e morais advindos da religiosidade católica.

Desse modo o lugar, construído a partir de relações sociais sustentadas por valores morais e religiosos dos membros da comunidade, vem-se reorganizando com a chegada de novos pacotes tecnológicos, ou seja, os elementos típicos do processo de modernização das atividades agropecuárias.

“[...] Hoje em dia, banana, chuchu, quase tudo é vendido. O leite já sai industrializado daqui, já sai gelado. Hoje em dia você leva as coisas lá pro Ceasa e já sabe se vai vender bem ou não vai, então você tem que saber de tudo.”⁸⁴

Apesar do fato de os clubes rurais⁸⁵ terem sido criados por ações do Estado, no caso da EMATER-MG entende-se que os fatores que possibilitaram sua inserção no lugar estiveram ligados às habilidades políticas dos membros da comunidade, relacionadas à união das pessoas em prol do grupo social, inspiradas nos costumes e representações da ajuda mútua e das práticas religiosas coletivas.

Outra importante ação desempenhada pela EMATER/MG, em conjunto com a Secretaria Municipal da Agricultura, Indústria e Comércio, foi a formação dos conselhos comunitários rurais: Cabaçal, Miraporanga, Água Limpa, Rio das Pedras, Usina dos Martins, Martinésia, Cruzeiro dos Peixotos, Sobradinho, Terra Branca, Tenda, Olhos D’água, Cruz Branca e Tapuirama; os quais estão localizados em diferentes comunidades e distritos rurais do município de Uberlândia (Figura 20).

⁸⁴ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁸⁵ Cabe ressaltar que atualmente (2007), os clubes rurais estão inativos, no entanto, não foram encontradas informações precisas tanto em relação a sua época de funcionamento, quanto aos motivos da paralisação de suas atividades na comunidade Tenda do Moreno.

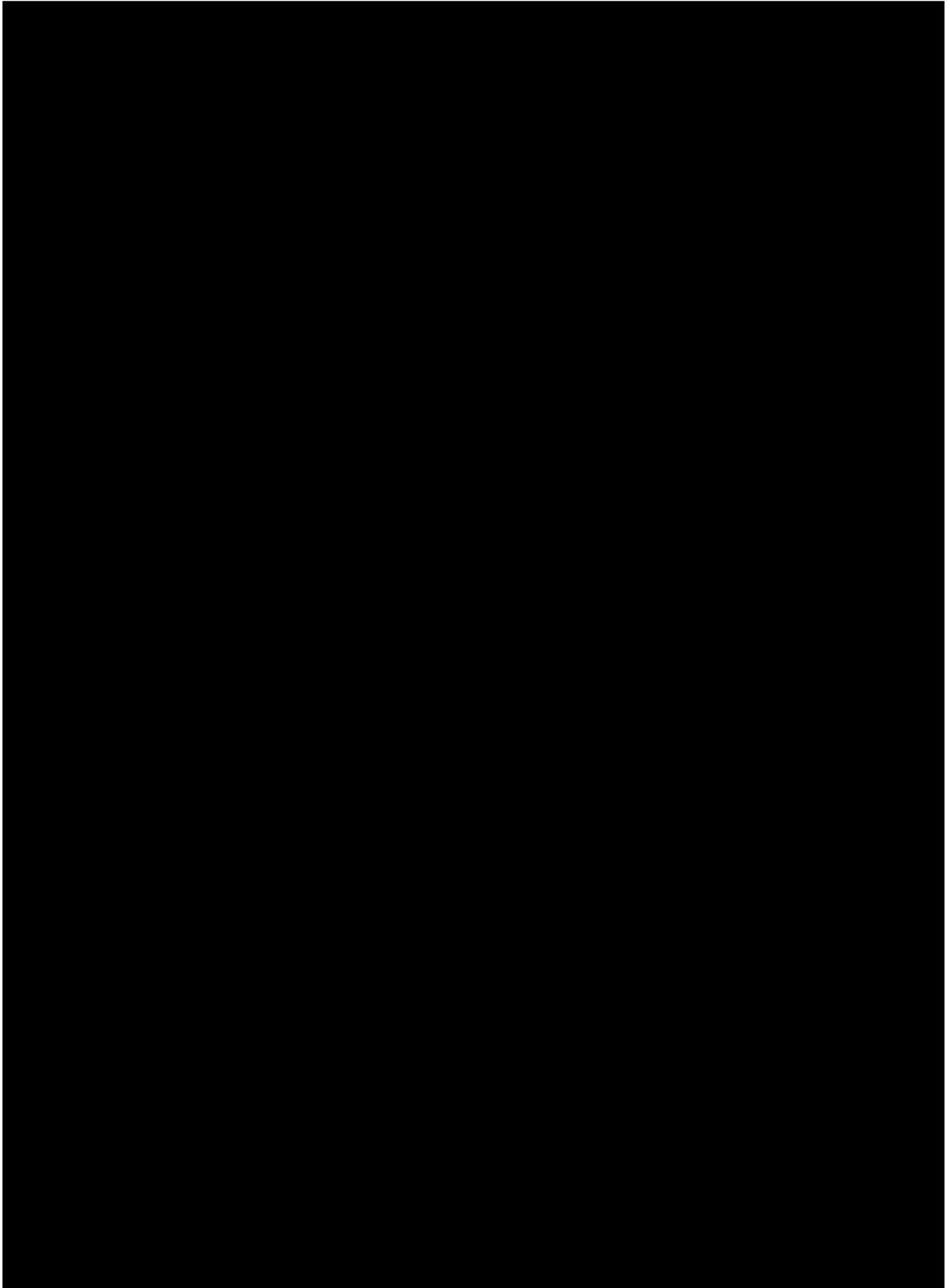


Figura 20 – Município de Uberlândia: Localização dos Conselhos Comunitários Rurais. FONTE: Soares et al (1988, p.3). ADAPTADO POR: ANDRADE, R.B.de. Data: 01/2007

Os conselhos comunitários têm por objetivo manter um elo de ligação entre a administração municipal e os produtores rurais, no sentido de garantir o acesso destes aos serviços de assistência técnica de mão-de-obra e máquinas agrícolas; à conservação das vias de transporte, escolas, e postos de saúde; bem como promover a melhoria na qualidade de vida das populações do meio rural.

Assim como os clubes rurais, a criação do conselho comunitário da Tenda se deu por meio de ações do Estado, e entende-se que sua inserção no mundo vivido dos produtores foi possível a partir dos costumes e representações sociais advindos das relações sociais estabelecidas entre os membros da comunidade, por meio de valores morais referenciados na religiosidade católica.

O nível de organização social e política do conselho comunitário da Tenda foi reforçado pela capacidade de os membros da comunidade aliarem esforços, cujos vínculos com os costumes e práticas culturais eram e ainda hoje (2007) são proporcionados pelas formas de convívio social estabelecidos e valorizados, historicamente, pelas pessoas do lugar.

Desse modo, entende-se que a inserção de elementos “de fora” no lugar acontece a partir da sua mescla com costumes e práticas culturais historicamente criados e praticados no cotidiano das pessoas, e vem sustentando ligações entre os “de dentro” e os “de fora” da comunidade. Os bancos, as cooperativas, a assistência técnica se constituem em elementos externos e são advindos do processo de modernização das atividades agropecuárias, que implicaram mudanças nas relações sociais dos pequenos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno.

A instalação da CEART, complexo operacional das Centrais de Abastecimento de Minas Gerais S/A – CEASA/MG em Uberlândia, proporcionou aos

produtores locais e regionais um espaço para a comercialização de seus produtos agrícolas. Segundo Pessôa (1982), na época da criação dessa unidade da CEASA/MG, a produção de hortifrutigranjeiros do município sofreu um acréscimo e comprovou a correlação existente entre as áreas com esse tipo de uso agrícola e o grau de urbanização das cidades.

Como pode ser visto o processo de modernização das atividades agropecuárias no município e, por conseguinte, na comunidade Tenda do Moreno, envolveu, além da incorporação de tecnologias, a criação de instituições de apoio aos produtores rurais. Essas organizações estatais visavam promover o desenvolvimento econômico do meio rural, a melhoria nas condições de vida e o aumento da produtividade agropecuária.

Contudo, as transformações impostas pela modernização das atividades agropecuárias afetaram, diretamente, os pequenos produtores, que não tiveram condições de aprimorar seus processos produtivos. Aliado a este primeiro fator, a supervalorização das terras no município de Uberlândia, também, contribuiu para que parte desses proprietários abandonasse a condição de produtores rurais familiares, na comunidade Tenda do Moreno.

Com relação à distribuição da terra, observou-se que, apesar da valorização dos imóveis rurais no município de Uberlândia, o número de pequenas propriedades se manteve maior em relação aos estratos dimensionais superiores a cem hectares (100 ha), conforme se pode constatar nos dados obtidos na pesquisa realizada por Soares et al (1988).

Os resultados da pesquisa demonstraram, que naquele período, a maioria das pequenas propriedades pesquisadas no município, com área de 0 a 50

hectares, aproximadamente quarenta e três por cento (43%), se encontravam na região abrangida pelos conselhos comunitários rurais de Olhos D'água, Tenda e Terra Branca (SOARES et al, 1988).

TABELA 1 – Município de Uberlândia: Porcentagem do número e área das propriedades, por grupo de área.

Grupo de Área (ha)	Número (%)	Área (%)
0 a 50	37,8	2,3
50 a 100	17,2	3,2
100 a 200	18,0	7,0
200 a 500	13,5	9,7
500 a 1000	5,4	10,1
1000 e mais	8,1	67,7
TOTAL	100	100

FONTE: Soares et al (1988, p.15). Organizado por: ANDRADE, R.B.de. (12/2006).

Neste sentido, a análise dos dados da tabela 1 reforça a característica de predomínio de pequenas propriedades, tanto em número quanto em área ocupada, no conselho comunitário da Tenda, que abrange a comunidade Tenda do Moreno.

No que se refere aos pequenos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno que se mantiveram no campo após a introdução da agricultura comercial moderna, verificou-se que novos elementos foram introduzidos aos seus processos produtivos, por meio da incorporação de insumos industrializados, máquinas e implementos agrícolas.

Essas mudanças não se restringiram às técnicas produtivas, pois também repercutiram nos modos de vida e trabalho, acarretando o surgimento de novas posturas e relações sociais de produção, as quais exigiram, dos produtores rurais da comunidade Tenda do Moreno, a especialização da produção agropecuária.

No entanto, a introdução da agricultura moderna não eliminou a opção dos pequenos produtores pela agricultura tradicional, o

horticultura se afirmou como a principal atividade econômica, a partir da década de 1980. Cabe ressaltar que essa realidade foi vivenciada nas pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno.

TABELA 2 – Município de Uberlândia: Utilização de arados e tratores na agricultura.

ANO	Grupo área cultivada (ha)	Nº total de arados	Arados X 100/ ha cultivados	Nº total de tratores	Tratores X 100/ ha cultivados
1920	4.641	20	0,4	–	–
1940	–	400	–	5	–
1950	1.318	585	44,3	10	0,7
1960	1.318	468	35,5	55	4,1
1970	1.353	891	65,8	224	16,5
1975	1.393	1487	106,7	398	28,5

FONTE: IBGE – Censos Agropecuários/MG (1920,1940,1950,1960,1970,1975) apud Pessôa (1982, p.69). Organizado por: ANDRADE, R.B.de. (01/2007).

Os dados dos censos agropecuários realizados em Uberlândia, no período de 1920 a 1975, permitiram tecer algumas análises sobre a utilização do arado na agricultura que, nesses moldes, era considerada como sendo tradicional, face à modernização das atividades agrícolas representada, em parte, pelo uso de tratores.

Analisando-se os dados da tabela 2, pode-se verificar que o número de arados no município aumentou de 20 para 585, entre os anos de 1920 e 1950, enquanto que o número de tratores aumentou em apenas 10 no mesmo período, considerado como a fase de predomínio da agricultura tradicional⁸⁶.

Entre os anos de 1950 e 1975, o número de arados sobe de 585 para 1.487, representando um crescimento aproximado de duzentos e cinquenta quatro por

⁸⁶ Segundo Pessôa (1982, p.88), considerando-se o desenvolvimento agrícola no município de Uberlândia o período de 1920 a 1950 podia ser caracterizado pelo predomínio da agricultura tradicional, conforme foi relatado neste subcapítulo.

cento (254%), enquanto que o número de tratores aumentou de 10 para 398, aproximadamente quatro mil por cento (4.000%). Esse período foi considerado a segunda fase do desenvolvimento da agricultura em Uberlândia⁸⁷.

Cabe ressaltar que os dados dos censos agropecuários não discriminam os tipos de arados, ou seja, de tração mecânica ou animal. Considerando-se que os arados de tração mecânica, geralmente, são tracionados por tratores, o número reduzido desses últimos, de acordo com os dados da tabela 2, permite afirmar que os arados de tração de animal eram mais numerosos, no período de 1950 a 1975.

Desse modo, pode-se afirmar que nas pequenas propriedades, cujos baixos investimentos monetários não permitiam a utilização de máquinas e equipamentos com tecnologia mais avançada, conforme o caso dos tratores e arados de tração mecânica, o desenvolvimento das atividades agropecuárias foi conseguido a partir da mescla de elementos considerados tradicionais, em parte representados pelo uso de arados de tração animal e pela incorporação de insumos industrializados nos processos produtivos.

Apesar de a maioria dos pequenos produtores priorizarem a utilização dos arados de tração animal, devido às dificuldades de se conseguirem créditos agrícolas subsidiados para investir na compra de tratores e arados de tração mecânica, a necessidade do uso dessas máquinas exigia dos produtores a disponibilidade de recursos para alugá-las de terceiros, conforme destacou Soares (1988, p.25):

Nas áreas dos Conselhos são poucas as propriedades que têm tratores (com arados) e colheitadeiras. Entretanto, é significativo o número de propriedades que têm arados de tração animal. A maior parte das propriedades, quando necessita destas máquinas, aluga de particulares e,

⁸⁷ Sobre o assunto consultar Pessoa (1982, p.88).

principalmente, da Prefeitura Municipal que criou a “patrulha mecanizada” para atender a zona rural. Estas máquinas são requisitadas através dos Conselhos e o aluguel é pago em dinheiro ou em produção.

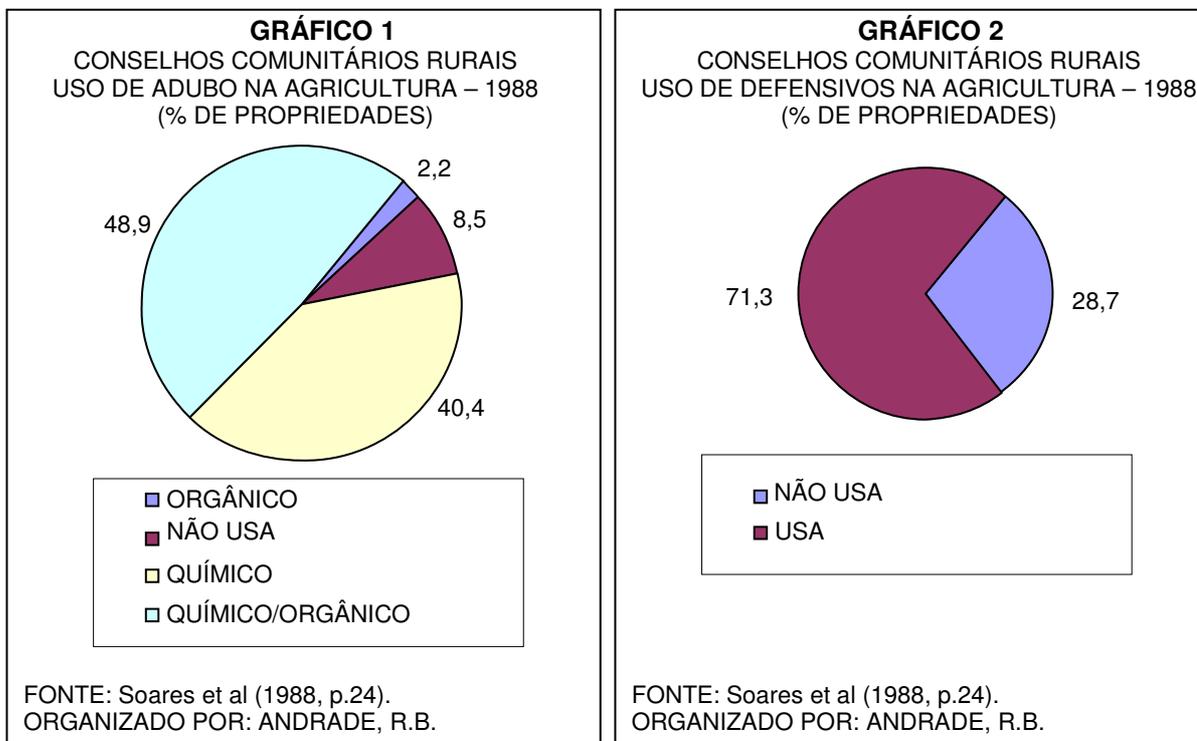
Analisando-se as condições que permitiram a inserção dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno no mercado, pode-se perceber que a especialização da produção em hortifruticultura provocou importantes mudanças no lugar, mas não eliminou todos os costumes ligados às relações sociais e de produção, bem como à religiosidade das pessoas.

Sendo assim, entende-se que parte dos arranjos políticos construídos comunitariamente, a partir da instituição da ajuda mútua e das práticas religiosas, foi sendo direcionada para a elaboração de esforços e envolvimento coletivos no conselho comunitário, visando permitir aos pequenos produtores continuarem produzindo seus meios de vida e ampliarem a produção de excedentes, mesmo sob as imposições do mercado.

Esses envolvimento coletivos dos pequenos produtores, percebidos a partir dos avanços tecnológicos, foram conseguidos, principalmente, por meio da mediação entre os membros do conselho comunitário da Tenda e o poder público municipal. Com isso, a incorporação de tecnologias possibilitou a especialização produtiva, em hortifruticultura, em algumas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno.

A pesquisa realizada por Soares et al (1988) forneceu dados importantes, no que se refere ao número de estabelecimentos que utilizavam insumos industrializados e que se localizavam nas áreas dos conselhos comunitários rurais de Uberlândia, em parte onde havia o predomínio numérico de pequenas propriedades baseadas na agricultura de subsistência familiar, com área inferior a

cem hectares (100 ha), principalmente nos conselhos da Tenda, Olhos D'água e Terra Branca.



Analisando-se os dados do gráfico 1 percebe-se que 89,3% das propriedades rurais localizadas nos conselhos comunitários utilizavam adubos químicos, sendo que, deste total, 40,4% utilizavam somente esse insumo, e 48,9% faziam uso tanto de adubos químicos quanto de orgânicos. O gráfico 2 demonstra que 71,3% dos estabelecimentos rurais utilizavam defensivos agrícolas.

Considerando-se que a maioria, em percentuais numéricos, dos estabelecimentos pessoas nos conselhos comunitários possuía áreas inferiores a cem hectares (100 ha), pode-se afirmar que, nas pequenas propriedades rurais desse estrato dimensional, a utilização de adubos químicos e/ou orgânicos e de defensivos representava uma forma de incorporação de insumos tecnológicos nos processos produtivos agrícolas.

No que tange às propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, percebeu-se que a modernização das técnicas e processos produtivos redefiniu as relações sócio-econômicas dos produtores com o mercado, acarretou a especialização da produção agropecuária e vem provocando transformações gradativas no cotidiano das pessoas do lugar.

3.2 – Integração dos produtores ao mercado: as transformações das relações sociais de produção e a vida social no lugar.

Analisando-se as transformações que levaram os pequenos produtores familiares da comunidade Tenda do Moreno a abandonar os cultivos agrícolas tradicionais, como arroz, feijão e milho, ligados ao modelo agrário de subsistência familiar, e a se especializarem na produção de hortifruticultura, verificou-se que os avanços produtivos, proporcionados pelos pacotes tecnológicos direcionados à modernização da agricultura e pelas demandas por produtos da hortifruticultura, promoveram uma maior integração dos produtores com o mercado, principalmente no que se refere às relações sócio-econômicas.

Na visão dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno, essas transformações inviabilizaram parte das suas formas de produção, que visavam conseguir os meios de vida, em vista das demandas dos mercados consumidores, que ofereceram vantagens econômicas na comercialização da produção. Desse

modo, foi sendo preciso alcançar a especialização da produção, a partir da pecuária ou da agricultura.

No caso da pecuária, a especialização produtiva foi alcançada com o melhoramento tanto das pastagens, que passaram a ocupar a maior parte das áreas não-agricultáveis do cerrado, quanto da genética dos rebanhos bovinos, direcionados para a produção leiteira (Figura 21).

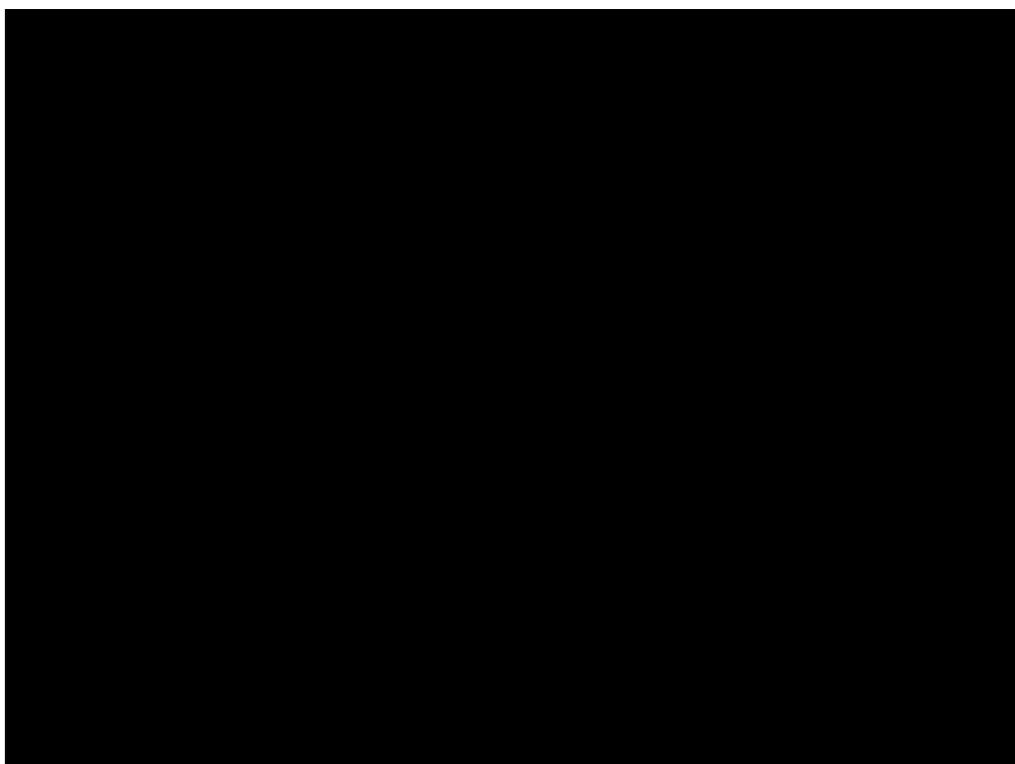


Figura 21 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Pastagem plantada utilizada pela pecuária leiteira. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 07/2006.

Apesar disso, pode-se perceber que a pecuária de leite voltada para o mercado não se configura como uma atividade comercial capaz de promover o desenvolvimento econômico das pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, devido aos baixos investimentos monetários, por parte dos produtores.

Com relação à especialização das atividades agrícolas, a criação da CEASA, na cidade de Uberlândia, representou um importante incentivo na diminuição das

áreas com cultivos tradicionais, como arroz, milho e feijão, devido ao crescimento do comércio de produtos hortifrutigranjeiros.

Neste sentido, a especialização produtiva das pequenas propriedades, na comunidade Tenda do Moreno, introduzida a partir da hortifruticultura, deve-se, principalmente, às vantagens econômicas ligadas ao escoamento dos produtos de comercialização diária, oferecidas pela proximidade em relação à unidade da CEASA.

As transformações ocorridas no lugar por meio da especialização da produção afetaram, diretamente, as relações sociais de produção baseadas na solidariedade comunitária. A lógica do mercado impôs aos produtores a mercantilização da produção e fez com que os investimentos monetários em força de trabalho possibilitassem a inserção dos produtores no mercado.

No que tange à instituição da ajuda mútua, pode-se perceber que o trabalho foi permeado pelo viés do capital e tomou a forma de mercadoria, ou seja, trocar força de trabalho por meios de vida não foi mais possível. Os trabalhadores e os donos de terras passaram a ter outros interesses, sendo que as relações sociais de produção se justificam na lógica da geração de rendimentos monetários.

Neste processo, o trabalho familiar vem sofrendo mutações, mas permanece, mesmo que afetado pela diminuição dos núcleos familiares, ocasionada pelos fluxos migratórios campo-cidade, bem como permanecem outras relações sociais de produção, como a parceria, ainda que atravessadas e subordinadas pela lógica do lucro capitalista.

Desse modo, a continuação do trabalho familiar, nas pequenas propriedades, reflete a condição socioeconômica dos produtores familiares em relação às exigências do mercado. Sendo assim, essa força de trabalho representa uma estratégia para se conseguir a produção a partir de relações sociais de produção não-capitalistas, ou seja, que não exigem a contratação de mão-de-obra assalariada, possibilitando a geração de rendimentos monetários para a família.

No caso da parceria, os acordos firmados neste tipo de relação social de produção também possibilitam vantagens econômicas, no que se refere à união de esforços para se atingir a quantidade de produção necessária à conquista dos meios de vida e de rendimentos monetários, a partir da relação com o mercado. Além disso, também criam aproximações entre os membros da comunidade que estabelecem esse tipo de relação, as quais se fazem presentes nos momentos de encontro, como sendo formas de sociabilidade comunitária.

“A parceria toda vida teve, hoje é que tá acabando né, o povo não tá querendo de meia mais não, mas ainda tem muita meia né, porque tem muita gente fraquinha né, que não dá conta de fazê as coisas sozinho.”⁸⁸

No que se refere às relações sociais de produção remuneradas, verificou-se o crescimento destas, por meio da contratação de trabalhadores rurais assalariados, apesar de o contingente de força de trabalho se resumir à mão-de-obra temporária, na maioria das pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, devido às dificuldades de os produtores incorporarem trabalho assalariado aos seus modos de produção.

Sendo assim, a instituição do trabalho familiar ainda se configura como uma resposta às demandas por força de trabalho nas unidades de produção familiar, e

⁸⁸ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

mantem os pequenos produtores comprometidos e vinculados diretamente às etapas da produção agropecuária que suas famílias desenvolvem.

Portanto, percebe-se que as mudanças nas atividades produtivas das pequenas propriedades proporcionadas pelo desenvolvimento da hortifruticultura, ganharam destaque, principalmente, a partir do final da década de 1980. No ano de 1988, já havia uma variedade de produtos sendo cultivados na área do conselho comunitário da Tenda (Soares, 1988).

TABELA 3 – Conselhos Comunitários (Tenda – Olhos D’água – Terra Branca):
Principais Cultivos – 1988.

CULTIVOS	Área (ha)	Produção
Arroz	33,5	871 sacas
Cana-de-Açúcar	2,5	350 toneladas
Feijão	5,1	12 sacas
Milho	43,9	2.253 sacas
Soja	---	---
Horticultura	87,2	52.770 caixas
Café	---	---

FONTE: Soares et al (1988, p.20). Organizado por: ANDRADE, R. B.de. (01/2007).

No que se refere aos principais cultivos desenvolvidos nas áreas dos conselhos comunitários Tenda e seus vizinhos limítrofes – Olhos D’água e Terra Branca (Figura 20) – os dados apresentados na tabela 3 permitem verificar a importância da horticultura nos estabelecimentos rurais dessas localidades, em sua maioria representados por pequenas propriedades.

Os dados da tabela 3 mostram que, entre os principais cultivos, as três maiores áreas plantadas são representadas pela horticultura (87,2 ha), milho (43,9 ha) e arroz (33,5 ha), o que demonstra a importância da horticultura nas propriedades rurais localizadas nas áreas pertencentes aos conselhos Terra Branca,

Olhos D'água e **Tenda**, o qual abrange a comunidade homônima. Os dados permitem considerar, também, que a especialização produtiva voltada para a horticultura não eliminou os cultivos tradicionais, apesar da significativa diferença entre as áreas plantadas (Figura 22).

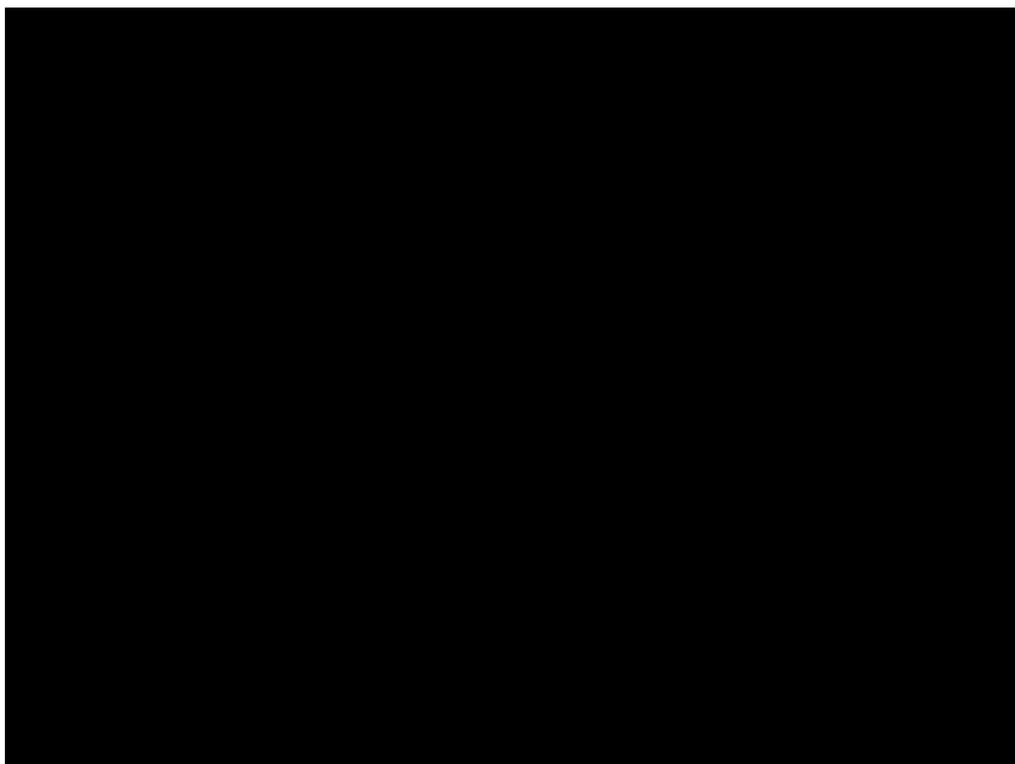


Figura 22 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo. À frente: Plantação de Milho. Ao fundo (lado direito): Plantação de bananeiras. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 07/2006.

As pesquisas de campo realizadas na comunidade Tenda do Moreno permitiram realizar diferentes considerações quanto aos fatores que levaram à especialização produtiva em hortifruticultura, nos estabelecimentos rurais, em contraposição aos cultivos tradicionais, como arroz, milho e feijão, além de outros alimentos que outrora faziam parte das unidades de produção familiar como, por exemplo, farinha de mandioca, doces e queijos.

*“Na horta toda hora cê tá fazendo dinheiro e esse negócio de plantá lavoura é por ano né, e na horta não, todo dia cê faz dinheiro”.*⁸⁹

A escolha pela hortifruticultura reflete a preocupação com a recuperação dos recursos financeiros investidos em um intervalo menor de tempo, que certamente visa atender às necessidades impostas pela diminuição ou abandono dos cultivos ligados à produção de subsistência. Desse modo, a subordinação dos produtores ao mercado amplia-se e exige também a geração de rendimentos monetários freqüentes e suficientes para serem destinados ao pagamento de salários aos trabalhadores rurais contratados.

De certo modo, a existência de relações sociais de produção não-capitalistas não propiciou a integração de todos os produtores ao mercado, principalmente no que tange à reprodução do capital, por meio do assalariamento de mão-de-obra e da mercantilização da produção. Como o trabalho familiar não requer pagamentos de salários, sua utilização se justifica pela organização dos membros familiares das pequenas propriedades rurais, para conseguir os seus meios de vida.

A comercialização de produtos com ciclo produtivo curto, em relação às culturas anuais, tornou-se uma forma para esses produtores realizarem investimentos nas atividades agrícolas, sendo que, com a eliminação das roças de subsistência, os alimentos e bens de consumo são adquiridos no comércio urbano.

*“Arroz eu acho que a primeira coisa é a dificuldade, porque já nem existe mais máquina pra você levá poucas sacas pra limpá, porque não compensa né, aí foi parando por dificuldade pra colhê arroz, milho. [...] Hoje o arroz que vem de fora sustenta tudo”.*⁹⁰

⁸⁹ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁹⁰ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

A especialização produtiva das pequenas propriedades familiares inviabiliza a produção e beneficiamento de gêneros alimentícios, como o caso do arroz. Além da praticidade de se comprarem os alimentos quando se tem dinheiro, faz-se necessário considerar que eles fazem os seus cálculos econômicos e percebem que a dedicação exclusiva da força de trabalho na produção voltada para o mercado representa uma forma, mesmo que imposta, de conseguir rendimentos monetários capazes de suprir as suas necessidades pessoais e de investimentos na produção.

Portanto, entende-se que os pequenos produtores, neste momento, pensam e interpretam as imposições sociais e reagem a estas mobilizando-se para reproduzir a família, a propriedade privada e, principalmente, os investimentos monetários, na expectativa da renda e da recuperação do dinheiro investido na produção agropecuária.

Neste sentido, as transformações provocadas pela especialização da produção agropecuária, nas pequenas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, ampliaram a integração dos produtores com o mercado. O declínio da agricultura tradicional, orientada para a subsistência familiar, passou a exigir rendimentos monetários para a compra de alimentos e outros bens de consumo.

Contudo, conforme será analisado no quarto capítulo, no que tange à condição sócio-cultural atual (2007) do grupo social que vive no lugar, percebe-se que as mudanças nas relações sociais de produção, presentes nas propriedades rurais da comunidade, não eliminaram as sociabilidades possibilitadas pelas reuniões familiares, bem como pelas práticas religiosas.

Ao se inserirem no mercado, os produtores passam a fazer parte de uma lógica que lhes impõe habilidades de reprodução das suas condições técnicas, mas

também lhes oferece a oportunidade de gerar rendimentos monetários que podem ser utilizados para enfrentar as imposições do mercado e assim conquistar os seus meios de vida, mesmo que essas relações sejam impositivas e restritivas para a vida dos produtores, bem como do grupo social, enquanto uma comunidade.

Candido (1997) descreveu uma situação semelhante, porém, no que se refere às posturas do caipira paulista frente às transformações impostas pela urbanização. O autor considerou que o resultado da dependência do homem do campo em relação à cidade:

[...] provoca uma reorganização da vida familiar e grupal, a fim de enfrentar as necessidades comerciais de compra e venda, que constituem novidade, sob os seus aspectos atuais e mais absorventes. Os bens de consumo são agora na maior parte obtidos por compra: os que se produziam no âmbito doméstico cedem lugar a substitutos proporcionados pelo comércio (CANDIDO, 1997, p.168).

No caso de alguns estabelecimentos rurais pessoas na comunidade Tenda do Moreno, essa reorganização da vida familiar, ligada à condição de dependência por alimentos e bens de consumo adquiridos por meio da compra no comércio urbano, e não mais pela produção dos meios de vida nas pequenas propriedades familiares, provocou o abandono de práticas culinárias que compunham a dieta alimentar.

No entanto, as habilidades dos produtores, adquiridas na relação com o mercado, acenam para outras possibilidades de incremento da produção agropecuária, cujos valores não são diretamente definidos pela lógica do mercado. Essa condição pode ser percebida na fabricação artesanal de alimentos representados por queijos, doces, bebidas, dentre outros, que permanece, no lugar, permeada por diferentes usos e vinculada às capacidades da força de trabalho familiar em produzi-los.

*“[...] Hoje não compensa ocê ficá enlatando carne aí, aquilo fica véio lá e ocê comê, porque tem na cidade toda hora né. Se você tem o dinheiro pra ir buscar, tudo bem, agora se não tem você fica sem carne. Eu acho que é mais fácil, porque lá você escolhe a carne que você quer, e se ocê matar uma vaca, por exemplo, você tem que comer tudo quanto é carne, é carne de terceira, de quarta, de quinta. Então pra que isso né, cê ficá guardando uma carne dessa, de forma que se você comprá é mais fácil”.*⁹¹

Na situação descrita anteriormente, o produtor rural justifica o abandono de um hábito cultural ligado à culinária, ou seja, a utilização da chamada *carne de lata*⁹², um prato típico na comunidade Tenda do Moreno, cujo preparo visava, principalmente, à conservação do alimento. Sob o ponto de vista do produtor essa prática se tornou inviável em termos de qualidade, pois os estabelecimentos comerciais especializados facilitam a aquisição diária de variados tipos de carnes, não sendo necessário o armazenamento desses alimentos por um longo período de tempo, que implica gastos econômicos com energia elétrica, quando se utilizam geladeiras ou *freezers*.

Cabe ressaltar que, em algumas propriedades rurais da comunidade, ainda se utiliza a técnica de preparação da *carne de lata* devido, principalmente, às preferências culinárias dos moradores.

Sendo assim, pode-se verificar que a especialização produtiva, assim como a ampliação das relações sócio-econômicas dos produtores com o mercado não anulam formas não-capitalistas de produção e nem todas as práticas culturais, visto que, o “moderno” não significa o abandono do “tradicional”, o que se evidencia no lugar.

⁹¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

⁹² A *carne de lata* é preparada com carnes bovinas, que são trituradas e enroladas na forma de almôndegas e, posteriormente, imersas em um recipiente de metal – geralmente uma “lata”, daí a origem do nome do prato – com banha de porco (gordura animal extraída dos suínos), que serve como um meio de conservação e permite o consumo gradual do alimento, durante alguns meses. O hábito cultural de preparar a carne de lata era comum antes da chegada da energia elétrica no meio rural, devido a inexistência de resfriadores de alimentos (geladeiras, *freezers*, etc).

Pelo contrário, as práticas culturais ditas “tradicionais” são incorporadas em etapas do processo produtivo e servem como saídas econômicas que particularizam reações frente às transformações impostas aos produtores pelo mercado. No caso da comunidade Tenda do Moreno, constatou-se, em duas propriedades rurais, que a fabricação artesanal da carne de lata visa atender à demanda de consumo de pessoas oriundas da cidade de Uberlândia que visitam as propriedades em busca de serviços ligados ao lazer e ao turismo.

Neste caso, a manutenção das pequenas propriedades familiares não eliminou habilidades e costumes, mas se caracteriza como estratégia da família para diversificar a produção, cujos modos e relações sociais de produção escapam em parte da lógica produtivista determinada pelos moldes capitalistas.

Com relação aos serviços ligados ao lazer e turismo, percebe-se que o lugar vem ganhando novos conteúdos e formas, por meio da diversificação das atividades econômicas em algumas propriedades rurais, que tende a se expandir devido às potencialidades de lazer e turismo decorrentes da formação do lago da usina hidrelétrica Amador Aguiar I (Figura 23), a qual abrange parte da comunidade Tenda do Moreno (Mapa 2).

Os principais serviços oferecidos estão ligados ao fornecimento de refeições e bebidas, que são representados pela diversidade de pratos típicos da culinária local, bem como pela produção artesanal de doces, queijos e bebidas tradicionais das propriedades rurais, que atendem às demandas apresentadas pelos visitantes oriundos, principalmente, da cidade de Uberlândia.

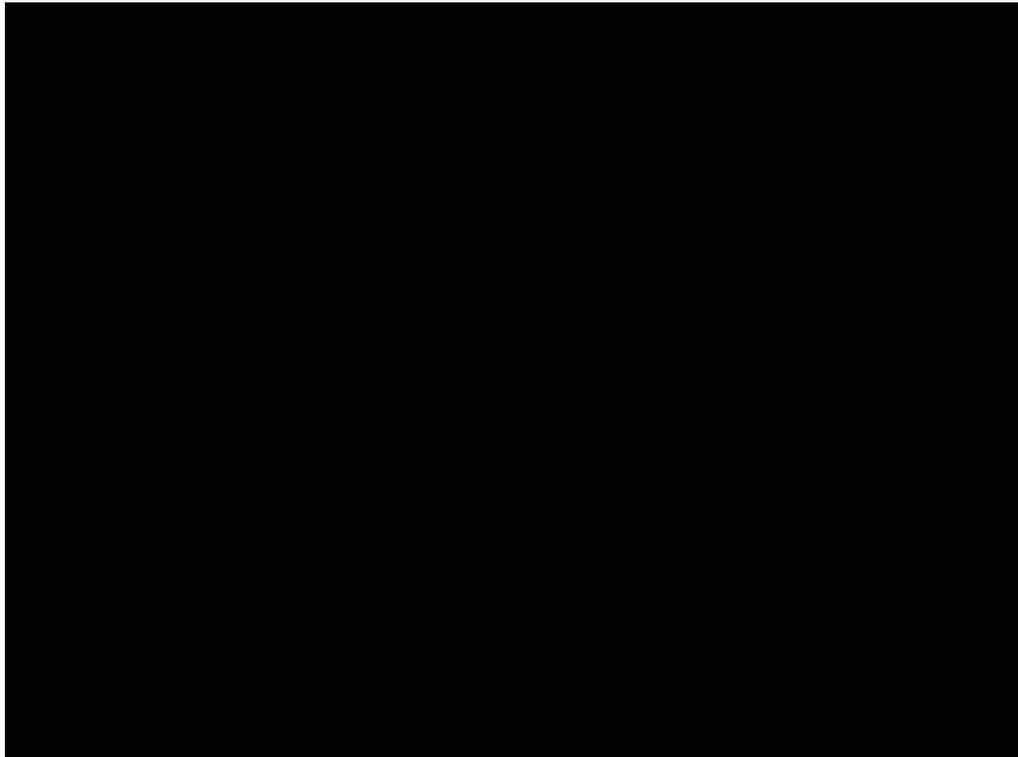


Figura 23 – Comunidade Tenda do Moreno – Vista parcial do lago da usina hidrelétrica Amador Aguiar I. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Somam-se a esses atrativos culturais a beleza cênica das paisagens naturais e artificiais, bem como as características morfológicas do relevo, presentes nas fazendas da comunidade Tenda do Moreno, as quais atraem adeptos de esportes como *mountain-bike*, *motocross* e *rally* de motos, jipes, *pick-ups* e outros tipos de veículos.

No que se refere à fabricação artesanal de alimentos, como o caso de doces e queijos, nota-se que algumas famílias de pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno vêm se especializando nesta atividade, principalmente nos estabelecimentos rurais onde o desenvolvimento da agricultura e da pecuária não possibilitam a geração de renda suficiente para suprir as necessidades das pessoas que vivem nas unidades de produção familiar (Figura 24).

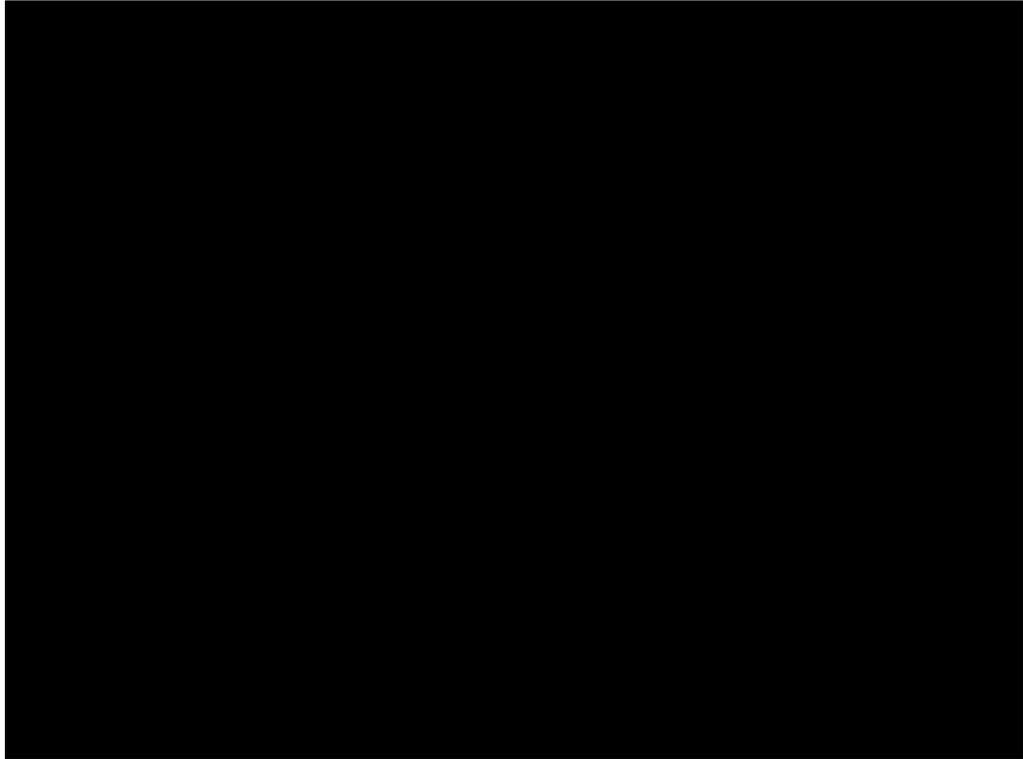


Figura 24 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Buracão: Produção artesanal de queijos. Autor: SANTOS, R.J. Data: 07/2004.

Nessas propriedades, as redefinições das atividades econômicas em escala comercial, ligadas à agricultura e a pecuária, vêm sendo provocadas, principalmente, devido ao fato de os pequenos produtores não poderem contar com uma reserva de mão-de-obra familiar suficiente, com a ajuda-mútua e, menos ainda, com

Durante as pesquisas de campo um produtor relatou que parte da renda econômica obtida em sua propriedade é oriunda da fabricação artesanal de queijos, sendo que a produção é destinada aos mercados consumidores urbanos, por meio da colaboração de membros da família que residem na cidade de Uberlândia e fazem o papel de intermediadores na comercialização de seus produtos.

Analisando-se as características desse tipo de produção agropecuária, percebe-se que a inserção desses produtores no mercado acontece por meio de formas e conteúdos típicos da economia camponesa, ou seja, baseados no trabalho familiar.

Contudo, a incorporação de novas habilidades e técnicas de produção que se ligam à produção artesanal familiar também acontece devido às necessidades dos produtores de obterem a reprodução da unidade de produção familiar, mesmo que sob relações sociais de produção não-capitalistas.

No processo de diversificação das atividades econômicas, fica evidente a estratégia do trabalho familiar. Na medida em que a conquista dos meios de vida depende das demandas dos consumidores de produtos artesanais, a inserção dos produtores familiares no mercado se dá a partir de relações sociais de produção não capitalistas, que vêm viabilizando novas e importantes possibilidades de comercialização de produtos fabricados artesanalmente nas fazendas da comunidade Tenda do Moreno.

Neste sentido, os pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno elaboram estratégias de sobrevivência, conforme foi analisado anteriormente, devido ao declínio da produção de subsistência e à desestruturação da unidade de produção familiar que os submeteram à lógica do mercado. Os visitantes

consumidores de seus produtos impõem novos ritmos de trabalho, o que implica jornadas de trabalho mais longas para as famílias das propriedades rurais que vem diversificando suas atividades econômicas.

No geral, as imposições decorrentes da especialização das atividades agropecuárias que inviabilizam a retomada do modelo agrário de subsistência familiar orientam os produtores rumo às necessidades de geração de renda, a partir da mercantilização da sua produção.

Para se compreender como essas mudanças afetaram os produtores rurais, de diversas regiões do Brasil, não se restringindo à comunidade Tenda do Moreno, salvo algumas particularidades locais, tomou-se como exemplo as considerações de Candido (1997)⁹⁴.

O autor analisou a condição dos produtores antes sujeitos à lógica da produção dos meios de vida que, face às transformações impostas pela modernização dos processos produtivos no meio rural e pelo crescimento urbano-industrial, foram submetidos à lógica do capital dos mercados consumidores. Segundo Candido (1997, p.168), diante dessas mudanças surge uma situação inédita:

[...] a construção necessária dum orçamento, ainda que virtual, como base da economia doméstica. A uma fase em que o dinheiro é quase ausente desta, sucede outra, em que ele assume vulto cada vez mais poderoso, pelo incremento da compra e da venda. O consumo de bens produzidos *in loco*; a troca de bens e serviços; todo o ritmo tradicional de vida, em suma, condicionavam um comportamento econômico por assim dizer instintivo, onde o cálculo, no sentido estrito, inexistia praticamente (grifo do autor).

⁹⁴ O trabalho de Antonio Candido (1997) baseou-se em pesquisas realizadas no município de Bofete-SP e em comparações estabelecidas com outras áreas de formação ou influência histórica paulista, como, por exemplo, as regiões sul e oeste de Minas Gerais.

No que se refere à comunidade Tenda do Moreno, observa-se que as mudanças ligadas às relações sócio-econômicas, estabelecidas entre os produtores e o mercado, permeiam o cotidiano das pequenas propriedades rurais.

*“Hoje necessita de tudo da cidade, não planta arroz, não planta feijão, é comprado o óleo lá. Às vezes come um porco aqui, busca tudo na cidade. Nós leva daqui pra lá o que nós planta aqui, nós vende lá e traz de lá pra nós comê aqui. Eles depende de nós e nós depende deles, da cidade pra comê, pra vivê, pra tudo, tudo, agora tudo é uma troca. Agora quando for segunda-feira, já sai, leva os trem, vende no Ceasa, já vem comprando. A vida mudou completamente, nem pode pensar no tempo que nós foi criado, não tem nem jeito, de tão diferente que tá”.*⁹⁵

Pode-se perceber como o produtor analisa sua situação de subordinação ao mercado se comparada ao passado, quando as unidades de produção familiar criavam as possibilidades de conquista dos meios de vida. Naquela época, a relação com o mercado se restringia à venda dos excedentes agrícolas e à compra de alguns produtos industrializados.

Atualmente (2007), os produtores da comunidade Tenda do Moreno ampliaram suas relações com o mercado, a partir da mercantilização dos produtos agropecuários e da necessidade de recuperar os investimentos, na perspectiva do capital, vivendo-se assim pesadas imposições para se obter os meios de vida, entretanto, sem eliminar as formas e conteúdos da estrutura produtiva baseada no trabalho familiar.

Com relação aos modos de produção que faziam parte do mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno, antes das transformações impostas pela especialização das atividades agropecuárias, verificou-se que ainda restam algumas práticas culturais entre os pequenos produtores. Estas permitem a manutenção das pequenas propriedades familiares, mesmo sob relações sociais não-capitalistas de

⁹⁵ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

produção, particularizando os conteúdos ditos modernos que convivem com diferentes formas sociais de produção presentes no lugar.

Contudo, se no passado o ciclo da natureza impunha, aos produtores familiares, os ritmos de produção, devido as suas condições técnicas, atualmente as imposições do mercado assumem determinações sociais que impõem a linearização do tempo produtivo, ou seja, eles produzem o tempo todo as suas hortas, inclusive no período seco.

Sendo assim, comparando-se os diferentes tipos de cultivos ligados a hortifruticultura, no que se refere às épocas de plantio e às imposições do mercado, descobriu-se que o desenvolvimento dessas atividades, nas pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, não segue um calendário de plantio e colheita bem definido, visto que há a possibilidade de produzir diferentes tipos de cultivos ao longo do ano, sem interrupções.

As imposições climáticas que implicavam possíveis riscos ligados ao nível de produtividade, atualmente (2007) estão condicionando os investimentos em defensivos agrícolas para controle de pragas. Como produtores direcionados para o mercado estes precisam investir em insumos modernos para obterem produção contínua, ao longo do ano.

“Na hortifruticultura agora tá compensando mais é banana. A hortaliça, tomate, essas coisas nessa época é muito difícil mas planta, se conseguir colhê é muito caro né por causa de fungo e bactéria na época das chuvas. Pra ganhar dinheiro e ter um lucro bão, planta tomate, jiló, pimentão, chuchu, banana, vagem, agora berinjela não é bão. Na época da seca aí vem o frio, aí é bão o repolho, a couve, a couve-flor. Só que quem mexe não pára de plantá época nenhuma né [...] alface agora nem pensar né, senão mela tudo”.⁹⁶

⁹⁶ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Analisando-se as estratégias elaboradas pelos produtores para se conseguir lucratividade e produtividade em face das demandas dos mercados consumidores, pode-se perceber que a escolha dos cultivos nem sempre obedece às incertezas da natureza, visto que o consumo dos produtos hortifrutigranjeiros é constante, ao longo do ano. Portanto, para o produtor, faz-se necessário interpretar as condições econômicas do mercado e correr menos riscos, para se alcançar melhores preços no CEASA.

O exemplo do tomate ilustra essa situação, pois esse tipo de produto é extremamente suscetível aos rigores climáticos⁹⁷, principalmente durante a estação chuvosa⁹⁸, quando o controle de pragas se torna menos eficaz. No entanto, alguns produtores não deixam de plantar o tomate nesse período, pois as imposições da natureza diminuem a oferta do produto em relação à demanda comercial, refletindo na elevação da cotação de preços, nos entrepostos comerciais. Cabe ressaltar que a chamada lei da oferta e procura, para os produtores da comunidade Tenda do Moreno, aplica-se aos diversos tipos de produtos comercializados in natura.

*“Hoje em dia a relação de venda é mais com o Ceasa ou senão direto com o boxes. Verdura nunca sabe o preço antes de chegar lá, entrou quinhentas caixas é um preço, entrou quinhentas e vinte já é outro preço. Se aumentar as caixas o preço começa a cair e se diminuir começa a subir o preço”.*⁹⁹

⁹⁷ O tomate é uma olerícola que se adapta perfeitamente aos climas tropical de altitude e subtropical; em ambientes secos, frescos, e com alta luminosidade. As temperaturas acima de 35°C afetam a frutificação e abaixo de 11°C retardam a germinação. As chuvas excessivas também prejudicam o desenvolvimento e a frutificação da planta. Informações obtidas no site da Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia. Disponível em: <<http://www.seagri.ba.gov.br/Tomate.htm>>. Acesso em: 01/2007.

⁹⁸ O clima predominante no município de Uberlândia é o tropical sazonal, definido por duas estações: chuvosa (outubro a março) e seca (abril a setembro). A precipitação e a temperatura médias anuais ficam entre 1200 e 1800 mm, e 22° e 23° C, respectivamente. As máximas térmicas absolutas mensais variam pouco ao longo do ano, ao contrário das mínimas, que caem bastante nos meses de maio, junho e julho, ocasionando geadas em algumas áreas.

⁹⁹ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Neste caso, os produtores que investem na hortifruticultura acabam se submetendo em maior grau às oscilações da oferta e demanda de produtos nos mercados consumidores que às determinações climáticas impostas pela natureza, as quais podem ser minimizadas com o uso de tecnologias.

Com relação às tecnologias que propiciaram uma minimização das imposições da natureza, sobretudo climáticas, podem-se destacar os avanços na produção alcançados pelo uso da irrigação mecanizada. A utilização dos aspersores de água, nas plantações de hortifruticultura, possibilita produzir, nos períodos de seca no Cerrado, sem perdas de produtividade, mas com custos econômicos maiores. Contudo, também não se eliminam os riscos impostos pela oferta e demanda do mercado ao valor final dos produtos (Figura 25).

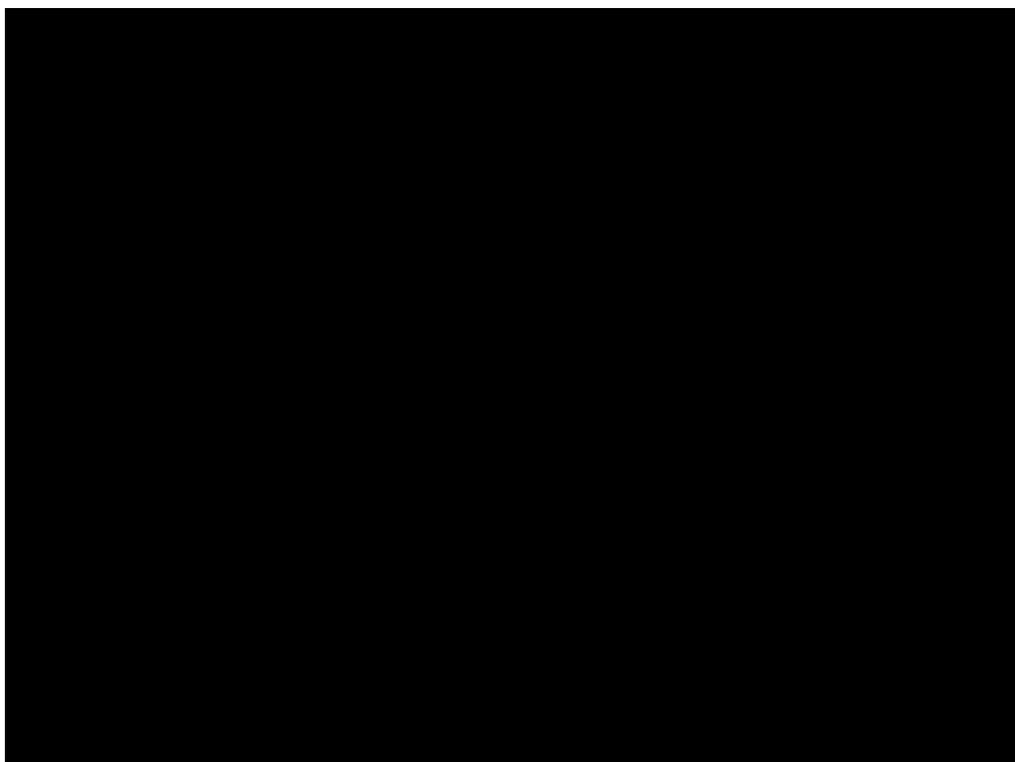


Figura 25 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo. Porção direita: Plantação de hortaliças irrigada com aspersores de água. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 08/2006.

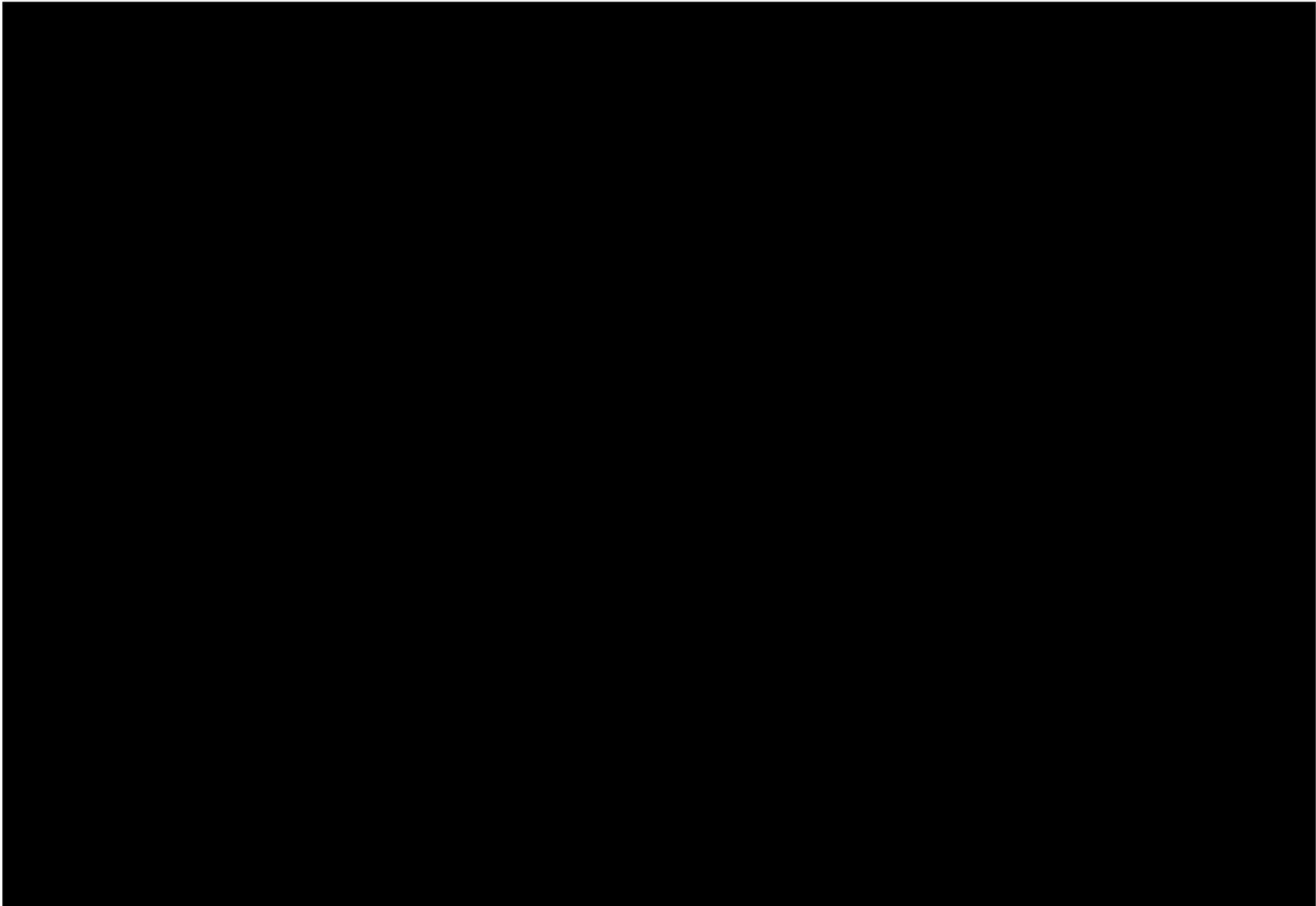
Essa característica da hortifruticultura também demonstra as profundas mudanças no espaço vivido dos pequenos produtores familiares da comunidade Tenda do Moreno, pois a agricultura praticada nos moldes da produção de subsistência familiar era extremamente vinculada aos ritmos da natureza.

Sendo assim, pode-se verificar a superação de saberes e conhecimentos do ciclo da natureza, relacionados à escolha das épocas ideais de plantio, pela utilização de tecnologias que permitem produzir ao longo do ano.

As pesquisas de campo, que foram baseadas na observação direta das paisagens na comunidade Tenda do Moreno, propiciaram a constatação visual da imensa extensão ocupada por pastagens, em relação à hortifruticultura e culturas anuais e perenes. No entanto, buscou-se a comprovação científica dessa observação, por meio da construção de um mapa temático de uso e ocupação do solo (Mapa 4).

O mapa abrange as terras das propriedades rurais localizadas na comunidade Tenda do Moreno, cujas faixas limítrofes são delimitadas e representadas pelos córregos Marimbondo e Tenda, respectivamente.

Dentre as principais formas de uso e ocupação do solo, desenvolvidas na comunidade Tenda do Moreno, as áreas de pastagens são as mais representativas em termos de extensão, pois refletem um modelo de pecuária extensiva praticado historicamente no lugar, outrora definidas por fisionomias de Cerrado, mas que, atualmente, são ocupadas, também, com pastagens plantadas.



Mapa 4 – Uso e Ocupação do Solo: Área de abrangência da Comunidade Tenda do Moreno.

As informações contidas no mapa 4 não permitem analisar o grau de utilização das pastagens; no entanto, durante as pesquisas de campo, verificou-se que, em algumas propriedades rurais, partes dessas áreas não estão sendo aproveitadas economicamente (Figura 26).

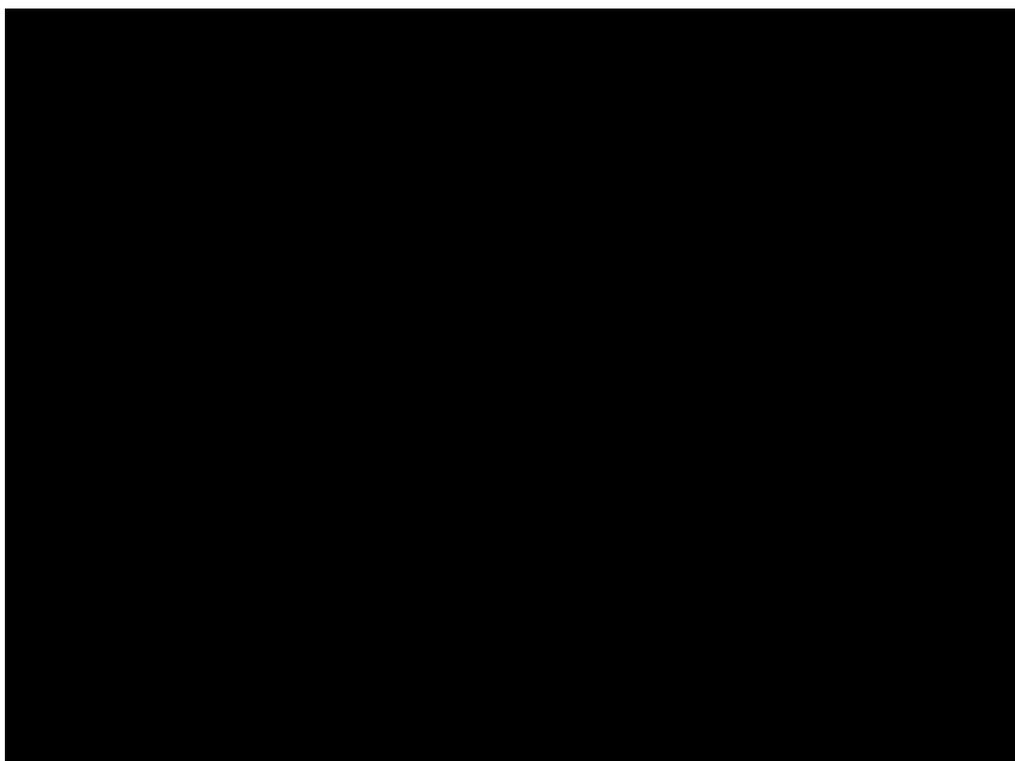


Figura 26 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda da Tenda: Pastagem degradada e sem uso econômico. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 11/2006.

Com relação à principal atividade econômica desenvolvida nas pequenas propriedades da comunidade Tenda do Moreno, ou seja, a hortifruticultura, pode-se verificar, no mapa 4, que as áreas de plantio ocupam as margens de cursos d'água, onde predominam os solos de terra-roxa, conhecidos popularmente como *terras de cultura*, que foram muito utilizadas para o plantio das culturas tradicionais do arroz, milho e feijão, conforme pôde ser visto no segundo capítulo. Atualmente (2007), destacam-se, entre os cultivos ligados a hortifruticultura, a produção de banana, chuchu e tomate (Figuras 27, 28 e 29).

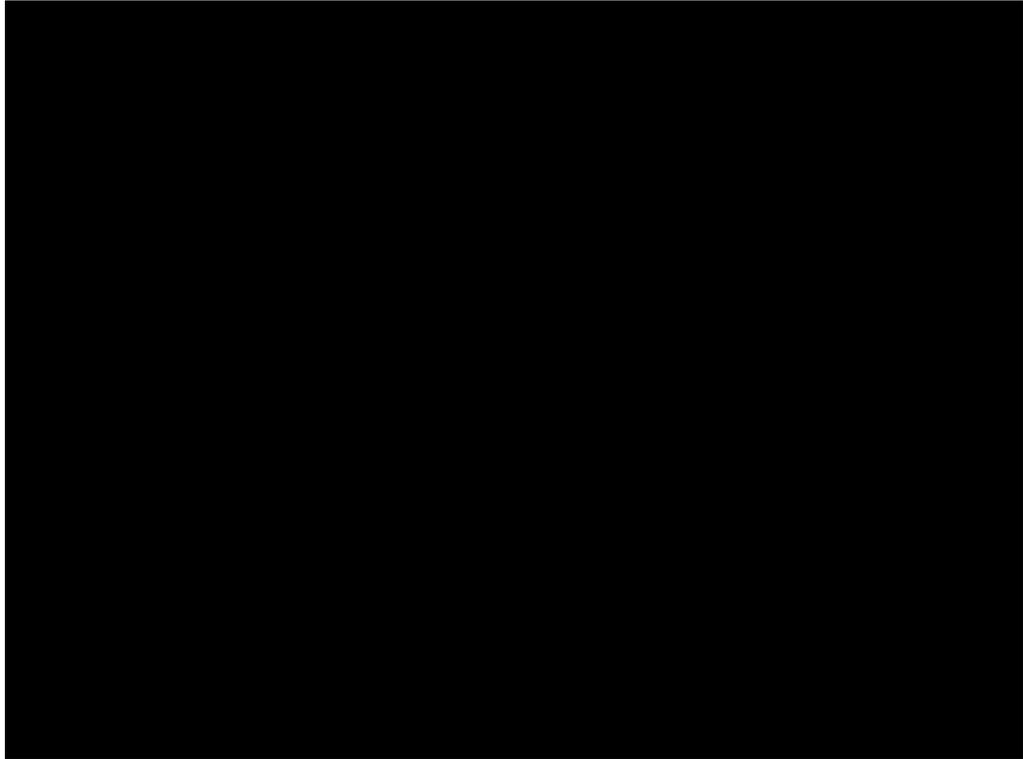


Figura 27 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Plantação de bananeiras às margens do córrego Ressaca. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 07/2006.

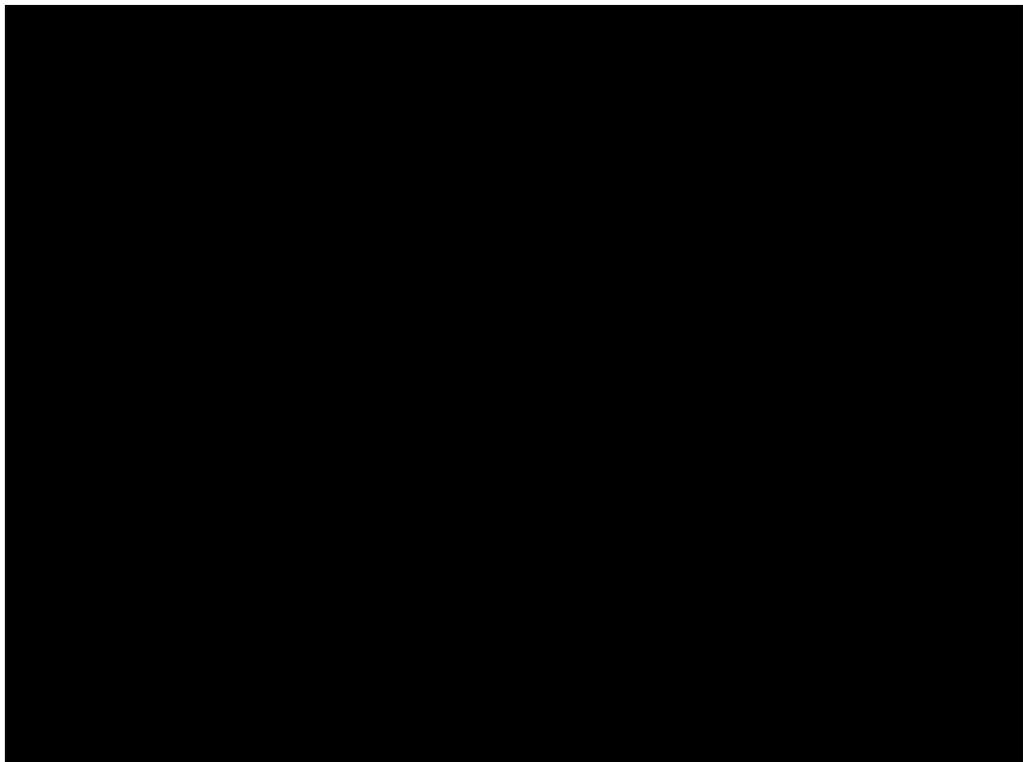


Figura 28 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: Plantação de chuchu. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 11/2006.

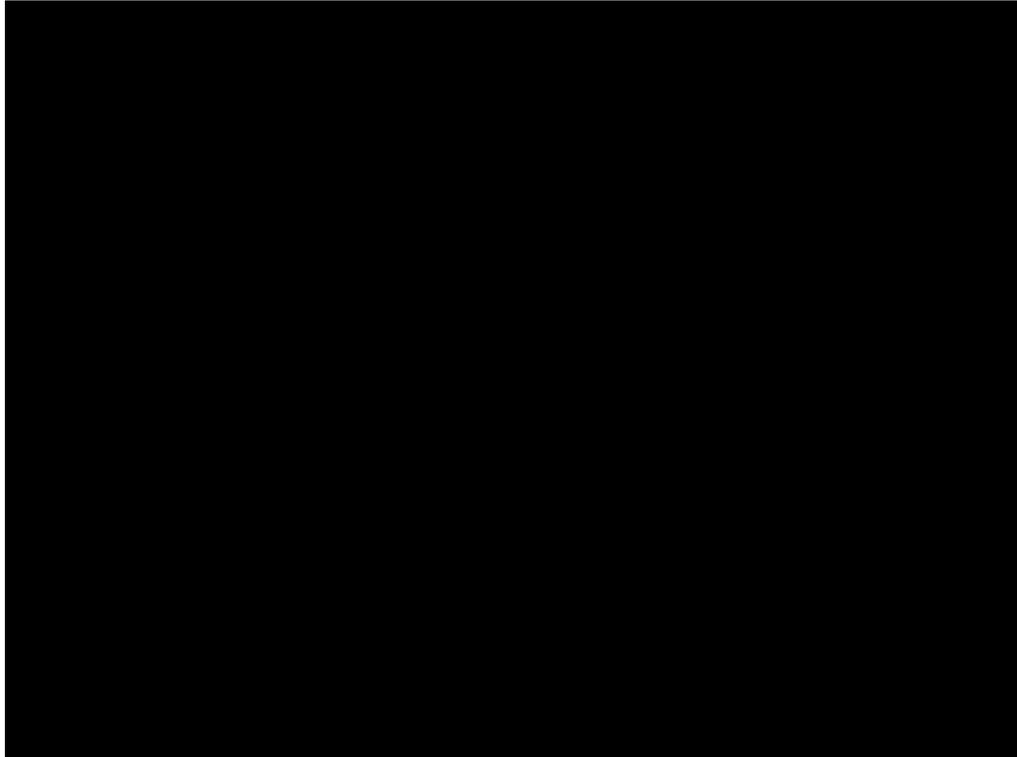


Figura 29 – Comunidade Tenda do Moreno. Ao centro (lado direito): Área utilizada para o plantio de tomate, preparada com a fixação de estacas de bambu, para a sustentação da planta. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 12/2006.

Assim como as pastagens naturais e plantadas, as culturas anuais e perenes ocupam as áreas de relevo suavemente plano e pouco dissecado. Percebe-se que esse tipo de uso do solo se destaca nas propriedades rurais com maiores áreas territoriais, localizadas entre as cabeceiras dos córregos Marimbondo e Tenda e a cidade de Uberlândia (Figura 30).

Cabe ressaltar que o objetivo deste capítulo não era quantificar as áreas ocupadas pelos diferentes tipos de cultivo, nem mesmo os níveis de produção e produtividade das propriedades rurais. Portanto, as informações obtidas nas pesquisas de campo foram importantes para se entender as particularidades do processo de subordinação dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno às condições do mercado, que provocaram o declínio da agricultura de

subsistência e a especialização na hortifruticultura, bem como a transformação e a redefinição dos modos de vida que caracterizam o lugar.

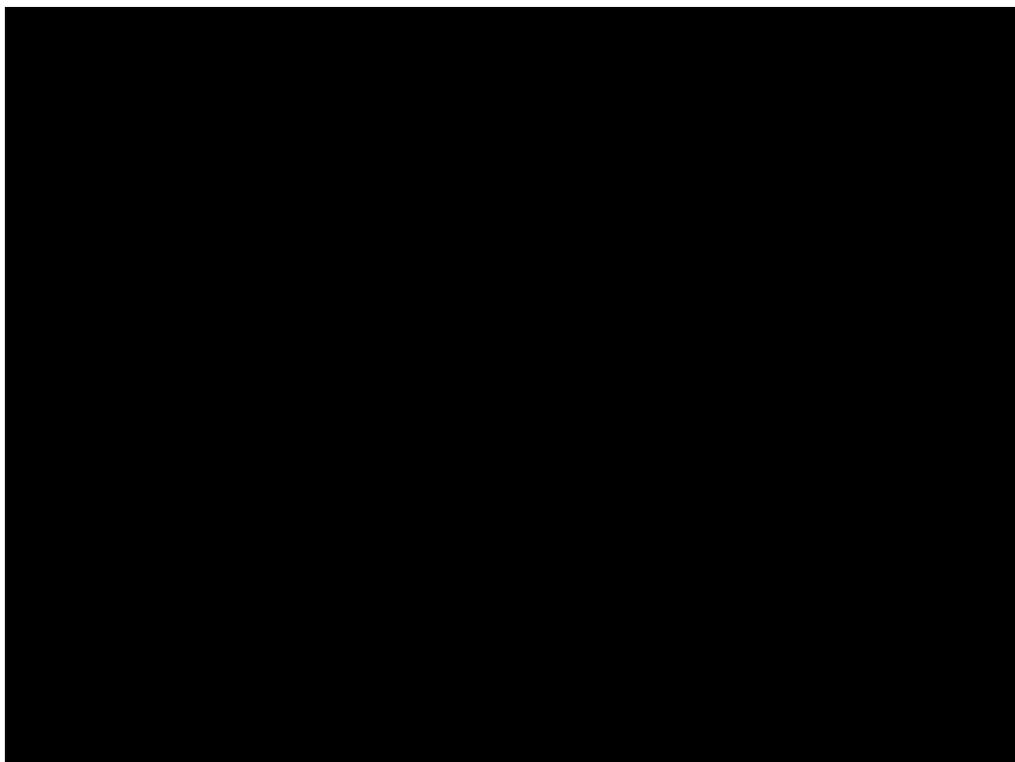


Figura 30 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Marimbondo: Solo preparado para o plantio de soja, próximo à cabeceira do córrego Marimbondo e da cidade de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 11/2006.

Dessa forma, verificou-se como a especialização das atividades agropecuárias e a ampliação das imposições decorrentes do processo de reprodução do capital sujeitaram os pequenos produtores a mudanças no seu modo de vida, redefinindo as suas relações sociais, principalmente no que se refere ao modelo de produção e ao envolvimento entre os produtores com o lugar.

Essas transformações fizeram com que os pequenos produtores tradicionais da comunidade Tenda do Moreno se especializassem na produção agropecuária e se tornassem subordinados ao mercado, ou seja, a lógica da economia de subsistência familiar cedeu lugar às imposições reprodutivistas do capital. No

entanto, os produtores não perderam os seus vínculos comunitários, principalmente os religiosos.

Em alguns casos, conseguem obter a sua reprodução incorporando mais trabalho e lançando mão de saberes que os habilitam a produzir os meios de vida, bem como a direcionar parte destes à demanda de consumo dos visitantes e turistas.

Nesse processo, deve-se considerar que ocorreram perdas nas relações sociais que promoviam o envolvimento das pessoas, mas surgiram rearranjos que não inviabilizaram técnicas e saberes tradicionais de produção, na obtenção dos meios de vida.

Apesar de os produtores serem obrigados a abandonar parte de seus hábitos e costumes relacionados às atividades agropecuárias, devido às imposições do mercado, eles conseguem manter, em vários casos, a fabricação de alguns produtos, bem como a realização de eventos comunitários, principalmente as festas religiosas.

Portanto, apesar de parte das instituições sociais que sustentavam a economia de subsistência familiar, ou seja, a mão-de-obra familiar, as práticas de ajuda mútua e as sociabilidades decorrentes da religiosidade, serem afetadas pela incorporação do modelo de produção orientado para o mercado, estas não desapareceram. Isto se deve ao fato de os seus conteúdos sociais, culturais e religiosos potencializarem outras relações sociais que permitem sua inserção no lugar a partir de modos de vida, os quais são percebidos e manifestados pelas pessoas que vivem no lugar.

Durante as pesquisas de campo, as questões relacionadas ao uso dos recursos hídricos, na comunidade Tenda do Moreno, suscitaram algumas indagações, principalmente no que se refere às habilidades dos produtores em racionalizar a distribuição e a utilização da água nos processos produtivos das propriedades rurais.

No contexto dos usos dos recursos hídricos, descobr

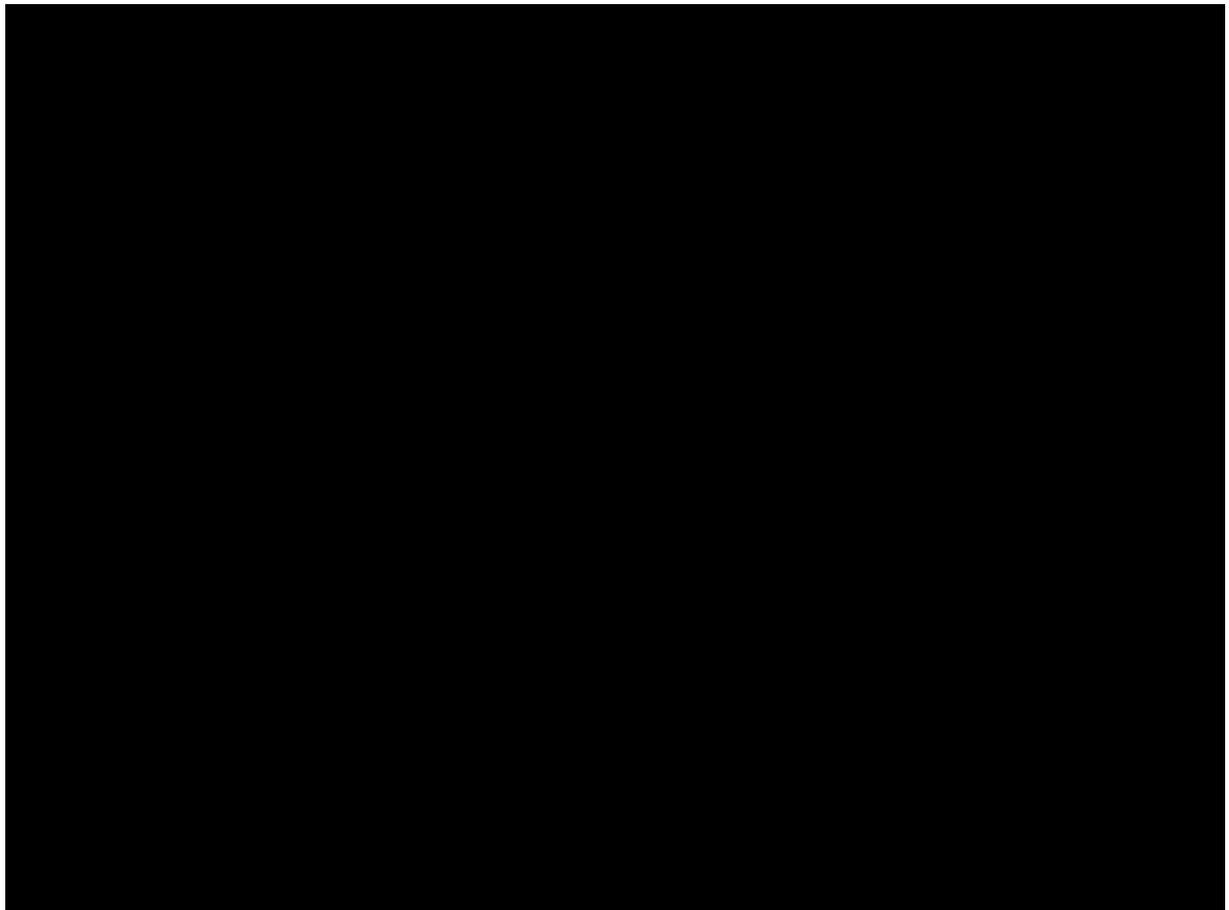
fazem presentes, em diferentes momentos do mundo vivido dos produtores da comunidade Tenda do Moreno.

No próximo capítulo serão considerados os conteúdos culturais que permanecem, ou seja, os resíduos das relações sociais resultantes dos modos de vida que particularizavam o lugar em outros momentos históricos. Neste sentido, serão analisados os arranjos sócio-culturais ligados à manifestação da religiosidade católica, como forma de encontro e sociabilidade entre os membros da comunidade Tenda do Moreno, os sentidos e significados embutidos na realização dos festejos religiosos, bem como os pertencimentos que sustentam o processo de (re)construção do lugar, a partir do grupo social de produtores familiares.

CAPÍTULO 4

RELIGIOSIDADE E SOCIABILIDADE COMUNITÁRIA: possibilidades da (re)construção do lugar

As festas parecem oscilar [...] entre dois pólos: a cerimônia (como forma exterior e regular de um culto) e a festividade (como demonstração de alegria e regozijo)(AMARAL, 1998 apud MAIA, 1999, p.193).



Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D’água: Missa realizada durante o sétimo dia de novena da Festa de São José do Moreno 2006. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

No capítulo anterior, foram analisadas as transformações ocorridas no lugar, devido à especialização das atividades agropecuárias nas propriedades rurais da comunidade Tenda do Moreno, que submeteram as unidades de produção familiar à ampliação de suas relações sócio-econômicas com o mercado, bem como às imposições decorrentes da reprodução do capital.

Como pôde ser visto, essas transformações não se deram somente em nível da produção, mas também afetaram, diretamente, algumas práticas culturais presentes no lugar, devido, principalmente, à subordinação dos pequenos produtores familiares à lógica do capital. Essa nova realidade lhes impôs a necessidade de direcionar as unidades de produção familiar para atender às imposições do mercado como forma de conseguir recuperar o dinheiro investido e, com esses rendimentos, adquirir, no mercado, parte dos seus meios de vida.

A especialização das atividades agropecuárias e a ampliação das relações sócio-econômicas, entre os pequenos produtores e o mercado, fizeram com que se criasse, constantemente, a necessidade da geração de rendimentos monetários. Sendo assim, foi preciso implementar mudanças nos ritmos e relações sociais de produção, as quais influenciaram no desaparecimento das práticas de ajuda mútua e algumas práticas religiosas, redefinindo os momentos dedicados à solidariedade e à sociabilidade comunitária.

Dentre as práticas culturais e religiosas cuja manifestação, no lugar, não se faz possível na atualidade (2007), podem-se destacar os encontros promovidos pelos clubes de jovens e de mães da comunidade; os mutirões das fiandeiras, que visavam executar tarefas relacionadas ao preparo de fios de algodão, os quais eram acompanhados pelas cantorias das mulheres; e as rezas realizadas aos pés dos

cruzeiros, pedindo chuvas para as plantações e, sobretudo, esperanças em boas colheitas.

Dessa forma, os membros da comunidade perderam parte dos elementos sócio-culturais que estruturavam os laços comunitários das pessoas com o lugar, fazendo com que a reprodução dos festejos religiosos se tornasse a forma mais importante de integração afetiva entre os moradores. Essas práticas eram motivadas e possibilitadas a partir de valores morais e religiosos comuns a todos, porém as motivações, sentidos e significados das festas sofreram mutações, no imaginário e no cotidiano de vida de cada pessoa. Por isso, entende-se que a festa religiosa ainda é um evento poderoso, capaz de reunir pessoas.

Cabe ressaltar que, no bojo dessas transformações, o lugar foi-se particularizando e revelando contradições ocasionadas pelo convívio de diferentes temporalidades sociais no espaço.

Apesar das mudanças, prevaleceram práticas culturais e religiosas que podem ser entendidas como resíduos de relações sociais de momentos históricos pretéritos, mas que, de certo modo, potencializam o encontro comunitário e o envolvimento das pessoas, enquanto grupo social pertencente ao lugar Tenda do Moreno.

Nas vivências de campo pôde-se verificar que a reprodução do modelo agrário de produção de subsistência familiar, que vigorava nas pequenas propriedades, dava aos produtores condições de garantirem certa autonomia sobre o tempo livre das famílias, pois o ritmo de trabalho diário era mais lento, se comparado à realidade atual (2007), principalmente nos períodos de entressafra

agrícola, que correspondiam aos meses de estação seca no clima do Cerrado, ou seja, de abril a setembro.

*“Trabaiava, mas não era forçado igual hoje não, era um serviço que nós trabaiava mais folgado sabe, não tinha esse ritmo de vida de hoje, não tinha esse aperto de vida que tem hoje. Essa vida corrida que tem hoje não existia não, chegava tarde assim saía e ia na casa dos vizinho, nas casa um dos outros conversá, o pai e mãe conversava e os menino brincava no escuro de pique, nos terreiro”.*¹⁰¹

*“Pra encontrar os vizinhos era só dia de domingo né, se quisesse encontrar eles tinha que arriá um cavalo ou senão ir de a pé ou quando fazia os mutirão”.*¹⁰²

O “*aperto de vida que tem hoje*” mencionado pelo produtor rural não se refere somente ao ritmo de trabalho desenvolvido, atualmente (2007), nas atividades agropecuárias. Entende-se que esse “aperto” reflete, também, a situação dos produtores relacionada às necessidades ligadas a reprodução das unidades de produção familiar, na perspectiva do mercado.

Atualmente (2007), a conquista dos meios de vida não se refere apenas à produção de alimentos e rendimentos monetários, mas do lazer e prazeres da vida, representados, principalmente, pelos momentos de sociabilidade comunitária, inscritos nas práticas culturais e religiosas das pessoas do lugar.

Como foi demonstrado, a lógica das unidades de produção familiar não é inteiramente capitalista, pois os produtores buscam, em primeiro lugar, o sustento das famílias. Nesse propósito, eles se submetem às imposições do mercado, mas conseguem manter certas práticas sócio-culturais e realizar arranjos que tornam possível reproduzir a unidade de produção familiar, mesmo que isso implique mais trabalho, nos processos produtivos.

¹⁰¹ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

¹⁰² Pesquisa de campo realizada com V.C. (77 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Desse modo, a lógica da produção imposta pelo mercado tende a subtrair das pessoas as possibilidades de realizações de relações sociais de outros momentos históricos, ou seja, usar o tempo livre e dedicá-lo às práticas culturais ligadas à religiosidade católica e à sociabilidade comunitária. Sem dúvida, o tempo livre tende a ser encurtado, reduzido, miniaturizado, mas o curioso disso tudo é que essas práticas não desaparecem por completo.

Nesse contexto de sobrevivência de práticas sociais tradicionais, as pessoas continuam se reunindo para fazer a festa, como possibilidade de estabelecerem momentos de sociabilidade comunitária, bem como de se sentirem como pertencentes ao lugar. Para isso, esforçam-se para manter o encontro comunitário, por meio das práticas religiosas.

“Quando fazia mutirão convidava todo mundo pra dá uma de mão, dado, você trabalhava por exemplo na sexta-feira, convidava todo mundo, da região inteira, aí ia todo mundo...trabalhava, mas não ganhava nada, mas só que aí no sábado tinha o baile e dava comida. [...] O mutirão quando dava um serviço grande, que tinha muita gente, ia até cem pessoas, era comida no tacho, aquele monte de muié cozinhando, fazia comida pra aquilo tudo” (grifo nosso).¹⁰³

Neste caso, pode-se compreender que as perdas das práticas sociais, geradas e instituídas em outros contextos, não são totais, mas contornadas e compensadas pela criação de arranjos que permitem às pessoas inscreverem, no lugar, suas necessidades, motivações e interesses.

Certamente, no passado, as possibilidades de se estabelecerem encontros entre os membros da comunidade eram mais amplas; entretanto, neste momento, não podem-se fazer presentes na mesma intensidade, devido às transformações

¹⁰³ Pesquisa de campo realizada com E.G.P. (61 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

socioespaciais, descritas no terceiro capítulo, que ocasionaram importantes implicações nas relações sociais entre os membros da comunidade.

A subordinação dos produtores à lógica do mercado condiciona o tempo do trabalho como momento da realização da reprodução das pequenas propriedades familiares, por meio da mercantilização da produção. Nesse processo, o tempo dedicado, anteriormente, às práticas de ajuda mútua, hoje (2007) se torna inviável, pois o tempo de trabalho tem valor monetário e se vincula à lógica capitalista, ou seja, ao lucro.

Sendo assim, as relações sociais de produção que permanecem fora da lógica do capital e da sua reprodução ampliada somente se justificam na forma de trabalho familiar, que visa garantir a conquista dos meios de vida das famílias.

Resta às pessoas do lugar realizarem as práticas culturais e religiosas que se configuraram como resíduos de relações sociais, as quais, no cotidiano, se tornam possibilidades de vivenciarem conteúdos de outros momentos históricos. Contudo, esses resíduos convivem no mesmo espaço, em certos casos miniaturizados ou inibidos devido às ausências de alguns componentes sócio-espaciais, como o caso dos bairros rurais, que inexistem no contexto das imposições da modernidade.

Nesse contexto, a religiosidade não desaparece, mas assume outros propósitos, na medida em que proporciona novos sentidos e significados ligados à manutenção dos costumes inscritos nos festejos religiosos. Esses eventos são considerados como sendo uma prática cultural coletiva das pessoas do lugar, que envolve a comunidade e reproduz as possibilidades de momentos de sociabilidade comunitária do grupo social.

Referindo-se aos momentos de sociabilidade comunitária, ligados à religiosidade católica e que ainda perduram na comunidade Tenda do Moreno, entende-se que a realização desses eventos acontece por meio de iniciativas autônomas de algumas famílias, conforme o caso dos festejos juninos, em louvor a Santo Antônio (13/06), São João (24/06) e São Pedro (29/06).

Desse modo, os resíduos das relações sociais são percebidos nas práticas culturais ligadas à religiosidade dos membros da comunidade, tidas como possibilidades de realização de momentos de sociabilidade comunitária. Essas práticas se inscrevem, no lugar, por meio da organização de eventos religiosos, como a cerimônia de coroação de Nossa Senhora Aparecida e, principalmente, da festa de São José do Moreno. A reedição das festas religiosas se traduz em oportunidades para o lazer e a reunião das pessoas, como sendo uma necessidade ligada à produção dos meios de vida.

Portanto, as considerações sobre a produção dos meios de vida não podem se referir somente à aquisição dos recursos alimentares, mas se estendem às opções de lazer, à religiosidade e à sociabilidade comunitária.

Para alguns moradores da comunidade Tenda do Moreno, a realização dos festejos religiosos em louvor aos santos católicos faz parte da tradição religiosa das famílias e se constitui em reunir as pessoas para homenagear seu(s) santo(s) de devoção, conforme foi salientado no item 2.2.2, do segundo capítulo.

“Nóis aqui tem devoção com São Pedro né, nós até festeja São Pedro todo ano, já vem com essa tradição antiga, eu não lembro bem como é que foi a vida dos meus pais com São Pedro não. No tempo da minha mãe a gente ajudava eles a festejá, e depois eles morreu, aqui era a sede deles e eu

*fiquei tomando conta desse São Pedro outra vez, toda vida até hoje eu tô com o São Pedro aí só”.*¹⁰⁴

A ligação de algumas pessoas da comunidade com as santidades demonstra uma proximidade, pois quando estas fazem menção ao nome do santo de devoção das famílias, parecem se referir a um ente querido, próximo de seus círculos de convivência familiar.

A personificação dos santos de devoção permite compreender o papel que estes assumem, seguramente, como mediadores entre os devotos e as divindades superiores, na hierarquia sagrada.

As relações dos devotos com os rituais religiosos são viabilizadas e materializadas por meio das imagens sagradas, as quais são tratadas como elementos fundantes da vida cotidiana. Ao abordar a questão da ligação dos devotos com seus santos de devoção, Queiroz (1973) mencionou que:

O santo é a um tempo natural e sobrenatural. Natural pela imagem modelada em argila ou talhada em madeira; sobrenatural pela sua essência. Natural e sobrenatural significa que os mortais podem exercer sobre ele influência (QUEIROZ, 1973, p.85).

Assim como em outras regiões do Brasil, na comunidade Tenda do Moreno as famílias desenvolveram diversos hábitos e costumes relacionados ao tratamento dado às imagens sagradas que fazem parte dos rituais católicos.

É comum observar, nas residências, o cuidado das pessoas com os locais das casas e/ou fazendas onde são colocadas as imagens, as quais recebem tratamentos que se fazem notar no seu embelezamento especial.

¹⁰⁴ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

4.1 – Festa de São José do Moreno: manifestação da vitalidade do lugar.

Assim como todos os santos católicos, São José possui uma data própria no calendário católico romano para sua veneração pelos fiéis, a qual foi estipulada, desde o século XV, como sendo 19 de março. Os atributos mais relevantes do santo estão relacionados à sua imagem como esposo da Virgem Maria e pai de Jesus Cristo, que o elevou a protetor da Sagrada Família.

Além disso, ele é considerado, também, o padroeiro universal da Igreja e dos trabalhadores. “Com poucos, mas significativos traços, os evangelistas descrevem-no como cuidadoso guardião de Jesus, esposo atento e fiel, que exerce a autoridade familiar numa constante atitude de serviço” (PAPA JOÃO PAULO II, 2003)¹⁰⁵.

Na comunidade Tenda do Moreno, São José é considerado como padroeiro do lugar, bem como das famílias. Como pôde ser analisado no segundo capítulo, desde a construção da capela local foi instituída uma comemoração religiosa em seu louvor, conhecida como Festa de São José do Moreno.

No que tange ao ato de nomear a capela, descobriu-se que os membros da comunidade fizeram a junção do nome do santo, *São José*, com a palavra *Moreno*, que indicava sua localização na época da sua construção, visto que esta se encontra situada no antigo bairro rural denominado Moreno (Figura 31).

¹⁰⁵ Parte de discurso feito pelo Papa João Paulo II em audiência realizada no dia 19 de março de 2003. Disponível em: <http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20030319_po.html>. Acesso em: 12/2006.

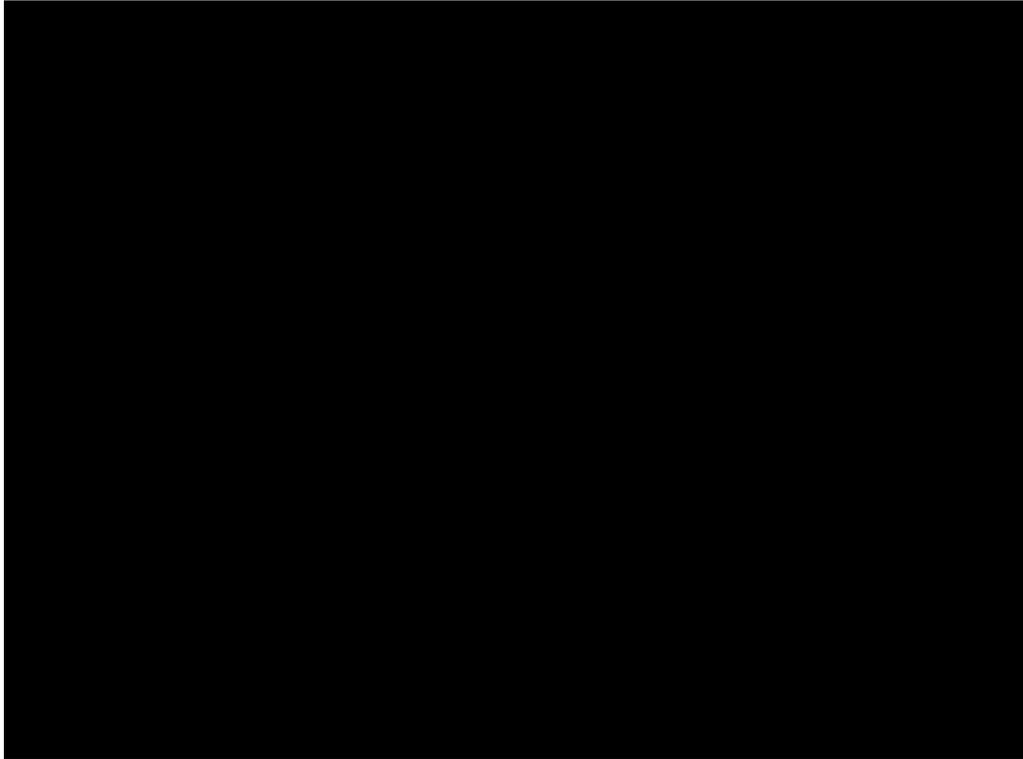


Figura 31 – Comunidade Tenda do Moreno – Capela São José do Moreno: detalhe da inscrição do nome da capela em sua fachada frontal. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Analisando-se as motivações dos moradores locais relacionadas à escolha do

nome da capela, percebe-se que sua nomeação ref1.87122(a)2.278(p)-4t

das possibilidades de realizações dos prazeres da vida, as quais potencializam a sociabilidade comunitária e criam novas formas de se enfrentarem as contradições e complexidades da vida moderna, pois representam elementos culturais típicos de outras temporalidades sociais.

Sendo assim, esses elementos apresentam racionalidades que particularizam a reprodução das relações sociais que especificam o lugar dentro do global. Segundo Carlos (1996, p.26): “[...] O lugar aparece como um desafio à análise do mundo moderno exigindo um esforço analítico muito grande, que tente abordá-lo em sua multiplicidade de formas e conteúdos, em sua dinâmica histórica.”

Por meio da incursão histórica realizada ao longo dos capítulos deste trabalho, compreende-se que, na comunidade Tenda do Moreno, a diversidade de formas e conteúdos presentes no lugar está relacionada às diferentes temporalidades sociais inscritas no mundo vivido das pessoas, a partir da memória coletiva.

Essas considerações se afirmam, principalmente, no que se refere à influência da religiosidade católica na formação dos valores morais, na reprodução das práticas religiosas, bem como no desdobramento de relações sociais sustentadas por elementos históricos da vida comunitária. Portanto, para vários produtores rurais, ficou evidenciado que “[...] Através dessa memória, cria-se uma imagem de que o presente é uma construção determinada pelo passado (FELIPE, 2001, p.15).”

Pode-se verificar que as pessoas envolvidas na realização da festa de São José do Moreno conseguem saciar parte de suas necessidades, configuradas pelas

formas de sociabilidade e lazer inscritas na festa, fora da perspectiva econômica, ou seja, da mediação do dinheiro.

As figuras centrais envolvidas na organização da festa de São José do Moreno são os novenários, o pároco local e, principalmente, os festeiros. Os primeiros são responsáveis pela doação de prendas para realização dos leilões beneficentes, sendo que, a cada dia de novena, é escalado um grupo de novenários. Ao pároco cabe a função de comandar os rituais religiosos. Os festeiros são escolhidos todos os anos e somam um total de nove casais, os quais não são, obrigatoriamente marido e esposa.

No calendário religioso da comunidade, a festa do padroeiro possui o maior destaque, sendo que as datas de sua realização variam a cada ano, apesar de 19 de março ser considerado o dia de São José. Desse modo, os festeiros e sacerdotes da Igreja Católica se reúnem para elaborar o calendário festivo que, geralmente, termina no dia do padroeiro.

Contudo, é comum haver mudanças na programação do calendário da festa de São José do Moreno, em face das necessidades dos organizadores. No ano de 2006, o ciclo dos festejos religiosos se iniciou em 10 de março e se estendeu até 08 de abril, visto que os encontros se deram somente na sexta-feira e sábados de cada semana.

A variação anual das datas de realização da festa de São José do Moreno acontece devido aos compromissos diários dos festeiros, bem como das demais pessoas da comunidade, o que, em algumas ocasiões, dificulta o envolvimento deles na organização dos rituais e eventos religiosos.

Sendo assim, faz-se necessário estabelecer esses arranjos e negociações para se elaborar a programação dos eventos e conseguir realizar boas festas, que agradem os participantes e atinjam as expectativas dos devotos, pois se trata, também, de uma homenagem em louvor ao santo.

A criação dos arranjos e negociações, por parte das pessoas promotoras da festa de São José do Moreno, representam uma tentativa de se racionalizar as práticas culturais e religiosas que permanecem na comunidade, ou seja, os resíduos sociais das manifestações da religiosidade católica. A partir disso pode-se fazer aquilo que, atualmente (2007), é possível, por meio das pessoas presentes nesses espaços, as quais são capazes de inscreverem no lugar as suas habilidades e conhecimentos, como parte dos seus envolvimento na busca dos prazeres e satisfações da vida.

Apesar de as mudanças no calendário anual da festa serem estabelecidas em conjunto com o pároco local e demais membros da comunidade, os festeiros possuem autonomia nas decisões, pois as novenas que compõem os festejos são realizadas em suas residências, com exceção do dia de encerramento.

Essa postura assumida na organização das festas religiosas representa um costume, criado desde os primórdios de formação da comunidade Tenda do Moreno, devido às características da religiosidade das pessoas do lugar, naquele momento histórico, quando a presença dos sacerdotes da Igreja Católica era incipiente ou inexistente no meio rural, conforme pôde ser analisado nos dois primeiros capítulos..

O ciclo dos festejos religiosos em louvor ao santo padroeiro é constituído pela realização da novena nas residências dos festeiros e, também, por missas na Capela São José do Moreno, geralmente no último dia da festa. Como a novena

possui a duração de nove dias, cada casal de festeiros fica responsável por um dia, pois eles somam nove casais.

Nas vivências realizadas durante a novena da festa de São José do Moreno, no ano de 2006, pôde-se perceber a dedicação dos festeiros, manifestada na preparação das residências, com o objetivo de promover uma recepção calorosa aos visitantes, por meio do embelezamento dos locais de celebração das missas, bem como pela oferta de quitandas, café e sucos.

Desse modo, cada casal de festeiro se esforça para obter destaque entre os demais, como forma de conseguir elogios e comentários positivos, por parte dos participantes dos festejos, a respeito da sua dedicação em relação à organização dos eventos. Os sucessos alcançados pelos festeiros lhes concedem prestígio social e projeção política na comunidade e atendem suas expectativas em relação às homenagens ao santo padroeiro.

Cabe ressaltar que esse tipo de comportamento, percebido nas ações dos festeiros, reflete uma condição socialmente construída no mundo vivido dos membros da comunidade, visto que a festa representa uma oportunidade para os festeiros serem percebidos no interior do grupo social, bem como de se estabelecerem identidades e pertencimentos, por meio das relações sociais vivenciadas no e com o lugar.

A novena da festa de São José inicia-se com a realização de uma carreata que leva a imagem do padroeiro, da capela até a residência do primeiro casal de festeiros, onde acontece a abertura oficial dos festejos.

Ao chegar ao primeiro destino, a imagem do padroeiro costuma ser entregue, pelas mãos do pároco da comunidade, ao casal de festeiros, os quais são responsáveis por carregar a imagem até o local onde será realizada a celebração da missa. Nos dias seguintes, a imagem de São José é transportada pelos festeiros até a próxima residência, onde prossegue a novena, sendo que o ritual de entrega da imagem acontece entre os próprios casais de festeiros (Figura 32).

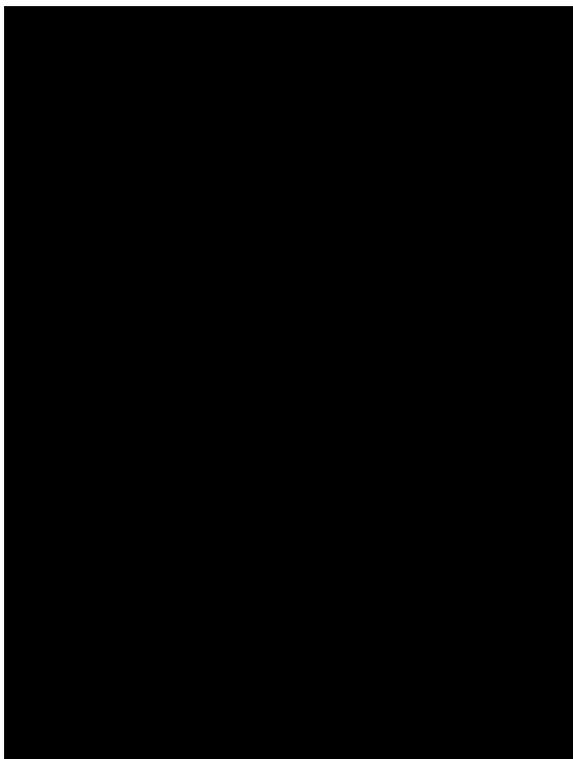


Figura 32 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: festeiro recebe a imagem de São José para transportá-la até o local improvisado para celebração da missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

As recepções da imagem de São José, nas residências, despertam entusiasmo e emoção nos festeiros, que demonstram sentir a presença da própria santidade. Trata-se de um momento de especial atenção, dedicado a todos que se fazem presentes no local do ritual religioso. Na maioria dos casos, as pessoas recebem a imagem em mãos e logo prestam suas homenagens individuais, configuradas por pedidos de benção, orações e saudações.

Nas residências dos festeiros, os locais onde acontecem as celebrações das missas realizadas pelo pároco da comunidade geralmente são improvisados, com a colocação de vasos com flores e de mesas cobertas por forros de tecido e enfeitadas com velas, além de imagens de São José e outros santos a que as pessoas têm devoção (Figura 33).

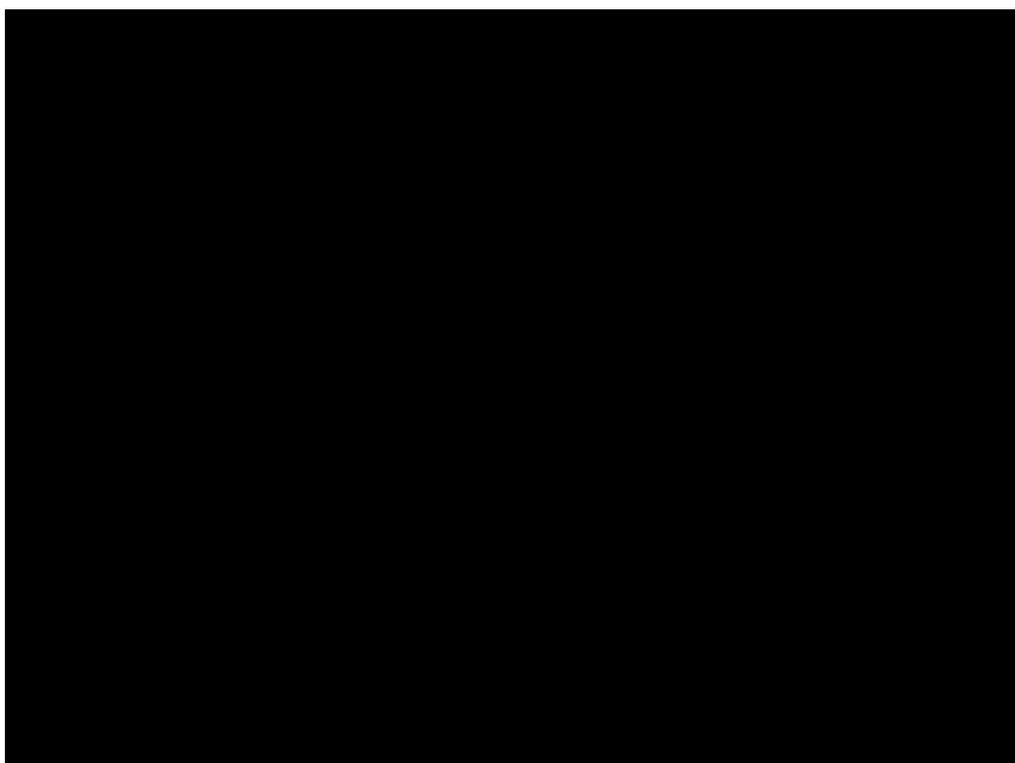


Figura 33 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: disposição do local preparado para celebração da missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Nos locais onde acontecem as missas, as pessoas organizam a disposição das mesas, enfeites e imagens sacras, com o objetivo de representar, o mais próximo possível, as características dos altares das igrejas católicas, pois, no imaginário dos devotos, esses espaços instituem um lugar sagrado nas residências, no qual o padre medeia a relação da santidade com os fiéis.

Essas práticas fazem parte de um ritual que vai-se traduzindo em compromissos, mas, sobretudo, em representações, as quais se ampliam como mediações das relações sociais inscritas no cotidiano dos membros da comunidade.

De acordo com as dimensões de suas residências, os festeiros organizam os locais onde são celebradas as missas, para que os visitantes possam se sentir confortáveis. Portanto, são colocados tamboretos, assentos de madeira e cadeiras, para que as pessoas se acomodem. No entanto, geralmente, isso não é possível, em vista da presença de expressivos contingentes de participantes que, em algumas ocasiões, ultrapassa o número de 100 pessoas (Figura 34).

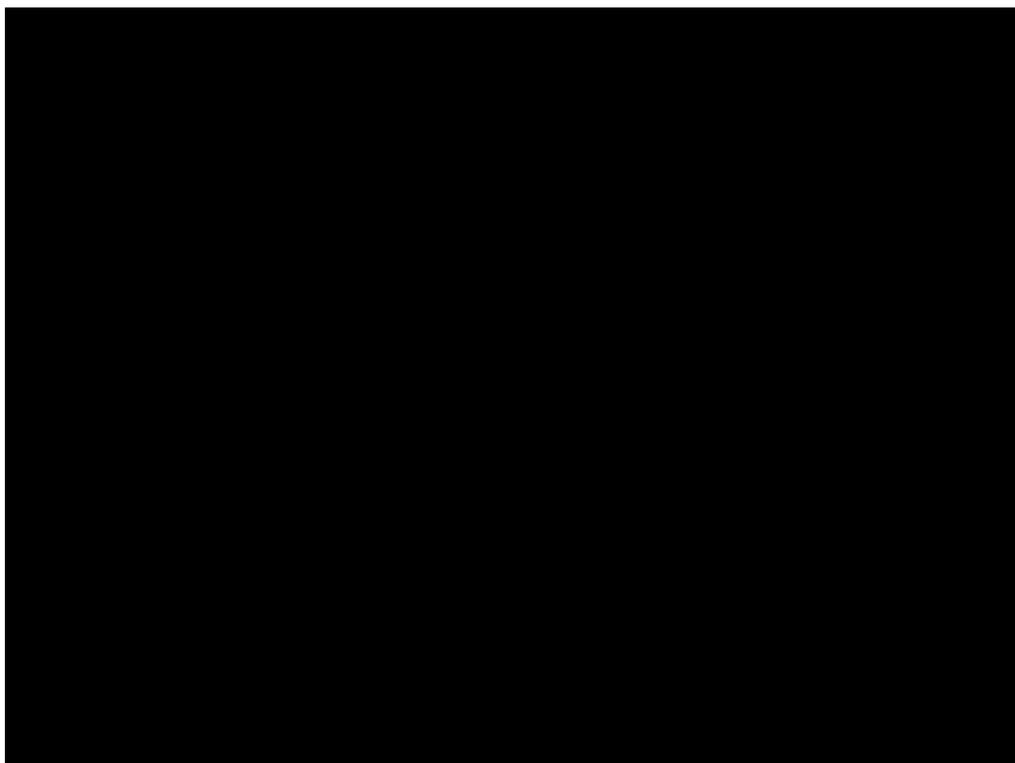
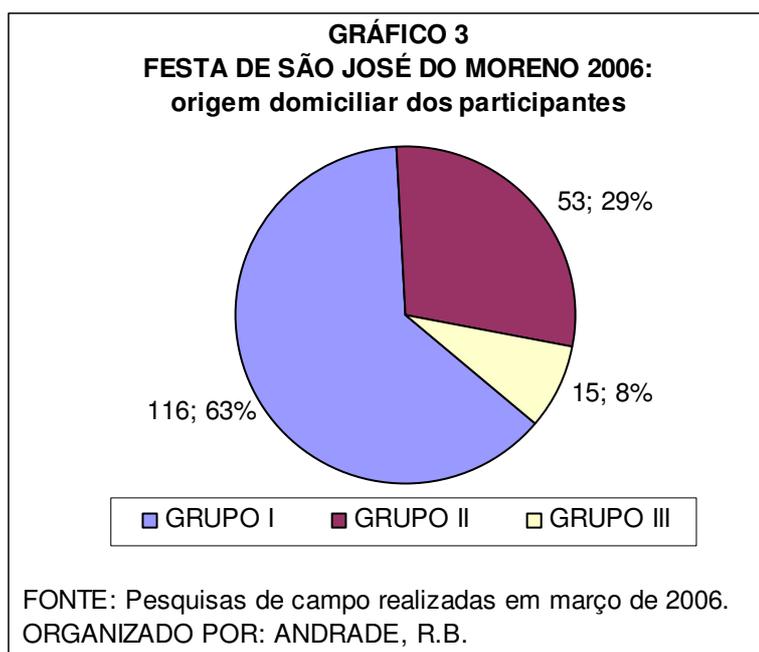


Figura 34 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D'água: aglomeração de pessoas durante a celebração de missa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Em pesquisa de campo, durante a realização de visitas às novenas nas residências dos festeiros, no ano de 2006, foram distribuídas listas de presença para que se pudesse verificar a origem dos visitantes. Sendo assim, registrou-se, em dois

dias diferentes, ou seja, sábado (25/03) e sexta-feira (31/03), a participação de 184 pessoas, as quais foram divididas em três grupos: I – moradores locais; II – proprietários rurais locais residentes na cidade de Uberlândia, antigos moradores, e parentes de autóctones; III – moradores de comunidades vizinhas e outras áreas rurais do município de Uberlândia.



Analisando-se os dados do gráfico 3, que demonstra a origem domiciliar dos participantes da festa de São José do Moreno 2006, pode-se verificar que 116 pessoas, aproximadamente 63% do total, eram representadas por moradores locais; 53 (29%) constituíam antigos moradores, proprietários rurais locais, residentes na cidade de Uberlândia, e parentes de moradores do lugar; e 15 pessoas eram representados por moradores de comunidades vizinhas e outras áreas rurais do município de Uberlândia, aproximadamente 8% do total.

Considerando-se que apenas as pessoas classificadas pelo grupo I constituem, efetivamente, membros “de dentro” da comunidade Tenda do Moreno, o

restante dos participantes, reunidos nos grupos II e III, ou seja, os “de fora”, representavam 37% do total de participantes pessoas nos dois dias da festa de São José do Moreno 2006.

As missas realizadas durante a novena da festa de São José contêm a maioria dos rituais inscritos nas capelas e igrejas católicas, salvo algumas adaptações, como o caso do ritual de benção e purificação das residências, executado ao final das celebrações.

“[...] O mais importante para nós é a santa missa, dentro da qual nós revemos a espiritualidade de São José. Nós realizamos a novena com a benção das casas, das pessoas, é isso que faz a diferença e é o que realmente justifica a nossa fé”.¹⁰⁶

Durante o ritual o padre, na presença do casal de festeiros, percorre todos os cômodos das residências executando uma série de orações e gestos com ramos de folhas, os quais são emersos em recipientes com água benzida nas missas. Com os ramos de folhas nas mãos o padre lança gotas de água nas paredes das casas, simbolizando a purificação das residências (Figura 35).

Ao adentrar nas residências, o padre aproveita a ocasião para abençoar as

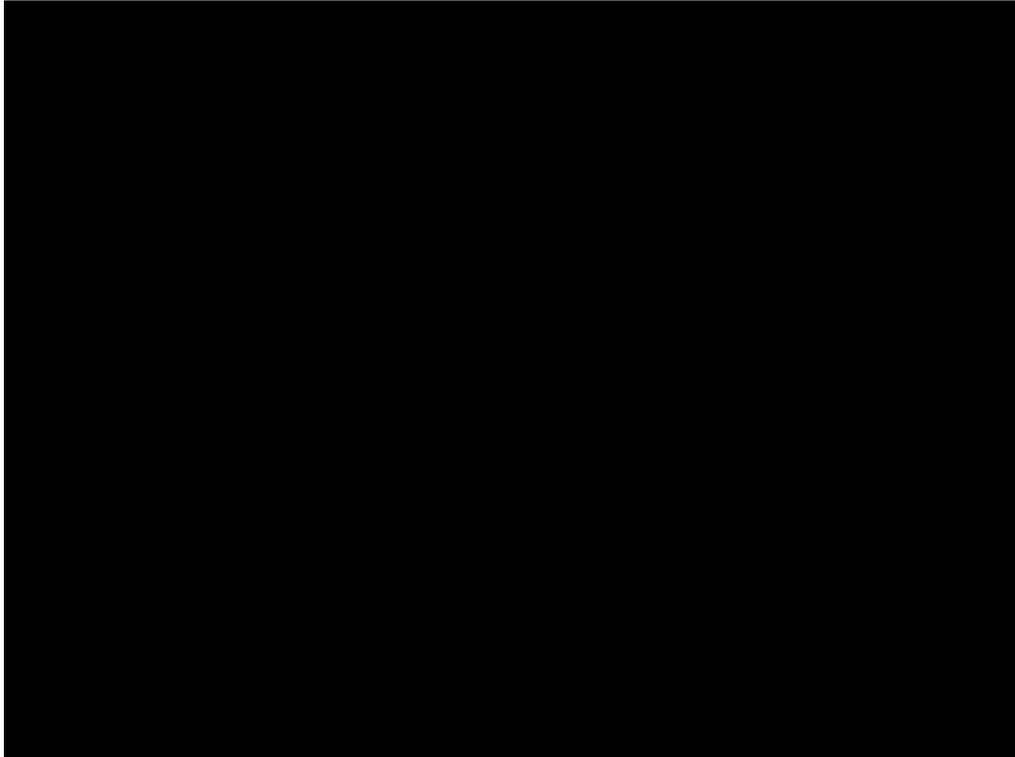


Figura 35 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Olhos D'água: ritual de bênção e purificação das residências sendo executado pelo padre. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

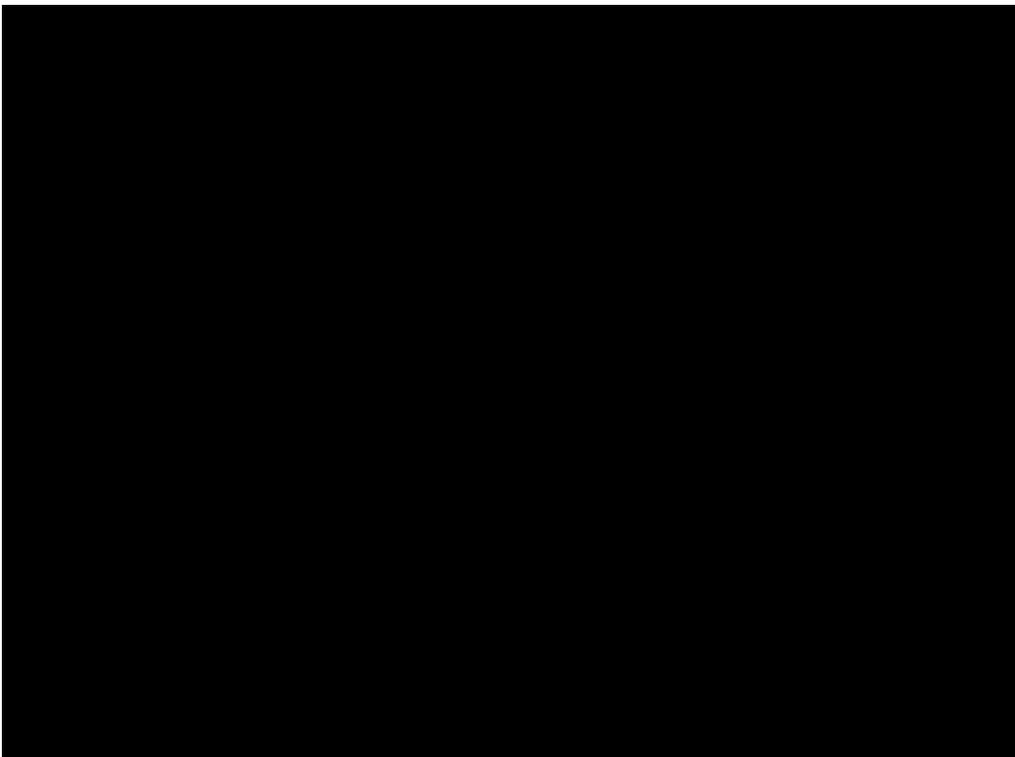


Figura 36 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: padre abençoando as prendas doadas pelos novenários para serem leiloadas. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

O ritual de benção e purificação das residências é considerado, pelos festeiros, como sendo o momento mais importante das novenas, pois entende-se que este protege as casas das “coisas do mal”, ou seja, qualquer tipo de malefício que possa se relacionar à vida das famílias.

Analisando-se os significados atribuídos pelas pessoas ao ritual de benção e purificação das residências, pode-se compreender sua função no que tange à institucionalização do sagrado. Desse modo, o ritual se nutre dos costumes ligados à religiosidade dos moradores locais, visto que não se refere somente àqueles espaços usufruídos pela coletividade, mas podem-se constituir, também, na individualidade, por meio da moradia dos festeiros.

As práticas religiosas presentes na comunidade Tenda do Moreno, aqui entendidas como parte dos resquícios de outros momentos históricos, também se intercomunicam com o mundo da produção, na medida em que seus sentidos e significados vão além dos compromissos religiosos e permeiam também a busca das pessoas pelas realizações materiais da vida.

De certo modo, pode-se dizer que a complexidade do mundo vivido se assenta na influência exercida pela religiosidade, em diferentes esferas do cotidiano dos moradores locais, e institui uma gama de particularidades e conteúdos culturais cujas temporalidades potencializam a reprodução do lugar.

As prendas são caracterizadas por produtos industrializados ou de origem caseira de variados tipos, como bebidas, doces, salgados, quitandas, carnes preparadas e frutas, dentre outras doações (Figura 37).

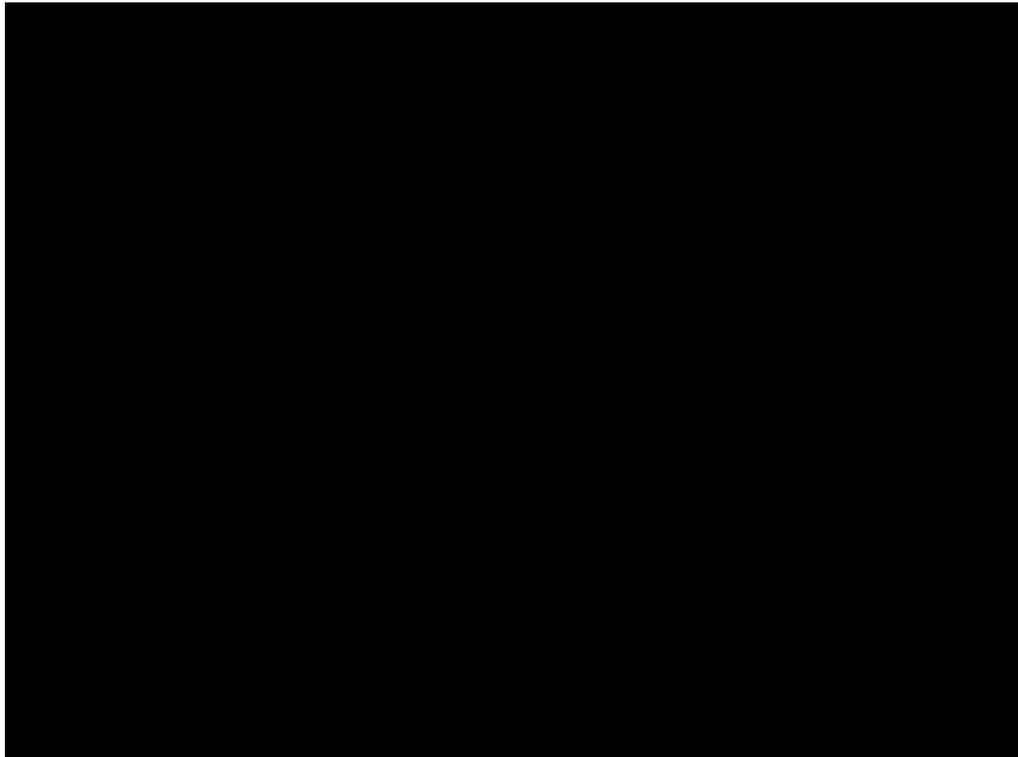
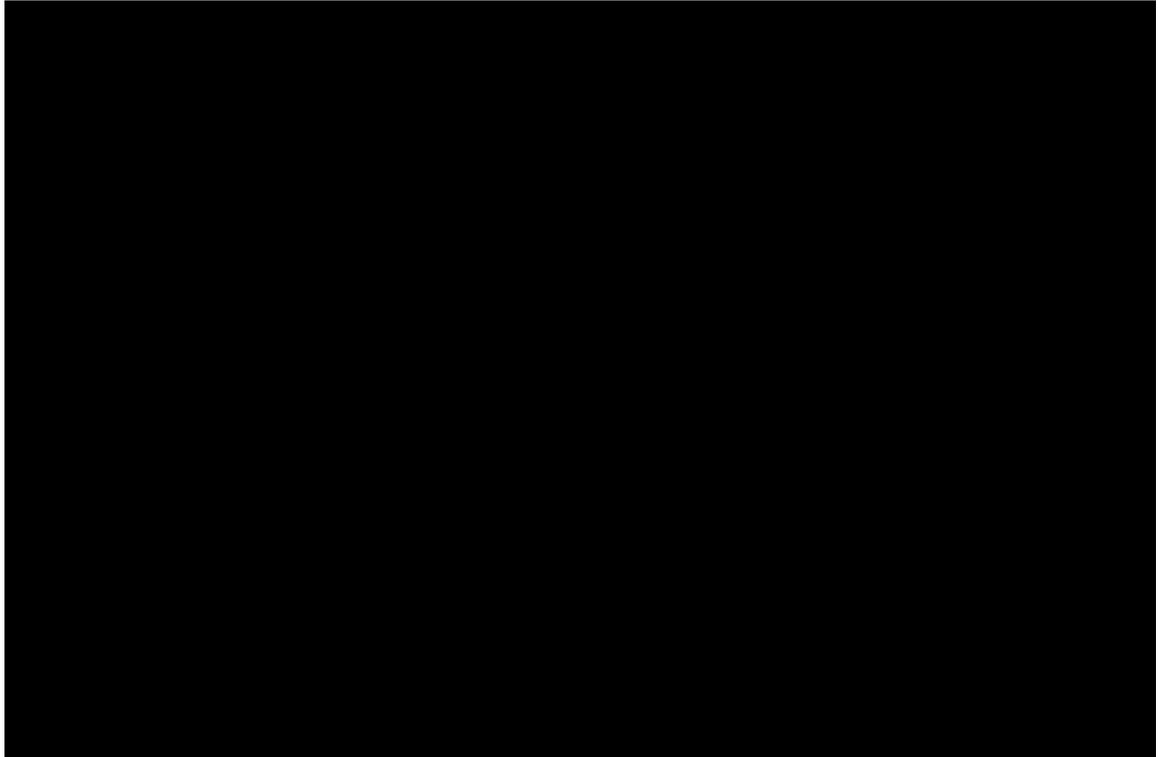


Figura 37 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: variedade de prendas colocadas sobre a mesa. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

No imaginário das pessoas do lugar, o ritual de benção das prendas doadas para a realização dos leilões beneficentes tem o objetivo de tornar sagrado o ato de doação e, também, ajudar a justificar os valores monetários que são estipulados para as prendas, visto que os custos das mercadorias leiloadas se distanciam dos preços de mercado. Além disso, o ato de compra dessas prendas também reflete os compromissos dos devotos para com o santo e a comunidade, ou seja, sua doação para a manutenção das festas religiosas.

Logo após o término dos rituais religiosos, que constituem o momento sagrado da festa de São José, iniciam-se os leilões das prendas, em sua maioria bebidas e alimentos prontos para o consumo imediato. Isso estimula a sua aquisição, por parte das pessoas que permanecem nas residências dos festeiros, após as missas (Figuras 38/39).



Figuras 38/39 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: leiloeiros apresentando as prendas para serem leiloadas. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

O período de realização da festa de São José do Moreno, na maior parte dos anos, coincide com a quaresma¹⁰⁷, época tida pela Igreja Católica como sendo um período de privação, penitência e meditação, sendo recomendado que os fiéis deixem de fazer aquilo que é considerado como prazeroso ou profano.

Desse modo, na comunidade Tenda do Moreno, os festeiros evitam introduzir músicas e danças após os rituais religiosos das novenas. No entanto, percebe-se que as pessoas possuem valores, hábitos e costumes diferenciados, no que se refere às atitudes consideradas impróprias para o período da quaresma.

Cabe analisar como os valores individuais e coletivos definem o “sagrado” e o “profano” nos festejos religiosos, pois percebe-se que os leilões beneficentes não

¹⁰⁷ De acordo com os fundamentos do Cristianismo, a quaresma dura 40 dias. Esse período se inicia na Quarta-feira de Cinzas e se encerra no Domingo de Ramos. Durante esse tempo se recomenda aos fiéis fazerem um esforço para recuperarem o verdadeiro sentido de viver como filhos de Deus. Disponível em:<<http://www.santamaria.org.br/Conteudo.aspx?A=158&C=468>>. Acesso em: 01/2007.

são entendidos como sendo pertencentes aos momentos profanos. Portanto, os recursos econômicos resultantes das vendas das prendas são destinados aos gastos de manutenção da capela e, por conseguinte, representam, no imaginário das pessoas, uma doação ao santo e à instituição Igreja Católica.

O sagrado se apresenta absolutamente diferente do profano, isto é, o primeiro relaciona-se a uma divindade e o segundo, não. A palavra sagrado tem o sentido de separação e definição, em manter separadas as experiências envolvendo uma divindade, de outras experiências que não envolvem, consideradas profanas (ROSENDAHL, 1999, p.231).

Tomando como referência as considerações de Rosendahl (1999), poder-se-ia afirmar que a realização dos leilões beneficentes, bem como do baile de encerramento da festa de São José do Moreno, constituem um momento profano dessa festividade, pois, apesar de serem entendidos pelas pessoas do lugar como sendo uma doação ao santo, não se configuram como uma experiência ligada diretamente à santidade.

Apesar de a dimensão sagrada da festa estar ligada a uma situação idealizada pelo divino, que suscita nas pessoas o respeito e a reverência, o fato de os leilões serem identificados com o plano material da vida humana não retira, desse tipo de prática sócio-cultural, um caráter sagrado, pois os leilões representam doações das pessoas para o santo. Contudo, também permitem ampliar as condições materiais face à sacralidade dos rituais religiosos e estabelecer, por meio destes, o seu compromisso, também, com a comunidade.

Por meio da religiosidade dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, a instituição das práticas sócio-culturais, como o caso dos leilões beneficentes, tidos como momentos sagrados ou profanos da festa, visa promover a sociabilidade comunitária, bem como anunciar possibilidades de os participantes desfrutarem do

seu tempo livre no/com o lugar, obtendo prazeres que somente são possíveis quando mediados e instituídos pelos compromissos religiosos e comunitários.

Desse modo, percebe-se que, no mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno, a separação entre o sagrado e o profano é tênue, diferentemente da rigidez teórico-científica analisada anteriormente por Rosendahl (1999), visto que a religiosidade permeia quase a plenitude dos modos de vida das pessoas, o que reforça as identidades e os pertencimentos das pessoas dev.33117()-212.288(d) do-d

Portanto, compreende-se que a naturalidade com que os participantes aderem aos diferentes momentos da festa se deve ao ambiente de amizade, cordialidade e alegria criado nos dias de realização dos festejos, em termos de envolvimento carismático das pessoas com a comunidade.

Mesmo assim, não se eliminam os conflitos e desencontros de interesses, pois podem existir desavenças e atritos entre os membros da comunidade que parecem serem deixados de lado, ao menos nestas ocasiões, que são imperceptíveis, aos olhos dos outros participantes.

Neste sentido, pode-se entender a importância da mescla entre os aspectos sagrados, representados pelos rituais religiosos, que colocam os indivíduos em contato com as santidades, e os profanos, ligados ao plano material da vida das pessoas do lugar, visto que esses aspectos possuem seus sentidos e significados no mundo vivido dos membros da comunidade e demais participantes da festa de São José do Moreno.

Cabe ressaltar que a variedade de sentidos e significados, embutidos na festa de São José do Moreno, nem sempre podem ser retratados, em vista das dificuldades inerentes ao registro das subjetividades das pessoas que participam dos festejos religiosos.

4.2 – Religiosidade e comunidade: laços, enraizamentos e pertencimentos com o lugar.

Considerando-se a vida social, cultural e religiosa dos membros da comunidade Tenda do Moreno, pode-se perceber que a capela São José do Moreno representa uma centralidade para onde convergem os moradores locais e também ex-moradores e membros de outras comunidades vizinhas, principalmente nas datas religiosas consideradas mais importantes.

No entanto, a expressão da rede de pessoas, que solidifica os laços comunitários com o lugar, não deriva apenas da presença do espaço sagrado da capela, pois as relações sócio-culturais, instituídas nos festejos religiosos, possibilitam a reprodução de hábitos e costumes que fazem parte dos modos de vida dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, bem como nutrem os pertencimentos das pessoas com o lugar, diferentes daqueles descritos e analisados

entende-se que, apesar de as transformações terem desintegrado parte de suas estruturas constitutivas, conforme o caso das práticas comunitárias outrora realizadas pelos moradores locais, os esforços e envolvimento das pessoas para fazerem a festa permitem considerar o grupo social enquanto uma comunidade.

Nas discussões sociológicas sobre o termo *comunidade* aparece uma série de outros, como *sociedade*, *localidade*, e *identidade*. Aliás, alguns autores buscam a explicação do termo por meio da dicotomia *sociedade* (aspectos gerais da vida humana) e *comunidade* (aspectos particulares da vida humana). Existem aqueles que pregam o desuso do termo comunidade na sociedade moderna, considerando *localidade* como sendo substituto do primeiro.

Estabelecendo-se analogias com o mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno, o termo *localidade* não reflete fielmente a rede de relações sociais inscritas no lugar, pois a palavra faz referência somente à base territorial em que se inscreve a comunidade.

Sendo assim, ao se considerar apenas sua base territorial, excluir-se-ia a inserção das pessoas “de fora” no lugar. Os esforços comunitários, direcionados para a realização dos festejos religiosos na comunidade, são possibilitados por meio da rede social, cujos agentes são representados por antigos moradores locais, amigos e parentes dos autóctones, e membros de comunidades rurais vizinhas. Portanto, entende-se que a comunidade se estrutura tanto por sua área territorial quanto pelas relações sociais nela instituídas.

Segundo Maciver & Page (1973, p.124), a comunidade “é uma área de vida em comum. Tem que haver vida em comum com a noção de que se compartilha tanto de um modo de vida quanto da terra comum”.

No caso da Tenda do Moreno, as considerações de Maciver & Page (1973) a respeito de comunidade não se aplicam de maneira completa, pois as características que permitem considerar o lugar enquanto comunidade se referem à influência da religiosidade no mundo vivido, tanto dos moradores locais quanto das pessoas de “fora”, que participam dos festejos religiosos e compartilham aspectos comuns aos seus modos de vida. Esses aspectos permitem aproximações entre as pessoas, as quais se desdobram na elaboração de uma rede de relações sociais capaz de garantir a organização e realização da festa de São José do Moreno.

As práticas culturais envolvidas na realização dos festejos religiosos representam aquilo que os moradores locais e as pessoas de fora podem reproduzir enquanto um grupo social, ou seja, uma comunidade, sem necessariamente conviverem em um lugar de vida comum.

Desse modo, as pessoas “de fora” que participam na realização dos festejos religiosos são motivadas por interesses comuns aos membros da comunidade Tenda do Moreno, ou seja, a prática da religiosidade católica. Isto proporciona aos visitantes a oportunidade de viverem, a partir dos resíduos das relações sociais ou práticas culturais de outros momentos históricos, formas de vida social, cultural e religiosa que lhes proporcionam possibilidades de enfrentar as contradições do mundo vivido na modernidade.

Os homens participam de uma comunidade em virtude das coisas que possuem em comum. O que eles precisam ter em comum para constituírem uma comunidade são objetivos, crenças, aspirações, reconhecimento, uma compreensão [...]. Toda vez que os homens vivem em coletividade, desenvolvem-se, em algum grau, aspectos comuns bastante determinados, como formas de comportamento, tradições, maneiras de falar, etc, que constituem os sinais e os resultados de uma vida comum efetiva (FERREIRA, 1968, p.4, 9).

A aproximação entre os moradores locais e as pessoas “de fora” só se torna possível devido ao fato de compartilharem hábitos e costumes comuns, os quais não podem ser vivenciados fora do lugar, principalmente no caso de antigos moradores, os quais já viveram na comunidade Tenda do Moreno. Sendo assim, o retorno ao local de origem possibilita manter os esforços comunitários que estruturam a rede de relações sociais elaboradas para se realizarem os festejos religiosos, bem como aprofundar os laços sociais entre as pessoas e de pertencimento com o lugar.

Uma comunidade de base pode ser construída a partir de elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma mesma família. [...] Partilhar de uma mesma fé religiosa entre irmãos que se reconhecem filhos de um Deus criador é um cimento eficaz. De toda maneira, a vida de uma comunidade tem necessidade de uma base territorial: a distância cria um obstáculo muito real às relações nas quais se baseia (CLAVAL, 2001, p.114).

De certo modo, o fato de os antigos moradores não residirem no lugar inviabiliza um envolvimento maior destes na organização dos festejos religiosos. Contudo, as estratégias e os arranjos produzidos pelos membros da comunidade Tenda do Moreno permitem diminuir os obstáculos impostos pela distância entre a localidade e a cidade de Uberlândia, principalmente, no que se refere aos períodos festivos. Portanto, as festas são programadas para serem realizadas nos finais de semana e feriados, tidos como dias favoráveis para se desfrutar o tempo livre.

Nas pesquisas de campo, procurou-se entender as causas que dificultam o maior envolvimento dos antigos moradores na organização e participação nos festejos religiosos da comunidade Tenda do Moreno. Neste sentido, obtiveram-se algumas interpretações das pessoas do lugar.

“De primeiro o povo tinha parece mais amor mesmo né, hoje não tá virando não, tá muito desiludido o povo, não sei se é porque esparramou igreja demais e o povo andou indo pra cidade né, e as condições de vida também vai ficando custosa né sô, uma pobreza que o povo tá né. Às veiz cai muito isso aí porque faz aí uma missa, o cara às veiz pra vim da cidade pra cá ele fica pensando, eu vou gastar quinze, vinte contos de gasolina, isso pode

*fazer falta né. Então ele aí já tem lá e ele fica lá mesmo, não se é isso que desiludiu muito essas capela aqui”.*¹⁰⁸

Pode-se perceber que a instituição da comunidade se insere no lugar por meio da elaboração de estratégias por parte da rede social. Estas são configuradas pelos arranjos estabelecidos pelos agentes que visam diminuir os obstáculos ligados à duração dos eventos, ao deslocamento e permanência das pessoas de “fora”, bem como das escolhas quanto aos dias de realização dos festejos religiosos.

Com isso procura-se garantir a participação de maior número de pessoas nos encontros comunitários, sendo que o tempo de deslocamento das pessoas “de fora” não se torna um empecilho e contribui para sustentar a rede social, a partir da sua atuação conjunta com os moradores da comunidade Tenda do Moreno.

Outra importante estratégia inscrita na realização dos festejos religiosos, principalmente na festa de São José do Moreno, refere-se ao papel das redes familiares, que atuam no sentido de disponibilizar ajuda aos festeiros “de fora”, que não possuem propriedades rurais na comunidade, mas que contam com amigos ou parentes residindo no lugar.

Neste caso, a colaboração dos membros familiares permite o estabelecimento de relações sociais no interior do grupo social e se constitui em importantes “nós” ou matrizes da rede social. Esses “nós” são responsáveis pela elaboração de ações e arranjos necessários à organização da festa, bem como aos encontros entre os moradores da comunidade.

No contexto das relações sociais, produzidas a partir das redes sociais, fortalecidas pela atuação política das famílias residentes na comunidade Tenda do

¹⁰⁸ Pesquisa de campo realizada com E.R.M. (75 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

Moreno, assenta-se o lugar, tido como espaço socialmente construído, onde se encontra o substrato sócio-cultural e religioso que estimula as ações das pessoas, reunidas por intermédio das redes, por meio dos vínculos com a religiosidade católica.

Portanto, a rede social se faz presente, no lugar, por meio das ações e arranjos criados pelas famílias dos festeiros “de fora”, as quais concedem o espaço de suas residências para a realização das novenas da festa de São José e, também, auxiliam nos preparativos para receber os visitantes.

Neste sentido, pode-se perceber que a rede social, elaborada por meio de ações voltadas à instituição da festa, define-se pelos esforços coletivos realizados pelos moradores da comunidade e das pessoas “de fora”, cuja participação está condicionada às suas relações de parentesco, vizinhança ou amizade com pessoas que vivem ou se consideram como sendo “de dentro” do lugar.

Em certos casos, o empréstimo dos locais de moradia para os festeiros “de fora” também representa, para seus anfitriões, a oportunidade de “receberem o santo”, nas suas residências, por dois ou mais anos consecutivos.

A inserção das pessoas de “fora”, no lugar, acontece a partir das relações sociais produzidas pela rede social e instituídas na realização dos festejos religiosos. Desse modo, sua ligação com o lugar está baseada no fato de compartilharem aspectos comuns da religiosidade dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, que promovem sua participação no lugar por meio do envolvimento nas festas. Essas manifestações religiosas reúnem aspectos residuais de relações sociais e valores morais típicos de outras temporalidades sociais, que se apresentam no lugar

como possibilidade de as pessoas vivenciarem momentos de sociabilidade comunitária.

Sendo assim, a festa se apresenta como uma manifestação do lugar que envolve pessoas cujas motivações comuns são representadas pela possibilidade de vivenciarem práticas culturais e religiosas necessárias e presentes no cotidiano, mas originadas em outros momentos históricos.

Cabe ressaltar que a prática da religiosidade, no lugar, se dá por meio da rede social de relações estabelecidas entre os membros da comunidade, a qual permite o encontro das pessoas durante a realização da festa. Neste sentido, a festa é tida como um evento comunitário e representativo do modo de vida rural desta comunidade.

Portanto, a rede social se configura por meio de diversos participantes, inclusive das pessoas “de fora”, cuja atuação também se define por suas carências de espaço e tempo para vivenciarem práticas culturais e religiosas no contexto, do seu lugar de origem.

Analisando-se o envolvimento dos agentes que constituem a rede social no lugar, percebe-se que partilhar da mesma religiosidade das pessoas “de dentro” possibilita aos “de fora” reproduzirem acordos que visam atender novas necessidades que não estão mais vinculadas somente à produção de gêneros de primeira necessidade, mas ao lazer e à sociabilidade proporcionados a partir das festas da comunidade Tenda do Moreno.

O papel das redes familiares também constitui uma contribuição, no que se refere ao incremento numérico de participantes durante a realização dos festejos

religiosos, por meio de convites que incentivam a presença de parentes, mesmo sendo “de fora”, pois a condição de parentesco elimina as desconfianças por parte das pessoas do lugar.

Em alguns casos a participação e a dedicação dos familiares que não residem no lugar, durante os festejos religiosos, podem propiciar-lhes a condição de *status* necessária para serem escolhidos como festeiros (Figura 40).

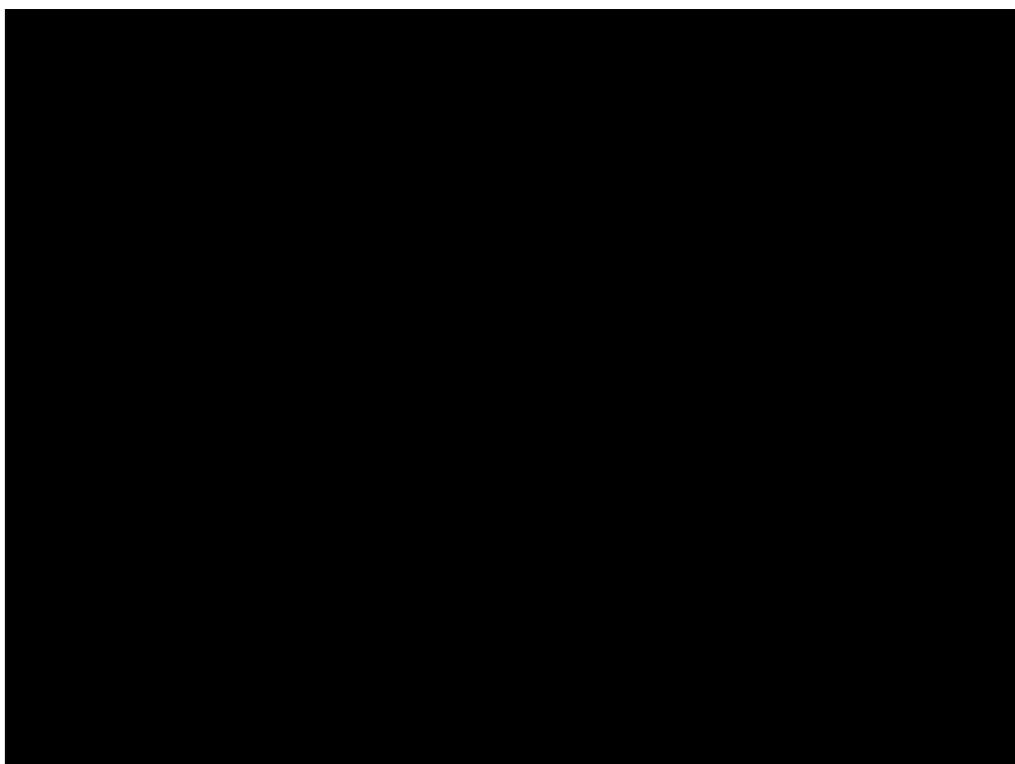


Figura 40 – Comunidade Tenda do Moreno – Fazenda Pindaíba: casal de festeiros da festa de São José 2006 (lado direito) e o casal de festeiros escolhidos para o ano de 2007 (lado esquerdo), ambos casais residentes na cidade de Uberlândia. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Na medida em que os membros da comunidade reconhecem, nessas pessoas, seu prestígio social, devoção religiosa e capacidade de liderança, a oportunidade para se constituírem organizadores da festa se torna uma realidade. Sendo assim, as escolhas dos festeiros são realizadas de maneira pensada e analisada para se garantir o sucesso da festa no próximo ano e evitar críticas por parte dos participantes, pois os créditos ou descréditos são atribuídos tanto aos

festeiros que transmitem as responsabilidades quanto aos que recebem as atribuições.

Os reconhecimentos do trabalho realizado por parte dos festeiros, no que se refere à continuação das festas, são possibilitados pelos acordos firmados entre os antigos festeiros e seus sucessores, que permitem manter suas condições de *status* social perante a comunidade.

Desse modo, os festeiros anteriores acompanham “de perto” as atividades daqueles que os sucedem na função de organizadores da festa de São José, principalmente quando esses últimos são novatos, ou seja, estão desenvolvendo as funções pela primeira vez.

*“Antigamente era bão demais as reuniões, hoje é muito diferente a animação, o baile. Hoje nem baile mais naum tem, de uns seis ou mais anos pra cá naum pode mais fazê o baile por causa que veio os pessoal, os rapaizinho de fora que só caçava encrenca, aí acabou os baile. Antigamente nós organizava os baile e era quatro hora da manhã quando tava acabando os baile”.*¹⁰⁹

Os festeiros e membros da comunidade sempre que necessário, incorporam novidades e fazem adaptações na organização e realização da festa de São José, com o objetivo de garantir os encontros religiosos e a prática da religiosidade dos participantes, bem como os momentos lúdicos de sociabilidade e lazer. Segundo alguns moradores e ex-festeiros, os bailes dançantes realizados no dia de encerramento das festividades foram paralisados durante alguns anos, sendo retomados no ano de 2005, por iniciativa dos festeiros.

Dentre os fatores identificados nas pesquisas de campo, a presença de pessoas “estranhas”, ou seja, visitantes externos ao círculo social da comunidade,

¹⁰⁹ Pesquisa de campo realizada com C.A.R. (35 anos) – Comunidade Tenda do Moreno, município de Uberlândia/MG.

foi o principal motivo para a interrupção dos bailes dançantes na festa de São José, ainda na época em que a mesma era realizada no salão paroquial¹¹⁰ da capela São José do Moreno (Figura 41).

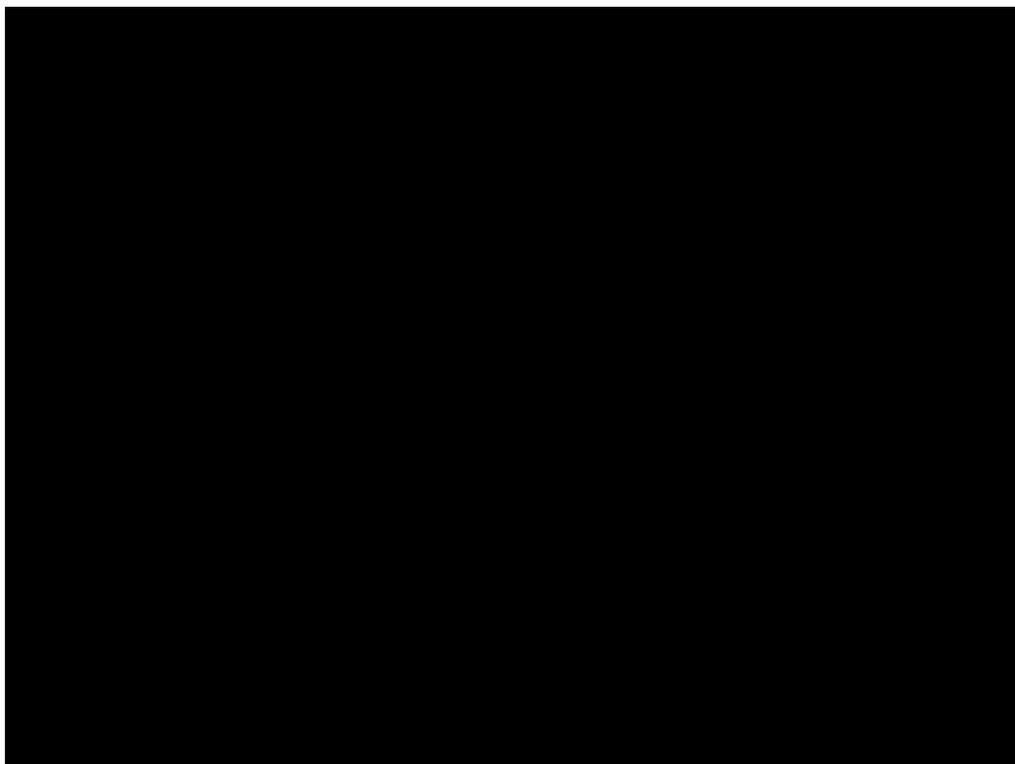


Figura 41 – Comunidade Tenda do Moreno: antigo salão paroquial da comunidade localizado ao lado da Capela São José do Moreno. Autor: ANDRADE, R.B.de. Data: 03/2006.

Além da interrupção dos bailes, os festeiros e moradores locais tomaram outra iniciativa, no sentido de evitar a presença de pessoas sem nenhum vínculo social com a comunidade e, conseqüentemente, os estranhamentos, na festa. Sendo assim, as novenas deixaram de ser realizadas na capela São José do Moreno e se transferiram para as residências dos festeiros, fazendo com que se limitasse ou se inibisse a presença de “pessoas estranhas” nos rituais e eventos festivos.

¹¹⁰ Atualmente, o salão paroquial que abrigava parte dos festejos religiosos se encontra parcialmente demolido. Dois motivos foram citados quanto ao seu desuso: a “poluição visual” causada na fachada da capela, por estar localizado ao lado desta; e a falta de funcionalidade, devido à extinção dos bailes na festa de São José.

Pode-se perceber como a rede social se protege e se estrutura por meio de estratégias que visam manter firmes seus “nós” sociais, representados pelas relações de parentesco, vizinhança e amizade, e reproduzir a festa de São José do Moreno enquanto uma prática religiosa comunitária característica do lugar.

Neste caso, as famílias se apresentam como uma instituição capaz de possibilitar a reprodução dos acordos firmados pelos sujeitos da rede social, no que se refere às motivações comuns compartilhadas sob os vínculos com a religiosidade católica, os quais criam aproximações das pessoas ou grupos sociais com interesses similares em relação à festa.

Neste sentido, percebe-se que a comunidade consegue se reunir e instituir compromissos do grupo social com o lugar. Claro está o fato de que ocorrem adaptações nas diferentes etapas de organização e realização da festa do padroeiro.

Conforme se analisou no segundo capítulo, a reprodução dos festejos em louvor aos santos católicos representa uma prática social antiga, vinculada à religiosidade católica popular, que independe do auxílio dos membros da Igreja Católica, pois acontece por iniciativa das pessoas do lugar.

Pode-se perceber que as iniciativas dos festeiros e moradores locais para manter a tradição da festa de São José como manifestação do espaço vivido fortalece o papel da religiosidade e da sociabilidade comunitária nas formas de pertencimento ao lugar, bem como na consolidação da instituição da festa e da comunidade Tenda do Moreno na atualidade (2007).

Desse modo, o lugar se mantém vivo, particularizado pela mescla de elementos tradicionais e modernos, que instituem uma complexidade de relações fomentadas pelas diferentes temporalidades sociais, as quais se encontram no mesmo espaço. Para as pessoas participantes das festividades, a influência da religiosidade nos seus modos de vida anuncia possibilidades de se viver no lugar aquilo que não se consegue obter em outros espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do desenvolvimento deste trabalho o entendimento dos conceitos chave da Geografia, dentre eles espaço, paisagem, território e lugar, foi extremamente importante para se delinearem os caminhos teórico-metodológicos da pesquisa.

A interpretação da problemática de estudo se deu no sentido de analisar as transformações ocorridas no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno que permitem entender a (re)construção do lugar.

Desse modo, enfocou-se o mundo vivido das pessoas do lugar a partir dos costumes, das práticas culturais e religiosas, bem como das relações sociais de produção. O objetivo era analisar o processo de (re)construção do lugar e os arranjos sociais e culturais que permitem às pessoas integrarem-se socialmente, enquanto uma comunidade em pleno século XXI.

Considerando-se esta uma pesquisa vinculada à Geografia Cultural, foi necessário estabelecer alguns elos interdisciplinares com outras ciências humanas, dentre elas, a História, a Sociologia e a Antropologia.

Partindo-se das contribuições dessas ciências, aqui entendidas como sendo afins à Geografia Cultural, buscou-se analisar e compreender as origens históricas da formação sócio-cultural e espacial da comunidade Tenda do Moreno.

Neste sentido, a incursão histórica realizada até o período de ocupação do município de Uberlândia permitiu entender o contexto social e cultural em que foi

sendo alicerçado o surgimento das primeiras propriedades rurais que originaram a comunidade Tenda do Moreno.

Por meio das investigações a respeito das relações estabelecidas entre as populações pioneiras, no seu cotidiano de vida, durante a ocupação das primeiras propriedades rurais no município de Uberlândia, por conseguinte na comunidade Tenda do Moreno, pôde-se compreender o papel da cultura, a partir das técnicas, tecnologias e saberes, na construção do lugar.

Com relação à formação sócio-territorial da comunidade Tenda do Moreno, entendeu-se que sua origem está ligada à fragmentação de sesmarias, primeira forma de ocupação do espaço rural no município de Uberlândia, em pequenas propriedades. Esse processo aconteceu de forma gradativa, pois a criação de núcleos familiares de vizinhança originou diversos bairros rurais que, por conseguinte, foram centralizados pela comunidade.

Nas pequenas propriedades, baseadas no modelo agrário de produção de subsistência, a mão-de-obra familiar, a ajuda-mútua, a religiosidade católica, os costumes relacionados à propriedade da terra e as técnicas, saberes e conhecimentos relacionados à natureza permitiram às populações da comunidade Tenda do Moreno criarem formas de enfrentarem seus conflitos e tensões sociais, bem como manifestarem pertencimentos no/com o lugar.

Contudo, as mudanças incorporadas às paisagens rurais do município de Uberlândia, a partir da modernização das atividades agropecuárias, no início da década de 1970, provocaram transformações no mundo vivido dos pequenos produtores da comunidade Tenda do Moreno.

No que tange às transformações no mundo vivido da comunidade, percebeu-se que as demandas do mercado por produtos hortifrutigranjeiros e as imposições da reprodução do capital foram responsáveis pelo abandono da produção familiar de subsistência familiar e a especialização produtiva das pequenas propriedades em hortifruticultura, a partir da década de 1980.

Pôde-se perceber que as transformações no mundo vivido da comunidade Tenda do Moreno não se restringiram aos processos produtivos agropecuários, visto que se refletiram, também, no desaparecimento das práticas de ajuda-mútua, as quais representavam um importante elemento da sociabilidade comunitária e alimentavam parte das identidades e pertencimentos das populações com o lugar.

Aliada ao desaparecimento das práticas de ajuda-mútua e à nova lógica de produção agropecuária deu-se a redução dos momentos de sociabilidade comunitária entre os moradores locais, pois parte desses eventos foram inviabilizados pela diminuição do tempo livre, devido à subordinação dos pequenos produtores ao mercado e à necessidade da reprodução do capital.

Portanto, parte dos conteúdos sócio-culturais e religiosos que estruturavam o mundo vivido das populações tradicionais na comunidade Tenda do Moreno passou a residir somente no imaginário e nas lembranças das pessoas do lugar, bem como de antigos moradores.

Ao longo do trabalho pôde-se compreender o importante papel da religiosidade católica no mundo vivido dos moradores da comunidade Tenda do Moreno, desde a época de sua formação, na primeira metade do século XIX, seja por meio da realização de festejos nas residências, cruzeiros ou na capela local, cuja

construção atendeu às necessidades coletivas de se possuir um espaço comum para a prática dos rituais religiosos católicos.

Sendo assim, compreendeu-se que, como elemento integrador da comunidade, restaram-se as práticas sócio-culturais e religiosas ligadas à religiosidade católica, por meio da realização dos festejos religiosos, principalmente no que se refere à festa de São José do Moreno, padroeiro local.

Neste sentido, a festa do padroeiro da comunidade foi permeada por arranjos sociais e culturais necessários à manutenção dos costumes ligados à religiosidade católica das pessoas do lugar, bem como de antigos moradores, parentes de autóctones e membros de comunidade vizinhas.

Apesar das mudanças impostas à reprodução das práticas religiosas na comunidade Tenda do Moreno, no que tange à união de esforços entre os moradores locais e pessoas “de fora”, a festa de São José do Moreno se apresenta como manifestação do lugar e também como possibilidade de integração da comunidade.

Cabe ressaltar que as mudanças impostas ao lugar Tenda do Moreno não cessam, pois a sucessão de tempos históricos submete o espaço a um processo contínuo de transformações, as quais podem suscitar a construção de outras problemáticas sociais para a comunidade estudada e, conseqüentemente, outras pesquisas.

Levando-se em conta as aspirações relacionadas à realização deste trabalho, os resultados alcançados demonstram a necessidade de o pesquisador estar sempre comprometido com as pesquisas empíricas, como forma de elucidar ou

contrapor os conhecimentos teóricos e enfrentar as complexidades e contradições presentes no cotidiano da vida moderna.

Portanto, as categorias espaço e tempo se mostram essenciais no entendimento do movimento que as relações e práticas sócio-culturais, religiosas e econômicas promovem no mundo vivido, o qual coloca os geógrafos em constante confronto com novas problemáticas de estudo.

No caso desta pesquisa, as transformações que vêm sendo incorporadas no espaço da comunidade Tenda do Moreno, as quais não foram aqui delimitadas como problemáticas de estudo, podem suscitar a proposição de novos trabalhos, possivelmente seguindo o caminho da análise dos impactos que poderão ser causados pela chegada de elementos e conteúdos urbanos no cotidiano rural do lugar.

Desde a segunda metade da década de 1990, a expansão territorial urbana, orientada para a porção leste da cidade de Uberlândia, principalmente pela criação dos bairros Morumbi, Joana Darc e Prosperidade, e alguns assentamentos populacionais “ilegais”, vem ocasionando a aproximação das bordas urbanas em direção à comunidade Tenda do Moreno.

Pode-se dizer que algumas propriedades rurais, localizadas na área de abrangência da comunidade, atualmente (2007) fazem limite com os bairros citados anteriormente, sendo que, destes, o Morumbi dista cerca de dez quilômetros do centro comunitário da Tenda do Moreno.

De certo modo, a proximidade da localidade em relação à área urbana do município de Uberlândia, aliada à criação de serviços orientados para o lazer, por

meio de ações particulares de alguns proprietários rurais, vem provocando um fluxo de visitantes, atraídos por diferentes opções de lazer no espaço rural da comunidade.

Devido à construção da barragem da usina hidrelétrica Amador Aguiar I, localizada no rio Araguari, e o enchimento de seu lago, que ocorreu no primeiro semestre de 2006, essas atividades de lazer tendem a diversificar e, com isso, intensificar os usos e apropriações do espaço.

Mais recentemente, no segundo semestre de 2006, a administração municipal concluiu as obras de pavimentação da estrada do *Pau Furado*, que liga a cidade de Uberlândia à comunidade Tenda do Moreno, e também à usina hidrelétrica, mencionada anteriormente. Certamente, o fluxo de pessoas e automóveis em direção à localidade sofrerá um acréscimo, o que poderá ocasionar impactos positivos e/ou negativos no cotidiano de vida dos produtores rurais.

REFERÊNCIAS

ALEM, João Marcos. Representações Coletivas e História Política em Uberlândia. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.4, p.79-102, jan-jun.1991.

ALVES, Kelen Borges et al. Patrimônio Edificado: história e características arquitetônicas. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.25-68.

ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, Desterritorialidades, Novas Territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.213-220.

ARANTES, Jerônimo. *Como Fizeram Uberlândia*. Uberlândia: [s.n.], 1972.

_____. *Memórias Históricas de Uberlândia: formação da cidade*. 2 ed. Uberlândia: Zardo, 1982.

_____. De onde Uberlândia veio. *Rev. Uberlândia Ilustrada*, Uberlândia, n.6, p.3-30, jul.1940.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p.7-24.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 8.ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p.1-16.

BRANCO, Elaine Regina; GUIMARÃES, Raul Borges. Eu, os Outros e o Lugar: contribuição da teoria das representações sociais na geografia. *Revista Formação*, Presidente Prudente, v.2, n.12, p.119-130, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, Colher, Comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1981.

BROCHARD, Victor. A Moral Antiga e a Moral Moderna. Tradução de Jaimir Conte. *Cadernos de Ética e Filosofia Política*, São Paulo, n.8, p.133-146, jan-jun.2006.

BUTTNER, Anne. Aprendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982. p.165-194.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 8 ed. São Paulo: 34, 1997.

CARA, Roberto Bustos. Territorialidades e Identidade Regional no Sul da Província de Buenos Aires. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.261-269.

CARLEIAL, A. Trabalho e Redes de Solidariedade aos Migrantes. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, v.4, n. 119 (124), 2002. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn119124.htm>>. Acesso em: janeiro de 2006.

CARLOS, Ana Fani A. Definir o Lugar. In: _____. *O Lugar no/do Mundo*. Hucitec: São Paulo, 1996. p.19-27.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. 5 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006. v. 2. p. 17-92.

CASTORIADIS, Cornelius. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CICOUREL, Aaron. Teoria e Método em Pesquisa de Campo. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Alba Zaluar Guimarães. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.87-121.

CLAVAL, Paul.

FERREIRA, Francisco de Paula. *Teoria Social da Comunidade*. São Paulo: Herder, 1968. p.1-62.

FICHTER, J.H. Definições para Uso Didático. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Cia Editora Nacional / EdUSP, 1973. p.153-155.

FOOTE-WHITE, William. Treinando a Observação Participante. In: ZALUAR, Alba (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Cláudia Menezes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.77-86.

GUIMARÃES, Eduardo Nunes. A Transformação Econômica do Sertão da Farinha Podre: o Triângulo Mineiro na divisão inter-regional do trabalho. *História & Perspectivas*, Uberlândia, n.4, p.7-35, jan-jun.1991.

HAESBAERT, Rogério. Identidades Territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.169-190. (Série Geografia Cultural).

HOLZER, Werther. Paisagem, Imaginário, Identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p.149-168. (Série Geografia Cultural).

LOURENÇO, Luís Augusto Bustamente. *A Oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista – Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Uberlândia: EdUFU, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A Vida do Cotidiano no Mundo Moderno*. Tradução de Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. p.17-33.

_____. *Introdução à Modernidade*. Tradução de Iehovanira Chrysóstomo de Souza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p.155-183.

_____. *La Présence et L'absence*. Paris: Casternan, 1980.

LUTFI, Eulina Pacheco.; SOCHACZWESKI, Suzanna; JAHNEL, Teresa Cabral. As Representações e o Possível. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.87-98.

MACIVER, R.M.; PAGE, Charles H. Comunidade e Sociedade como Níveis de Organização da Vida Social. In: FERNANDES, Florestan (Org.). *Comunidade e Sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Cia Editora Nacional / EdUSP, 1973. p.117-131.

MAIA, Carlos Eduardo S. Ensaio Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, R.L.(Orgs.). *Manifestações da cultura no espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. p. 191-218. (Série Geografia Cultural).

MALINOWSKI, Bronislaw. Objetivo, Método e Alcance desta Pesquisa. In: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Tradução de Olga Lopes da Cruz. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986. p.39-61.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997. p.9-24.

_____. *O Cativo da Terra*. 2 ed. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas, 1981.

_____. As Temporalidades da História na Dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o Retorno à Dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.13-23.

MEDEIROS, Rosa Maria Vieira. *Camponeses, Cultura e Inovações*.

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Hucitec, 1982. p.37-45.

SANTOS, Rosselvelt José. Pesquisa Empírica e Trabalho de Campo: algumas questões acerca do conhecimento geográfico. *Revista Sociedade & Natureza*. Uberlândia, ano 11, n.21-22, p.111-125, jan-dez.1999.

_____ et al. Significados das Festas: costumes, tradições e saberes. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.100-120.

_____ et al. Toponímia. In: SANTOS, Rosselvelt José; ALVES, Kelen Borges (Orgs.). *Registro do Patrimônio Cultural e Edificado das Áreas Diretamente Afetadas, de Entorno e de Influência das Usinas Hidrelétricas de Capim Branco I e II*. Uberlândia: Composer, 2005. p.69-86.

SAUER, Carl O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p.13-30.

SCHERER-WARREN, Ilse. Redes Sociais: trajetórias e fronteiras. In: DIAS, L.C.; SILVEIRA, R.L.L.da (Orgs.). *Redes, Sociedades e Territórios*. Santa Cruz do Sul: EdUNISC, 2005. p.29-50.

SEEMANN, Jörn. A análise da Toponímia como dimensão histórica na Geografia Cultural. In: União Geográfica Internacional. Comissão sobre o enfoque cultural na Geografia. Reunião do Rio de Janeiro, 2003, Rio de Janeiro. *Anais eletrônicos: Dimensões Históricas da Relação entre Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UFRJ. 2003. p. 1-20.

SILVA, Armando Corrêa da. O Território da Consciência e a Consciência do Território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura (Orgs.). *Território: globalização e fragmentação*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996. p.257-260.

SILVEIRA, Priscilla Rúdis Mota da. A Manifestação da Festa de Pessach em seu Espaço e Tempo de Tradição, Identidade e Simbolismo. *Espaço e Cultura – NEPEC*. Rio de Janeiro, n.21, p.68-77, jan. 2007.

SOARES, Beatriz Ribeiro; CAVALINI, Maria Benedita; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. O Espaço Rural de Uberlândia no Ano de seu Centenário. *Cadernos de Geografia*. AGB – Uberlândia, n.2, dez.1988. 53p.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Barcelona, n.5, p.93-103, jul. 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/nova.htm>>. Acesso em: 21 mar. 2003.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central – História da Criação do Município de Uberlândia*. 1 ed. Uberlândia: Gráfica Uberlândia, 1970. 2 v.

TROLL, Carl. A Paisagem Geográfica e a sua Investigação. *Espaço e Cultura – NEPEC*. Rio de Janeiro, n.02, p.1-7, jun. 1996.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN, Klaas. *O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: EdUNB, 1997.

WWF - FUNDO MUNDIAL PARA A NATUREZA. Programas e Políticas Públicas que Influenciaram a Expansão Agrícola no Cerrado. *De Grão em Grão, o Cerrado Perde Espaço – Cerrado: impactos do processo de ocupação*. Brasília/DF, p.18-22, maio de 1995.

YÁZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p.161-177.

Sites Consultados:

EMATER/MG – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.emater.mg.gov.br>>. Acesso em: dezembro de 2006.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Disponível em: <<http://www.cnpqg.embrapa.br/publicacoes/ct/ct04/06glossario.html>>. Acesso em: junho de 2006.

MUSEU DO ORATÓRIO. *Oratórios*. Disponível em: <http://www.oratorio.com.br/port/colecao_txt.asp?id_categoria=1&id_subcategoria=0>. Acesso em: junho de 2006.

PAULO II, Papa João. *Audiência: São José, padroeiro universal da igreja*. Disponível em: <http://www.vatican.net/holy_father/john_paul_ii/audiences/2003/documents/hf_jp-ii_aud_20030319_po.html>. Acesso em: 12/2006.

PIVELLO, Vânia R. *Cerrado*. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br/CDBRASIL/ITAMARATY/WEB/port/meioamb/ecossist/cerrado/index.htm>>. Acesso em 04/2006.

QUARESMA. *O que é a quaresma*. Disponível em: <<http://www.santamaria.org.br/Conteudo.aspx?A=158&C=468>>. Acesso em: 01/2007.

SEAGRI – Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária da Bahia. *Olerícolas*. Disponível em: <<http://www.seagri.ba.gov.br/Tomate.htm>>. Acesso em: 01/2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)